Boanerges B. Castro

Simbolismo dos Números na Maçonaria

Livraria Maçônica Paulo Fuchs

O Simbolismo dos Números na Maçonaria

Boanerges B. Castro

Benemérito da Aug.·. e Resp.·. Loj.·. Simb.·. "**Benso di Cavour**"
Or.·. de Juiz de Fora - Minas Gerais

3ª Edição

Livraria Maçônica Paulo Fuchs
São Paulo, SP – **11 5510-0370** internet: **www.livrariamaconica.com.br**
setembro de 2002.

**Meu Ir.·., se conhecer alguém da família do Autor,
por gentileza, peça para entrar em contato com esta Livraria**.

Indice

Apresentação

No decorrer de longos anos de Maçonaria, sempre nos implicou o fato de que os Rituais dos três Graus Simbólicos incluíssem em suas instruções o estudo dos Números, sem esclarecimentos outros que uma simples súmula dos assuntos!

Implicou, ainda, o método como têm sido ministradas estas Instruções: uma simples leitura, nenhum comentário e deixando ressaltar a impressão de que todos se encontram aflitos para se livrarem daqueles textos cabulosos e incompreensíveis!

Resolvemos, por isto, empreender um estudo sério a fim de lançar um pouco de "luz" sobre aqueles textos, procurando interpretar o seu simbolismo e oferecer, ao estudante, uma base compreensiva em que ele pudesse se firmar para maiores e melhores interpretações.

Não se pode dizer que o nosso trabalho é inteiramente original. Também não é uma simples compilação! É um estudo honesto, no qual colocamos parte de nossos escassos conhecimentos sobre o assunto, valemo-nos de Obras Maçônicas e profanas procurando com tudo isto uma simplificação para a inteligência dos textos.

Muita coisa foi quase que integralmente copiada, mas outras fluíram do pouco que sabemos. Cremos que o mérito reside apenas na pesquisa judiciosa que fizemos e na forma como estruturamos os vários elementos esparsos, dando-lhes uma redação capaz de tornar o assunto compreensível e útil para aqueles que têm necessidade de estudá-lo.

O Autor

"Convém explicar o emprego de figuras geométricas e as freqüentes alusões aos números, que se vêem em todas as escrituras antigas, como nos "Puranas", no "Livro dos Mortos" do Egito e até mesmo na "Bíblia". No "Livro de Dzyan",tal como na "Cabala", há duas classes de numeração que é preciso estudar: os algarismos,que algumas vezes são simples véus, e os Números Sagrados, cujos valores são conhecidos pelos ocultistas através da Iniciação. Os primeiros são meros signos convencionais; os segundos constituem o símbolo fundamental de tudo. Vale dizer: aqueles são puramente físicos, e estes, metafísicos; existindo entre uns e outros relação igual à ***Matéria*** *e o Espírito, os pólos extremos da Sabedoria Una*".

Helena Petrovna Blavatsky

"A Doutrina Secreta"

"As criações mais insignificantes, assim como as de maior porte, não se distinguem entre si por suas quantidades, qualidades, dimensões, forças e atributos, elementos todos procedentes do Número? O infinito dos números é um fato demonstrado à nossa mente, mas cuja prova não pode ser dada em termos físicos. Dirá o matemático que o infinito dos números existe, mas não é demonstrável. Deus é um Número dotado de movimento, que se sente mas não se pode demonstrar. Como Unidade dá começo aos números, mas nada tem de comum com eles... A existência do Número depende da Unidade, que, sem um só número, engendra a todos... Pois que! Incapaz de medir a primeira abstração que a Divindade te apresenta, ou de somente compreendê-la, esperas ainda sujeitar às tuas medidas o mistério das Ciências Secretas que emana desta mesma Divindade?... E que sentirias tu se eu te sumisse nos abismos do Movimento, na Força que se sente, mas não se pode demonstrar-se te acrescentasse que "Movimento" e o "Número" são gerados pelo Verbo, a Raiz Suprema dos Videntes e dos Profetas, que nos tempos antigos sentiram o Sopro poderoso de Deus, como o testemunha o Apocalipse?!"

Honoré du Balzac

Os Números na Maçonaria e seu Simbolismo

*"Nesta sétima instrução, completará os conhecimentos de que necessita para avançar na trilha que encetou, ficando de posse do conhecimento da simbologia dos quatro primeiros números: **1**- **2**- **3** - **4**, pela qual verá, como estes números, além do valor intrínseco, representam verdades misteriosas e profundas ligadas, intimamente, à própria simbologia das alegorias e emblemas que, em nossos Templos, se patenteiam à sua vista".*

(Do Ritual Antigo)

A Maçonaria, em sua parte esotérica, preocupa-se com os números e seu estudo. Hoje, quando o homem, assoberbado com as preocupações da vida moderna, reserva quase nenhum ou mesmo nenhum tempo para cogitações de ordem filosófica, torna-se cada vez mais difícil o estudo dos números e a compreensão da sua simbologia. Não obstante isto, a Maçonaria recomenda tal estudo e inclui mesmo, como parte obrigatória de seus ensinamentos, a simbologia numérica nas instruções a serem ministradas aos Aprendizes, aos Companheiros e aos Mestres Maçons.

Esta aprendizagem é obrigatória e, diga-se de passagem, ela simplesmente não se faz. Não se faz porque, não havendo conhecimento maior, os Rituais limitam-se apenas a "dar notícia da simbologia numérica" a título de Instrução e, mesmo assim, esta "notícia" é apenas lida em Loja sem maiores comentários!

A inclusão de Instrução especialmente dedicada ao estudo dos números, no Ritual do Primeiro Grau, nos leva à convicção de que a Maçonaria acha necessário o seu conhecimento para que possa o Aprendiz galgar outros Graus mais elevados. Pretendemos aqui analisar, nestas Instruções, alguns aspectos mais obscuros, a fim de que possam se tomar mais compreensíveis ao Aprendiz. Deve ficar absolutamente claro, aqui, que não somos autoridades no assunto e nem conhecedores profundos da Cabala nem da interpretação dos Sephirot e, assim, as opiniões a serem expendidas representam, apenas, o esforço de estudos por nós feitos sobre o assunto, sem constituir no entanto, um verdadeiro "*Magister dixit*". Recomendamos aos interessados a leitura da Coleção de Jorge Adoum, intitulada "Esta é a Maçonaria", para um conhecimento mais perfeito sobre o assunto.

O Ritual do Primeiro Grau recomenda ao Aprendiz familiarizar-se com os quatro primeiros números. Nossa opinião é de que o estudo não pode, sob pena de ficar incompreendido, iniciar-se pelo número **UM**, mas antes, pelo **ZERO** que é, como veremos, a fonte originária de toda a escala numérica. Também somos de opinião que o estudo do número **QUATRO** não deva ser feito pelo Aprendiz, uma vez que ele importa em considerações que deverão ser do domínio do Grau de Companheiro.

Tratemos, pois, de penetrar neste novo campo do simbolismo filosófico da Maçonaria:

O Zero

Diz, o Versículo 2, do Capítulo I, do Livro Gênesis, o seguinte:

Gen.: I, 2 - "*A terra porém era sem forma e vazia: havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas*".

A primeira dificuldade de interpretação do presente versículo está em sua fase inicial: "*A terra era informe e vazia*". Ora, "*sem forma e vazia*" simplesmente eqüivale a "não existir". A segundo frase nos diz que "*havia trevas sobre a face do abismo*". Mas, que abismo? Há que se entender aqui que o "abismo" era o Espaço. Logo, o Espaço coexistia com Deus e era anterior à Sua manifestação. Diz a terceira frase: "*e o Espírito de Deus pairava sobre as águas*". Outra dificuldade grande, pois, se, como se viu, a terra simplesmente não existia por ser "*sem forma e vazia*", se o "*abismo*" era o Espaço, que "*águas*" eram estas por sobre as quais "*pairava" o Espírito de Deus*". Ao que parece, o autor do versículo não tinha uma imagem própria para dar a idéia de que o Espírito de Deus era superior a tudo e, assim, colocou estas "*águas*" apenas para dar a entender que aquele Espírito se sobrepunha a tudo. Mas, sem dúvida ele já existia e pairava, então, no **NADA**!

Assim, o **NADA** não era um vazio absoluto. Nele já existia o Espírito de Deus que ainda não se manifestara. Conclui-se, pois, que o **NADA**, ou seja o Espaço preenchido pelo Espírito de Deus, foi anterior a tudo e dele partiram todas as coisas. O **NADA** é simbolizado na escala numérica pelo **ZERO**. O **ZERO** é, pois, a representação simbólica do Espaço absoluto, intangível e incompreensível para a mente humana, mas que portava em si o Espírito de Deus, ainda imanifestado, mas que sobre ele, ou nele, pairava.

A figura mais apropriada, então, para nos dar uma idéia de Deus é o **NADA** que nos sugere algo sem forma, sem consistência, sem limites e, portanto, invisível, intangível e infinito. Inidentificável por faltar elementos por nós conhecidos capazes de submetê-Lo a uma comparação! No entanto, Ele já existia, pois o Seu Espírito "*pairava*" no Espaço. Os ocultistas denominam isto o **SER** no **NÃO SER**, isto é o **ZERO**, ou seja, o Espaço com todas as coisas ainda latentes que só se tornariam realidade depois que o Espírito de Deus nelas Se manifestasse.

A **EXISTÊNCIA** palpitava, pois, na **NÃO EXISTÊNCIA**, o **SER** no **NÃO SER,** enquanto a **CAUSA sem CAUSA** (Deus) envolvia a **EXISTÊNCIA** e a Eternidade envolvia o Templo!

A forma geométrica do círculo (**ZERO**) é a que mais se presta para nos dar a idéia de infinito porque, enquanto qualquer outro tipo de linha traçada nos mostra sempre um princípio e um fim, o círculo (**ZERO**) é perfeitamente contínuo. É o **ZERO** que simboliza o Espaço, o Absoluto, ainda imanifestado, o princípio latente de todas as coisas, de que provêm todos os **SEPHIROT** (números de que se compõe a escala numérica da Cabala) ou seja, deste **ABSOLUTO** imanifestado é que se originam todas as coisas. Na Maçonaria, a letra "**G**", que é, como veremos, uma modificação do círculo (**ZERO**) e representa o Grande Arquiteto do Universo, representa o "ciclo do Tempo, perpetuamente emanado e, devorado pela Eternidade, imagem da Força Criadora que se manifesta do estado potencial latente".

Em uma última palavra, o **ZERO** é o símbolo esotérico que representa, Deus, Criador incriado, a Causa sem Causa, de onde tudo se origina e que ainda é imanifestado, "*paira*" no Espaço Absoluto!

O Número Um

O primeiro versículo do Capítulo 1, do Gênesis, diz:

Gen. I,1- "*No princípio Deus criou os céus e a Terra*".

Isto significa que a **CAUSA sem CAUSA** (Deus) se manifesta agora, tornando-se, através de Sua criação (o céu e a terra), compreensível, palpável e capaz de ser entendido como uma forma real da qual advirão todas as outras formas. Simbolicamente, o Espaço Absoluto (o Absoluto imanifestado) é representado por um círculo branco (**ZERO**) traçado sobre um fundo inteiramente negro. A primeira manifestação da **CAUSA sem CAUSA**, cujo Espírito, segundo a descrição bíblica, "*pairava*" sobre (ou dentro) daquele Espaço Absoluto (que era o mesmo Deus ainda imanifestado) é simbolicamente representada por um "ponto" (**YOD**), situado no centro do circulo (**ZERO**).

Assim, entende-se como o **ZERO** antecedeu ao **UM**: Ambos são um só e mesmo Deus, porém o primeiro (**ZERO**) está em seu aspecto imanifestado, enquanto que o segundo (**UM**) apresenta-se em plena manifestação em virtude do Pathos da Vontade Divina. Ele (o **UM**) é a **UNIDADE** em Sua atividade criadora manifestada pelo número **UM**, Raio de Luz Cósmica emanado do **ZERO** para, com ele, formarem todos os outros números!

É importante atentar-se aqui para a existência de duas situações perfeitamente definidas: antes do **PRINCÍPIO** e no **PRINCÍPIO**. A Bíblia fixa, com muita precisão, estas situações quando declara, textualmente: "*No princípio...*". Temos, pois, de considerar, a partir de agora, não um tempo indefinido, incompreensível, incompreendido, sem qualquer ponto de balizamento, mas há, a partir de então, uma definição precisa, um marco inicial de tempo que nos informa quanto se iniciou a formação de todas as coisas, ou seja, no **PRINCÍPIO**, quando então o **UM** surgiu no centro do círculo (**ZERO**)

Diz o Ritual do Aprendiz:

*"O número **UM**, a unidade, é o primeiro dos números mas, a unidade só existe pelos outros núneros. Todos os sistemas religiosos orientais começaram por um ser "primitivo". Conquanto esta abstração não tenha, positivamente, uma existência real, tem contudo um lado positivo, que o torna suscetível de uma existência definida: é o que os antigos dominavam de "Pathos", isto é, o desejo ou a ação de sair do "absoluto", a fim de entrar no real - considerado por nós concreto".*

Há que se fazer um reparo neste texto quando ele diz que a Abstração, ou seja o Deus imanifestado (**ZERO**), teve um "Pathos" de sair do Absoluto (**ZERO**) para entrar no Real, como sendo a representação do número **UM**. O reparo é no que se refere à época em que a Abstração sentiu este "Pathos", que não ficou esclarecida no texto para indicar que o "Pathos" se deu antes do **PRINCÍPIO** e, só depois deste **PRINCÍPIO** é que a **UNIDADE** se manifestou. É importante fixar-se este **PRINCÍPIO**, porque ele é o marco inicial da transição da abstração para a realidade, do imaterial para o material, do espiritual para o físico!

A manifestação do Absoluto se deu como um raio descido verticalmente do centro do circulo (**ZERO**) para formar o **UM**, do qual então todas as outras grandezas se originaram. Isto é o que se chama de Involução, quando o transcendente desce do Plano Espiritual para tomar-se real no Plano Material. Atingida a parte mais baixa desta Involução - o reino mineral - o Sopro Divino preside e conduz todas as atividades da matéria que, a partir daí, começa a elevar-se para estágios menos materializados - vegetal, animal, humano - até voltar, ascendendo sempre, ao Plano Espiritual para novamente integrar-se no Absoluto. A este movimento ascendente é que se domina de Evolução.

Não só a Mitologia, mas também a Bíblia estão cheias de exemplos destas descensões e ascensões: Lúcifer "cai" dos céus, Adão "cai" no Paraíso; Prometheu "desce" do Olimpo e o próprio Senhor Jesus "desce" do céu. Todos eles, mais cedo ou mais tarde, "sobem" novamente para junto de Deus!

Estas "quedas" e "ascensões" são, simbolicamente, representadas pela interação dos números **ZERO** e **UM**.

O Espaço Absoluto (**ZERO**) precede a Divindade manifestada (**UM**), que é a manifestação da **VONTADE DIVINA**, a **UNIDADE**. Esta precedência é representada pelo número simbólico - **01**, onde o **ZERO**, o Espaço Absoluto (o Deus imanifestado) se coloca à esquerda do **UM**, a **UNIDADE DIVINA**, a manifestação de Deus. O **UM** é o "Pai", todo poderoso, Criador do Universo, que se manifesta para dar, com Seu Sopro Divino, Vida e Movimento às coisas materiais. O **ZERO** colocado à esquerda do **UM** significa a Involução, a descenção, a queda do imaterial sobre o material comunicando-lhe a chama da Vida, permitindo-lhe o Movimento nas várias manipulações de matéria nos três reinos da natureza. É o Espírito de Deus manifestando-se no mineral, no vegetal, no animal, involuindo dos páramos do infinito, da imaterialidade do Absoluto, para o campo da matéria densa !

Como ficou dito a Involução se faz até a forma mais densa - o mineral - e aí, o Espírito de Deus, a chama da Vida, trabalha, compõe, combina, reage quimicamente, manifesta-se às vezes por fenômenos de radioatividade, para evoluir aos poucos em formas cada vez menos densas, através dos indivíduos dos reinos vegetal, animal e humano, onde explode em forma mais puras, e em estágios materiais mais sutis, de inteligência, alma, espírito, numa ascensão constante até coloca-se "à direita do Pai", isto é, o Espaço Absoluto onde se travaram todas as refregas da Involução e da Evolução, e que se coloca, agora, à direita do **UM**! É o **10**, número cabalístico de transcendental importância que reflete todos os estágios da Perfeição Absoluta, adquirida, através de todas as fases involutivas e evolutivas, isto é, através de todos os números!

Tal é a Vida, o Mundo e o simbolismo do número **UM**. De tudo o que foi dito conclui-se que a **UNIDADE** é imaterial, infinita e incognoscível. O **UM** é a unidade de tudo. Isto posto, compreende-se que tudo foi elaborado e realizado sob os influxos da **UNIDADE ABSOLUTA**. Ela é quem rege a mecânica de toda a fenomenologia. Ela é, então a Lei Divina!

É por isto que o Ritual afirma que:

"*A Unidade só é compreendida por efeito do número **DOIS**; sem este, ela torna-se idêntica ao Todo, isto é, identifica-se com o próprio número*".

Isto nos conduz ao raciocínio de que a **UNIDADE**, compreendendo os dois aspectos do Criador - imanifestado e manifestado - só se torna compreensível quando o segundo aspecto se realiza e, esta realização dá lugar ao aparecimento da matéria, presidida pelo número **DOIS**. Sem tal manifestação, a **UNIDADE** "torna-se idêntica ao Todo".

É necessário ficar bem claro que o **ZERO** simboliza o Pai imanifestado e que gera o **UM**, o Filho, aspecto manifestado do mesmo Pai. O número simbólico desta geração é complexo porque exige uma interpelação e valores entre o **ZERO** e o **UM**, cuja compreensão está ainda fora do alcance do Aprendiz.

A **UNIDADE** é o Reino de Deus dentro de nós mesmos, ou seja a Sua Lei, que é interiormente pressentida por nós, e que atua manifestando-se naquilo a que nos acostumamos chamar de **CONSCIÊNCIA**. Por isto não há que se "aprender" a **UNIDADE**, mas, antes "senti-la" através das várias apresentações de nossos atos e dela temos ciência pelo julgamento interior em cada um de nós vulgarmente conhecido como "a voz da consciência"!

A dispersão de nossas atividades tende a afastar-nos da **UNIDADE** e a ela só poderemos retornar exercitando um Pensamento concentrado, animado por uma sincera Devoção, esclarecido por uma sólida Sabedoria e executado através de boas e puras Ações. Estes são os caminhos que nos conduzirão novamente à **UNIDADE**!

O Número Dois

Como vimos, todas as coisas estão integradas e se realizam no **UM**, mas vimos também a transcendentalidade da **UNIDADE** e, por isto, tudo é imperceptível e imanifestado até que, com o **DOIS**, tudo se torna real e inteligível. Segundo o Ritual de Aprendiz o número **DOIS** "é um número terrível" Eis o texto:

> "*O número dois é um número terrível, um número fatídico. É o símbolo dos contrários e, portanto, da dúvida, do desequilíbrio e da contradição. Como prova disso, temos o exemplo concreto de uma das sete ciências maçônicas - a Aritmética - em que* ***2 + 2 = 2 X 2****.*
>
> *Até na Matemática o número dois produz confusão, pois, ao vermos o número* ***4****, ficamos na dúvida, se é resultado da combinação de dois números pela soma ou pela multiplicação, o que não se dá, em absoluto, com outro qualquer número. Ele representa o Bem e o Mal; a Verdade e a Falsidade; a Luz e as Trevas; a Inércia e o Movimento, enfim, todos os princípios antagônicos, adversos. Por isto representava, na antigüidade, o "inimigo", símbolo da Dúvida, quando nos assalta o espírito".*

E adverte:

> *"O Aprendiz não deve aprofundar-se no estudo deste número porque, fraco ainda do cabedal cientifico de nossas tradições, pode enveredar pelo caminho oposto ao que deveria seguir".*

E explica:

> "*Esta é, ainda, uma das razões pela qual o Aprendiz é guiado em seus trabalhos iniciáticos: sua passagem pelo número* ***2****, duvidoso, traiçoeiro e fatídico, pode arrastá-lo ao abismo da dúvida, do qual só sairá se o forem buscar*".

Como se vê, é cheio de cautelas o nosso Ritual, mas não cremos que devamos afastar o Aprendiz do estudo do número; antes, devemos guiá-lo, aclará-lo, ensiná-lo sobre os mistérios porventura existentes, a fim de que ele possa evoluir seus conhecimentos para o número seguinte sem solução de continuidade.

Em princípio, não cremos na terribilidade nem na fatidicidade do número **DOIS**; antes, preferimos ver nele a necessidade da manifestação da matéria através do aparecimento dos "contrários". Se há "contrários" e se preferimos ver nestes "contrários" o símbolo do **BEM** e do **MAL**, temos que convir que tanto um quanto o outro serve para ressaltar os méritos ou os deméritos do seu oposto.

Assim, jamais saberíamos o que é o **BEM**, se não conhecêssemos o **MAL**! Não conheceríamos o Justo se não entendêssemos o que é Injusto! Não apreciaríamos a Luz se não provássemos as Trevas! Não exercitaríamos o Movimento se não estacionássemos na Inércia! E assim por diante. Não há, pois, ao que nos parece, que falar-se em número terrível, em número fatídico. Antes, há que se compreender os perigos que envolvem o aspecto negativo dos "contrários" e para esta compreensão necessário se torna conhecimento de seu aspecto positivo. A cautela dos Mestres evitará, aos Aprendizes, os percalços da dúvida.

O importante é não abandonar a **UNIDADE**, que é a Lei Divina. Se, dentro de nós existe o **BEM** e o **MAL**, há que nos orientarmos no sentido de equilibrarem-se as suas influências, colocando-se no círculo da Lei (**ZERO**), onde não há nem o **BEM** e nem o **MAL**, volvendo-nos à **UNIDADE** para podermos dizer: EU SOU UM!

O corpo humano, em seu trabalho não emprega mais do que a metade de seus componentes, ou sejam os átomos. Se através do Pensamento Concentrado, da Devoção, da Sabedoria e da Ação puder ele estimular a outra metade que queda inerte, haverá uma união consciente e perfeita que levará o homem a dizer: EU SOU!

O número **DOIS** nada mais é que a dissociação do raio que parte do círculo (o **UM** partindo do **ZERO**) em sentido angular, É, pois, a **DUALIDADE** afastando-se da **UNIDADE**. Sabendo-se que o raio primitivo, o **UM**, parte do Ponto (**YOD**) situado no centro do círculo (**ZERO**), temos, neste ponto a origem de um ângulo cujos lados se afastam, percorrendo a circunferência até formar um ângulo raso, onde se verifica o maior afastamento dos "contrários". Daí, continuando seu movimento, eles vão se aproximando novamente até se unirem em posição oposta àquela em que eles se separaram. O ângulo convexo (de 0 a 180 graus) representa a Involução de todas as coisas que partindo da **UNIDADE**, descem e se dissociam nos "contrários", enquanto que o ângulo côncavo (de 180 a 360 graus) representa a Evolução, quando os "contrários" se buscam novamente, procurando o equilíbrio para, finalmente se reunirem de novo na **UNIDADE**!

Tudo isto pode ser resumido em uma simples frase: O Homem vem de Deus e volta novamente para Deus!

Vemos então que o Aprendiz deve, muito embora assim não o aconselhe o Ritual, estudar e aprofundar-se nos mistérios do número **DOIS** a fim de que possa afastar-se das influências negativas, aperfeiçoando-se através de uma constante pureza de pensamentos, apoiado em uma devocional concepção religiosa, agindo racionalmente dentro de uma sabedoria pura e praticando ações benéficas e meritórias para que, trilhando tais caminhos, possa penetrar em seu próprio Reino Interno, assegurando, conscientemente, a sua volta à desejada **UNIDADE**.

Aos Mestres cumpre o dever de assisti-lo, encaminhá-lo e assegurar-lhe confiança em seus estudos afim de que ele possa vencer todas as dificuldades.

Esta é a simbologia do número **DOIS** que deverá ser estudada com atenção pelo Aprendiz.

O Número Três

Ficou claro, no estudo que até aqui fizemos, que a **UNIDADE** gera a **DUALIDADE** e esta é constituída pelos “contrários”, que se afastam na medida em que cresce o ângulo por ela formado para posteriormente se aproximarem novamente, com diminuição daquele ângulo, até à fusão dos dois raios no equilíbrio da **UNIDADE**.

Mas a existência destes dois aspectos “contrários”, cumprindo a eternidade do movimento perpétuo, nada cria de real. São aspectos metafísicos que não criam nenhuma forma real e nada materializam.

Assim, um terceiro elemento há que ser juntado aos dois primeiros para que a Vontade Suprema, expressa antes apenas pela sua manifestação, se materialize com o aparecimento da “forma”, eis que o ponto (**YOD**) situado no centro do círculo (**ZERO**), ou a linha que parte deste ponto (**UM**) e se divide nos “contrários” (**DOIS**) não constituem um sólido com “forma” definida. A adição de um terceiro elemento, originado pela firmeza do pensamento, por uma elevada devoção, regida por sólida Sabedoria e exercitado por louváveis desejos de Ações, cria a “forma” original que é a conseqüência do elemento formado por aqueles propósitos e que liga aqueles dois raios formando o Triângulo que é a “forma” primitiva e perfeita, geradora de muitas outras formas poligonais. É o **TRÊS**, número considerado perfeito porque resulta da soma da **UNIDADE** com a **DUALIDADE**, conduzindo ao equilíbrio dos “contrários” e realizando os propósitos de Deus, que é a elevação do homem.

Como se verá, no estudo do número **TRÊS**, o Triângulo é o mais importante símbolo maçônico. Aliás não é só a Maçonaria que cultua o simbolismo desta figura. Outras religiões também o fazem, principalmente porque é a representação simbólica perfeita dos **TRÊS** aspectos do **ABSOLUTO**, aspectos estes de absoluta igualdade perfeitamente representada pelos lados do Triângulo eqüilátero.

Nas religiões cristãs ele representa a Trindade Divina - Pai, Filho e Espírito Santo -; as religiões orientais vêem nele os três aspectos do Logos. Em qualquer delas se vê a Unidade do Todo, a Dualidade da Manifestação e a Trindade Perfeita.

Diz o nosso Ritual do Primeiro Grau que:

> “*A diferença, o desequilíbrio, o antagonismo que existem no número **DOIS**, cessam repentinamente, quando se lhe ajunta uma **TERCEIRA** unidade. A instabilidade da divisão ou da diferença, aniquilada pelo acréscimo de uma TERCEIRA unidade, faz com que simbolicamente, o número **TRÊS** converta em unidade*”.

O que há de importância a ser esclarecido neste parágrafo do Ritual é que a unidade que ele diz dever ser juntada ao número **DOIS** e, ainda, a unidade nova em que ela diz transformar-se o número **TRÊS**, não é, de nenhuma forma, a **UNIDADE** de que até agora vimos falando. Esta, imaterial e incognoscível, que se exterioriza simbolicamente no número **UM**, é a própria Lei Divina, código regulador do **ABSOLUTO**, representado pelo **ZERO**.

A unidade preceituada no ritual é um marco, uma medida nova, destinada a ser comparada pelas coisas do campo material. A medida justa pela qual o homem deve medir os seus atos materiais e as suas ações espirituais. Prossegue o Ritual:

> "*A nova unidade, assim convertida, não é uma unidade vaga, indeterminada, na qual não houve intervenção alguma; não é uma unidade idêntica com o próprio número, como se dá com a unidade primitiva; é uma unidade que absorveu e eliminou a unidade primitiva, definida, verdadeira e perfeita. Foi assim que se formou o número **TRÊS**, que se tornou a unidade da vida, do que existe por si próprio, do que é perfeito*".

Ainda aqui o trecho do Ritual é obscuro e de difícil interpretação. Quando ele diz que a nova unidade "*não é uma unidade vaga, indeterminada, na qual não houve intervenção alguma*" ele está dizendo por certo que esta não é a **UNIDADE** Superiora, incognoscível e infinita, criadora incriada, sem qualquer intervenção externa e que por si mesma se identifica com o número (**UM**), antes do Princípio. Ela é, segundo o texto, "*verdadeira, definida e perfeita" porque "absorveu e eliminou a unidade primitiva*" (ou seja a **UNIDADE**). Para se compreender isto é necessário atentar-se para a última frase: "*absorveu e eliminou a unidade primitiva*". Da absorção da **UNIDADE** imaterial pela unidade material advém a esta o caráter de "*verdadeira*" e de "*perfeita*", mas justamente pelo fato de ser esta unidade "definida" é que foi necessária a eliminação de si mesma, da **UNIDADE** indefinida. Uma, a **UNIDADE** incognoscível é infinita; a outra, a **UNIDADE** definida é finita e é justamente por isto que houve a eliminação, eis que um infinito não pode estar contido em um finito! Temos então uma **UNIDADE** verdadeira e perfeita porque recebeu os influxos da verdadeira e perfeita **UNIDADE**, e é ainda finita porque dela se retirou o caráter infinito da **UNIDADE** primitiva.

Constituído pelos dois contrários e pela unidade finita e perfeita, o número **TRÊS** se tornou então um novo marco unitário para medir a vida, o que existe por si próprio (ou seja a mesma vida) e do que é considerado perfeito no plano material.

Continua o Ritual:

> "*Eis porque o Neófito vê, no Oriente o **DELTA SAGRADO**, luminoso emblema do 'Ser' ou da 'Vida', no centro do qual brilha a letra **YOD**, inicial do tetragrama **IEVE***".

Temos para nós que neste ponto o Ritual peca por impropriedade do exemplo. Ele quer aqui ressaltar a excelência do triângulo e chama a atenção do Aprendiz para um símbolo maçônico da mais alta significação e que, este sim, deveria ser silenciado para o Aprendiz, eis que parafraseando o que foi dito a respeito do número **DOIS**, no próprio Ritual, poderíamos dizer: "*O Aprendiz não deve aprofundar-se no estudo deste Delta porque, fraco ainda do cabedal científico de nossas tradições, pode enveredar por caminho oposto ao que deveria seguir*". Simplesmente nos recusamos a penetrar aqui no estudo do **DELTA SAGRADO** por acharmos a ocasião imprópria, inoportuna e irrelevante para a compreensão simbólica do número **TRÊS**!

Continuemos, pois, as nossas considerações sobre o número **TRÊS**, sem nos preocuparmos, por enquanto, com o **DELTA SAGRADO**, voltando antes a nossa atenção para o Triângulo Maçônico que é a base para o estudo daquele excelso símbolo. Só depois disto, já no estudo sobre o número **QUATRO**, nos deteremos então no **DELTA SAGRADO**.

Já vimos, linhas atrás, que o ponto e a linha não têm capacidade para comunicar uma forma real. Enquanto aquele é sem dimensão, simples e isolado, esta é apenas a trajetória do deslocamento daquele pomo quase imaterial. Quando, porém, reúnem-se **TRÊS** linhas e completa-se o Triângulo, este se apresenta com forma superficial perfeitamente compreensível e verificável. Aqui, com um pouco de meditação, chegaremos a compreender o fenômeno de transformação do imaterial, do informe, para o aspecto material com forma concreta. Várias linhas isoladas não nos dão qualquer idéia de forma, mas, quando **TRÊS** delas se reúnem e firmam um Triângulo, temos uma figura de superfície perfeitamente clara e definida. O Aprendiz deve meditar sobre este simbolismo que explica como o transcendente, o espiritual, o imaterial, pode, segundo as determinações de sua Vontade Suprema, manifestar-se e tornar-se perfeitamente claro e compreensível aos nossos olhos. É o que podemos chamar de manifestação do Imanifestado!

Na Maçonaria, o Triângulo assume um simbolismo de capital e transcendental importância. É, pode-se dizer, o fulcro em torno do qual gira toda a simbologia maçônica.

Tenório d'Albuquerque, em sua obra: "O que é a Maçonaria", cita Iseckson, Eliphas Levi e Dario Velloso, cujas opiniões se completam e combinam para uma explicação sobre o Triângulo. À página 165, diz ele:

> "*O Triângulo Maçônico é o triângulo dos Pentáculos cabalísticos, o Triângulo de Salomão dos ocultistas, o Infinito da altura ligado às duas pontas do Oriente e do Ocidente, o triângulo indivisível, isto é, o temário do Verbo, 'origem do dogma da Trindade' para os magistas e cabalistas. É, afinal, um 'Supremo mistério' da Cabala: 'imagem simbólica do Absoluto', 'a um tempo emblema da Força Criadora e da Matéria Cósmica', o 'símbolo maçônico do Livre Pensamento'; pela significação literal, é simples delta ou triângulo; pela significação figurada, é o Equilíbrio, a Perfeição; pela significação esotérica, é energia da Cabala, Trindade na Mística e Deus na Teurgia*".

Toda a Perfeição, em seu mais alto grau, está representada, simbolicamente, na figura ímpar do triângulo eqüilátero com seus **TRÊS** lados e **TRÊS** ângulos, matemática e absolutamente iguais.

Já os antigos egípcios davam ao triângulo uma interpretação esotérica na qual ele representava a própria natureza, o germe, a gênesis, a criação e tudo o mais que, por suas próprias qualidades intrínsecas e extrínsecas, é capaz de produzir e de manter a vida. A base do simbolismo egípcio assentava-se no triângulo isósceles, no qual a linha vertical de seu ângulo reto, simbolizava Osíris, o princípio masculino, a linha horizontal representava Ísis, o princípio feminino e a hipotenusa, que une as duas, era Hórus, resultante da fusão daqueles dois princípios criadores.

Pitágoras, conhecedor desta simbologia, confirmou-a na demonstração do teorema por ele proposto de que a soma dos quadrados dos dois lados menores era igual ao quadrado do lado maior, o que pode ser entendido simbolicamente que Hórus é o resultado da conjunção de Osíris e Ísis e representa, assim, a vida.

Este teorema corresponde em todos os sentidos à perfeição preconizada pelo ideal maçônico e, por isto mesmo, sua representação foi adotada para o Grau Três da Maçonaria constituindo a jóia do Past-Master, é conhecido como Postulado de Euclides e é a quadragésima sétima proposição de Pitágoras, por ter sido, como já se viu, provada por ele geometricamente.

Na antiga Maçonaria egípcia, o que hoje denominamos de Pitágoras, por ter sido, como já se viu, provada por ele sob a forma de uma prancheta triangular negra, de lados perfeita e absolutamente iguais, representando cada um deles a matéria, o meio e o germe, elementos vitais que, reunidos, formam a germinação da própria vida. Nesta prancheta escreviam-se as três perguntas principais, de cujas respostas muito se interessa a Maçonaria para se aquilatar das condições morais do Candidato. São elas:

a) Quais são os deveres do homem para com Deus?

b) Quais são os deveres do homem para com Humanidade?

c) Quais são os deveres do homem para consigo mesmo?

Estas três perguntas (hoje acrescidas de algumas outras) são, tal como os lados do Triângulo, iguais entre si porque as concepções de Deus, Semelhante e Eu, são as componentes que constituem a Unidade Universal. Quando os anseios do "Eu" se harmonizam com os anseios dos "Semelhantes", estes anseios vibram em consonância com os anseios de "Deus". Esta grande verdade já tinha sido declarada pelo Mestre, Senhor Jesus quando disse:

Joa X, 30 - "*Eu e o Pai somos **UM***".

e mais:

Joa XVII, 21 - "*a fim de que todos sejam **UM**: e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles um em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste*".

e, ainda:

Joa XVII, 22 - "*Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam **UM**, como nós o somos*".

e, finalmente:

Joa XVII, 23 - "*eu neles e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na **UNIDADE**, para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim e que os amaste como também amaste a mim*".

Agora podemos sentir, depois de conhecermos o simbolismo do número **TRÊS**, a igualdade das linhas do triângulo, como é fácil a interpretação daqueles textos bíblicos. O Mestre Jesus tentava explicar o tríplice aspecto - o Pai, Ele e eles - da Universidade da **UNIDADE**!

O Mestre Jesus já tinha unido **DOIS** aspectos, isto é, duas das linhas do triângulo - o Pai e Ele - e esta união formava o **UM** (Eu e o Pai somos **UM**) e pedia ao Pai que concedesse a união do terceiro aspecto, ou a terceira linha - Eles - para que o Triângulo se completasse "*afim de que todos sejam **UM***", dizia o Mestre Jesus, mas para isto necessário se tornava que dada a união já existente entre os dois primeiros elementos; o terceiro, isto é, "*Eles*", fossem "*aperfeiçoados" na **UNIDADE***".

Este aperfeiçoamento do Ternário na **UNIDADE** é, justamente, o Ideal Maçônico. É a Perfeição Maçônica. É, enfim, o perfeito Mestre Maçom.

Daí a responsabilidade do Aprendiz em procurar estudar e penetrar nos mistérios do simbolismo dos números e na simbologia do Ritual Maçônico. Não basta, para ser um Perfeito Maçom, que se freqüente as reuniões e que se cumpra a determinações do cerimonial. É necessário que se penetre no simbolismo porque é nele que está o hermetismo da Maçonaria com suas grandes e elevadas lições. Não basta, também, a simples leitura das Instruções contidas nos Rituais. É necessário que se detenha nelas, procurando, pelo estudo e pela meditação, o seu exato sentido, os sublimes ensinamentos que elas encerram dentro do simbolismo representado nos instrumentos, nas jóias e nas alfaias que compõem o Templo Maçônico!

É justamente por isto que a Maçonaria se diz uma sociedade secreta! Os seus "segredos" estão velados pelo simbolismo e a chave deste simbolismo só pode ser encontrada no estudo profundo, sério e perseverante!

O Ritual do Aprendiz Maçom tece considerações menores sobre o número **TRÊS** e descuida-se de seu aspecto principal que é, como vimos, o Triângulo. Para que este estudo não fique incompleto, nos reportaremos àquelas considerações.

Conforme a Instrução do Ritual, o número **DOIS** apresenta desequilíbrio e antagonismo. Anteriormente já o havia qualificado de terrível e fatídico, terminando por aconselhar ao Aprendiz para que não se aprofundasse no seu estudo. Pusemo-nos contra este conselho e insistimos mesmo no estudo do número **DOIS** para que o Aprendiz pudesse entendê-lo e ver nele também a possibilidade da **UNIDADE**. As palavras do Mestre Senhor Jesus nos mostram que "Ele" e "Deus" estavam, apesar de serem **DOIS**, em perfeito equilíbrio, sem antagonismos, sem terribilidade e sem fatidicidade, pois que juntos eram **UM**!

Assim, não é a simples presença de uma terceira unidade que faz cessar o desequilíbrio. Este desequilíbrio pode, como ensina o Mestre Jesus, não existir no número **DOIS**. O que a terceira unidade faz é converter a unidade dual, inconsistente, vaga e indeterminada, em unidade ternária, perfeita, existente por si mesma, uma unidade de vida enfim!

O número **TRÊS** é, pois, o primeiro número perfeito e completo e o triângulo é, também, a forma perfeita que apresenta três dimensões necessárias para que o objeto tenha forma e esteja, assim, completo.

TRÊS, diz a Instrução, é o número da Luz, correspondente a Fogo, Chama e Calor. O Maçom deve ter em si o Fogo do amor para com tudo o que é bom, justo e honesto; deve ter mais a Chama da Vontade para cumprir com paciência, resignação e determinação, o programa por ele traçado para a conquista da Perfeição; deve ter, finalmente, o Calor da Inteligência e da Sabedoria, para poder distinguir o Bem, o Belo e o Perfeito nas mínimas coisas que se lhe deparam! Amor, Vontade e Inteligência; constituem o significado dos **TRÊS PONTOS** que todo Maçom deve ter a honra de apor à sua assinatura, colocando-os de maneira a formarem um triângulo de Perfeição.

Estende-se o Ritual em considerações sucintas sobre os principais pontos de vista em que o temário pode ser apreciado. Ali, nada mais há que citações de ternários que se sucedem, desde a antigüidade, ora constituídos de elementos materiais, ora ainda de procedimentos temporais; ora, por fim, de concepções cabalísticas ou herméticas, filosóficas ou religiosas, que são, para o Aprendiz, de fácil alcance para sua compreensão.

Concluímos que na Maçonaria Simbólica o número **TRÊS** representa o ápice da Perfeição. O maior grau que se pode galgar nesta Maçonaria Simbólica é o Grau Três, isto é a condição de Mestre Maçom. Isto quer dizer que ele alcançou o máximo da Sabedoria em todos os seus conhecimentos maçônicos e tem todos os conhecimentos e segredos que a Maçonaria lhe pode oferecer. Supõe-se, também, que nesta altura ele ostente uma personalidade completa, “Justa e Perfeita” e, por isto, está isento de vícios e é um cultor inveterado das Virtudes! Pela sua condição de possuidor do Terceiro Grau é de concluir-se que ele é manso e humilde de coração, é cordato e fraterno, tem gentileza no trato e cultiva com amor a Humildade. Exercita a Fraternidade em toda a sua extensão e trata seus irmãos com urbanidade e zelo, sabendo desculpar os seus erros e relevar as suas faltas. O Mestre Maçom é, enfim, o homem perfeito e, só assim, poderá ele por à sua assinatura o respeitável emblema dos três pontos que afirmam possuir ele Vontade, Sabedoria e Inteligência!

A título de curiosidade, damos abaixo o desenvolvimento do Teorema de Pitágoras (Postulado de Euclides) de que falamos linhas atrás:

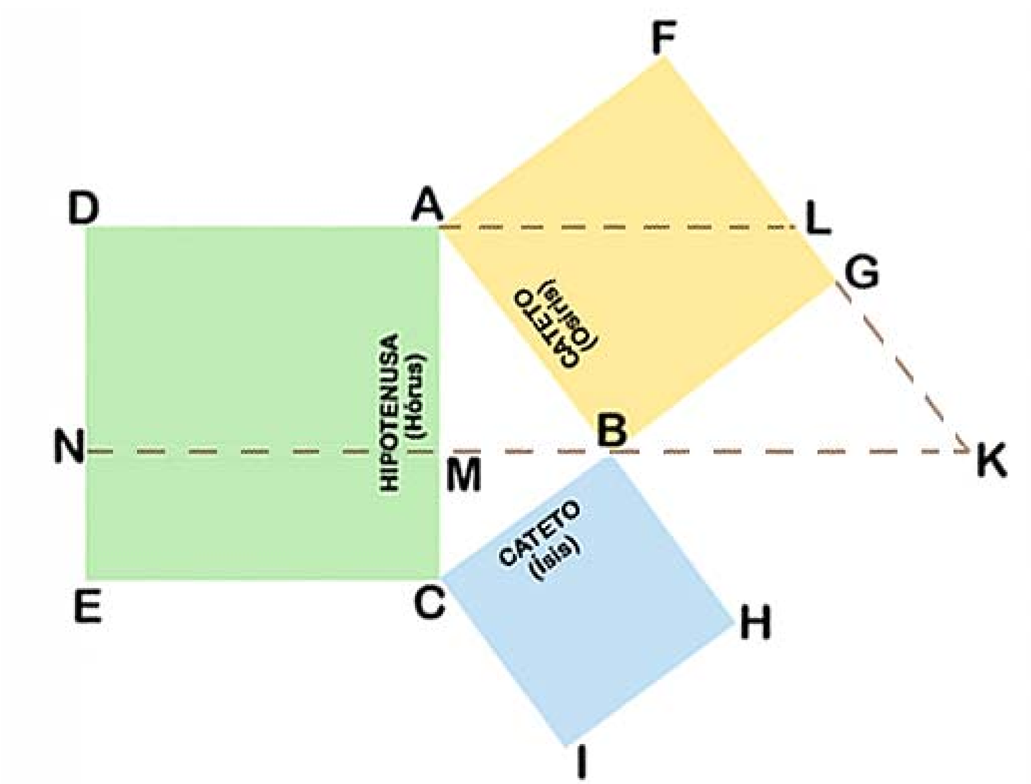
Teorema de Pitágoras

Teorema

O quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos.

Demonstração

Este teorema que constitui um dos mais importantes da Geometria Elementar, em virtude da sua grande aplicação, possui muitas demonstrações, sendo uma das mais simples a seguinte:



Considere-se o triângulo **ABC**, retângulo em **B**. Quer-se demonstrar que o quadrado **ADEC**, da hipotenusa **AC**, é equivalente à soma dos quadrados **ABGF** e **BCIH**, dos catetos **AB** e **BC**. Por isso, traça-se por **B** a perpendicular à hipotenusa **AC**: o pé **M** desta perpendicular é interno à hipotenusa e seu prolongamento encontra, perpendicularmente, no ponto **N**, o lado **DE**, do quadrado **ADEC** oposto a **AC**: este quadrado fica dividido pelo segmento **MN**, em dois retângulos dos segmentos **AD** e **AM**, ou **AC** e **AM**, e o segundo o retângulo dos segmentos **EC**, e **MC** ou **AC** e **MC**. As retas **BM** e **AD** encontram a reta **FG** nos pontos **K** e **L** e fica assim determinado o paralelogramo **ABKL**, que é equivalente ao quadrado **ABGF**, por ter a mesma base **AB** e a mesma altura **AX**. A paralelogramo **ABKL** é equivalente ao retângulo **ADNM**; ambos têm a mesma altura **AM**; basta então, provar que as bases **AL** e **AD** são iguais.

Considerem-se, então, os triângulos **ABC** e **AFL**. Estes triângulos são iguais porque têm **AB** igual a **AF**, **ABC** igual a **AFL** (ângulos retos) e, além disso, **ABC** igual a **AFI** (ângulos complementares de **LAB**).

Então: **AC=AL**; mas

AC=AD. Logo,

AD=AL

De modo análogo, prova-se que o quadrado **BCIH** é equivalente ao retângulo **MNEC**. Portanto, a soma dos quadrados dos catetos resulta equivalente à soma dos retângulos **ADNM** e **MNEC**, isto é, ao quadrado da hipotenusa.

O Delta Sagrado, Quatro, Cinco e Seis

*"Como Companheiro, deveis prosseguir neste estudo, partindo do **QUATRO** para chegar, sucessivamente ao **CINCO**, ao **SEIS** e mesmo ao **SETE**".*

(Do Ritual Antigo)

O Delta Sagrado

O Ritual determina que ao Aprendiz seja explicado o significado d'**O DELTA SAGRADO**, contra o que nos insurgimos. Agora, depois de aprendidos os mistérios do número **TRÊS** e quando nos preparamos para estudar o número **QUATRO**, julgamos ser a ocasião própria para tecermos considerações, sobre aquele símbolo. Quando nos recusamos a comentar, no Grau de Aprendiz, o simbolismo do **DELTA SAGRADO**, o fizemos porque achamos que o Aprendiz está ainda muito preso ao Plano Material. Como prova disto, basta lembrarmo-nos de que as provas a que ele se submete são presididas pelos quatro elementos materiais - Água, Ar, Terra e Fogo!

Agora, depois de sua elevação ao Grau de Companheiro, depois de que, através de Instruções anteriores, ele já se capacitou de que os seus estudos são realizados em um Plano Superior, ou seja, o Plano Espiritual, torna-se mais fácil cogitar sobre o simbolismo daquele respeitável **DELTA SAGRADO**. Vamos ao estudo:

O **DELTA SAGRADO**, também chamado **DELTA LUMINOSO**, é o triângulo eqüilátero que se vê no painel situado atrás do Trono do Venerável e que possui, em seu centro, um "olho" humano ou simplesmente a letra "**G**" ou, mais raramente, a letra hebraica **YOD** que se apresenta graficamente como uma pequena vírgula. O nome **DELTA**, dado ao Triângulo, vem da quarta letra do alfabeto grego que é representada graficamente por um triângulo.

O Triângulo eqüilátero já estudado, representa os três aspectos da Divindade do Grande Arquiteto do Universo, aspectos estes absolutamente idênticos e iguais e que nos lembram a sua onipresença, onisciência e onipotência. No centro do Triângulo vê-se desenhado um "olho" e isto é uma versão moderna do simbolismo maçônico para lembrar, mais rapidamente, que "Deus está presente" e que Deus vê tudo", isto é, que o Grande Arquiteto do Universo está sempre presente, vendo todos os nossos atos e todos os nossos pensamentos. Também é muito comum ver-se no centro do triângulo, em lugar do "olho", a letra "**G**" que, como já vimos anteriormente, é uma modificação do ideograma representado por uma serpente que morde a própria cauda, sugerindo o eterno movimento, característica de Deus. Mas, ainda hoje, pode-se ver, em algumas Lojas, o Triângulo ostentando em seu centro uma figura mais ou menos parecida com uma vírgula. É o **YOD**, letra cabalística que significa Deus.

Segundo relato histórico inserido no livro "Os Templários" de Adelino de Figueiredo Lima, o **DELTA SAGRADO** foi visto, pela primeira vez, no primeiro quartel do Século XII, por Hugo de Payns e mais oito cavaleiros franceses, nas ruínas do Templo de Salomão, em uma câmara subterrânea. Vamos dar aqui, sobre o **DELTA SAGRADO**, um pequeno trecho daquele autor, cuja leitura recomendamos:

> *"O Triângulo, encontrado no Templo de Jerusalém, era uma figura geométrica constituída pela junção de três linhas e a letra **YOD**, no centro, significava a sua origem divina. Deus presidia os três reinos da natureza: o 'mineral', o 'vegetal', e o 'animal'. O primeiro era a escola dos Aprendizes, o segundo, a dos Companheiros e o terceiro a dos Mestres. No mineral, era 'Tubalkain', o símbolo primário; no vegetal, 'Schilbolet' representava o progresso do Aprendiz; e no animal 'Moabom', que marcava a etapa final do gênero humano como filho que era da putrefação".*

A visão do Triângulo levou os Templários a profundas considerações sobre o simbolismo por ele apresentado e viram a grandiosidade de sua significação como a expressão máxima da Matéria Cósmica e da Força Criadora, tendo em seus lados a representação da Alma Solar, da Alma do Mundo e da Vida. A reunião das três linhas lembrava a Unidade Perfeita representando, no Plano Material, a reunião do Pai, da Mãe e do Filho, constituintes da Família, princípio basilar da Sociedade. Já no Plano espiritual, o triângulo simboliza a Mente, a Alma e o Espírito, elementos integrantes do Absoluto.

O **YOD**, que se apresenta no centro do **DELTA SAGRADO**, é a décima letra do alfabeto hebraico e, talvez, a menor de todas em representação gráfica, eis que ele se assemelha a uma vírgula. Esta letra é a inicial do Tetragrama **IEVE**, nome do Absoluto, a expressão mais importante de Deus, digna do mais profundo respeito e veneração.

Os hebreus eram proibidos de pronunciar o Seu nome e todas as vezes que a ele tinham de se referir substituíam-no por Adonai.

O Tetragrama é composto das letras **YOD**-**HE**-**VAU**-**HE** e é de notar-se que nele há, apenas, três letras diferentes ou, sejam o **YOD**, o **HE** e o **VAU**. Isto simboliza, no Plano Material, as três dimensões dos corpos, ou sejam; o comprimento, a largura e a altura e no Campo Espiritual significam a Grande Evolução do "que existiu", do "que existe" e do "que existirá".

As provas materiais - da Terra, da Água, do Fogo e do Ar - às que foi submetido o Aprendiz, são relembradas, simbolicamente pelas quatro letras do Tetragrama. Embora as demais letras deste Tetragrama tenham a sua significação cabalística e revelem também profundo aspecto simbólico, delas não nos ocuparemos aqui, detendo-nos, apenas, na significação do **YOD** que é o objeto do nosso estudo.

A letra **YOD** pode apresentar-se ora como vogal e ora como consoante. No primeiro caso, ela simboliza a manifestação potencial, a duração espiritual e a eternidade do poder criador da Divindade. No segundo caso ela representa a duração material de todas as coisas. Mas, a significação simbólica do **YOD** pode ser traduzida como: "*Eu sou o que Sou*". Esta expressão encontra-se na passagem bíblica que narra o encontro de Moisés com o Senhor, no monte Sinai, quando Moisés perguntou-Lhe qual era o Seu nome, a fim de que ele O dissesse ao povo na sua volta. E Deus disse-lhe: "*Eu sou o que Sou*".

Representado como uma simples vírgula, ele lembra ser o "princípio de todas as coisas" e atendendo-se, ainda, ao fato de ser ele a décima letra do alfabeto hebraico, podemos raciocinar que este número, como já vimos, é formado pelo **UM** e pelo **ZERO**, estando o **UM** colocado antes do **ZERO**, ou seja, simbolicamente, a **UNIDADE** precedendo ao **NADA**, o que significa então que o Universo procedeu do **NADA**!

Há, ainda, um outro aspecto que pode ser apreciado no simbolismo do **YOD**, ou seja, o aspecto geométrico. Com efeito, na Geometria, o **YOD** é representado por uma circunferência tendo em seu centro um ponto. No simbolismo desta figura o ponto representa Deus, e a circunferência apresenta o Universo limitado. Esta limitação, dada pela linha da circunferência, significa o Universo limitado em Deus. É necessário lembrar-se aqui de que embora em nossa conceituação humana o Universo seja considerado sem limites, face à infinita grandeza de Deus ele é perfeitamente limitado.

Este é o simbolismo do **YOD**, o "princípio de todos os seres manifestados na Vida Absoluta". A união do Espírito com a Alma Universal, isto é, a união do Poder de Deus com a sua Criação, harmonização perfeita entre a Criatura e o Criador, a Justiça com a Perfeição!

Como se viu, o simbolismo do **YOD** não é simples e isto trouxe certas dificuldades em sua interpretação no decorrer dos tempos e, por isto, aos poucos este símbolo foi sendo substituído por um outro de forma mais fácil te ser interpretada, ou seja a letra "**G**".

Ao que parece, foi a Maçonaria Inglesa que fez a substituição do **YOD** pelo "**G**" e isto em virtude de que, sendo o **YOD**, em última análise a representação simbólica, de Deus, sua pronúncia se assemelhava, em muito, à da palavra **GOD**, inglesa, que se traduz por Deus.

A letra "**G**" assume, atualmente, grande importância na ritualística e no simbolismo maçônicos e pode-se dizer mesmo que ela é um dos símbolos mais usados no interior de um Templo Maçônico. As interpretações que se dão a este símbolo variam quase que ao infinito e elas se referem, sempre, a tudo aquilo de bom, de justo e de perfeito que tem o seu nome iniciado com esta letra. Assim, encontramos explicações para a letra "**G**", tais como: Grande Arquiteto do Universo, Grandeza do Mestre, Glória de Deus, Geometria, Geração, Gravitação, Gênio, Gnose e muitas e muitas outras que seria fastidioso enumerar. Acontece, porém, que o simbolismo é como que uma ciência que não permite divagações ao saber da fantasia de cada qual. Ele se refere especificamente a determinada coisa ou ser e, só sua interpretação correta pode dar a idéia correspondente àquilo que está hermeticamente representado. Portanto há que se pesquisar com consciência e seriedade o significado correto do símbolo.

A hipótese aventada, da troca feita pelos ingleses do **YOD** para "**G**", como uma assimilação de pronúncia, é aceitável, mas, é preciso ficar bem claro que, neste caso, houve uma feliz coincidência não só quanto à. vocalização dos sons das duas palavras - **YOD** e **GOD** - mas, ainda, pelo fato de que, como vimos, em hebraico **YOD** significa Deus e em inglês, a palavra **GOD**, também significa Deus!

A explicação exata, no entanto, para a substituição do símbolo foi, realmente, a dificuldade de interpretação simbólica do **YOD**, principalmente pelos povos ocidentais, e mais, o fato de que a substituição em nada alterou o significado intrínseco do símbolo. Vimos, com efeito, linhas atrás, que na Geometria o **YOD** era representado por um círculo que tinha um ponto em seu centro e isto com a significação de Deus e sua criação, o Universo. Figuradamente o círculo se representava na Cabala por uma serpente que a própria cauda e este ideograma era o símbolo de Deus, representado por Seu eterno movimento criador. Quando, nos primórdios do alfabeto, os ideogramas se foram transformando em letras, o exercício da escrita foi, aos poucos, adulterando os símbolos primitivos. Podemos ver que a atual letra "**B**" foi, anteriormente, representada por um retângulo dividido ao meio por uma reta e formando dois quadrados; a letra "**M**" era representada por uma linha sinuosa lembrando uma onda do mar; a letra "**T**" representava-se por uma cruz. Assim, a letra **YOD**, cujo ideograma já se havia transformado de serpente em circulo com um ponto central foi transformando-se paulatinamente na letra "**G**". É de supor-se que o constante exercício da escrita e o costume que iam adquirindo os "copistas" de lidar com as letras, levou-os, por desleixo ou por pressa, a mutilarem as letras e os símbolos. Assim, ao ter que desenhar um círculo e depois colocar um ponto em seu centro, podemos imaginar, sem esforço, que o "escriba" iniciava o traçado do círculo, partindo da direita para a esquerda e iniciando com um movimento ascendente. Quando terminava o traçado do circulo, sem levantar o "cálamo", traçava uma reta até seu centro onde colocava o ponto. Assim a prática do desenho foi evoluindo e logo já não se preocupavam muito em fechar completamente o círculo, iniciando a feitura da reta que ia para o centro antes mesmo da linha circular se encontrar de todo. Daí o aspecto da letra **YOD**, transformado em letra "**G**".

Mudou-se o feitio gráfico do símbolo, mas isto não alterou em nada a sua significação simbólica.

A idéia de Deus, ligada indestrutivelmente à de onisciência, trouxe uma nova transformação gráfica do símbolo. Esta, sim, foi drástica e vazada na interpretação simplista de uma figura que mais diretamente causasse impacto à primeira vista. O "**G**" foi substituído por um "olho"! A intenção, sem dúvida, se baseou na onisciência Divina traduzida na linguagem popular pelo "Deus vê tudo!" Foi por isto que se colocou dentro do **DELTA SAGRADO** a figura de "olho".

A idéia, sem dúvida brilhante, possuiu um cunho prático de levar o espírito do observador a alcançar, rapidamente, a idéia central da presença de Deus.

A imagem de um "olho" vigilante, sempre aberto, sempre perquiridor conduz o Aprendiz, infalivelmente, ao entendimento de que por trás daquela figura há uma invisível presença! É, além disto, embora não acreditemos que tenha havido este propósito, uma forma de relembrar o período em que o homem, segundo nos relatam os estudiosos, possuía apenas um olho no meio da testa.

Este fato, a par de uma hipótese científica, é uma realidade mitológica que pode ser encontrada em várias passagens da História primitiva, principalmente na narrativa feita em a "Odisséia", na qual Ulisses, o herói grego, em suas andanças, encontra, nas costas da Sicília, uma terra habitada por gigantes que possuíam um só olho na testa - os ciclopes - um dos quais, Polifemo, prende a Ulisses e a seus companheiros.

A Mitologia faz referências ainda a outros ciclopes, tais como Brontes que forjava os raios em sua oficina no monte Etna, Esteropes, que os colocava na bigorna e Piracnion que os martelava a golpes de malho. A palavra ciclope é formada de "ciclos", que significa "**círculo**" e "**ops**" que se traduz por "olhar".

O sentido da visão, segundo os cientistas, evoluiu para o aparecimento de mais dois olhos na face do homem e, com isto o olho primitivo regrediu atrofiando-se até o seu completo desaparecimento.

Órgãos que se atrofiaram não são raros no corpo humano. A Ciência nos informa de que houve um período em que o homem era hermafrodita, isto é, cada indivíduo possuía todos os órgãos masculinos e todos os órgãos femininos. A evolução encaminhou, aos poucos, o homem para a separação de sexos e, então, progressivamente nasceram indivíduos portadores só de órgãos masculinos e outros portadores só de órgãos femininos. Os órgãos que se atrofiaram deixaram, em cada indivíduo, seus vestígios. Os mamilos, no homem, são rudimentos de seios que, em épocas remotas tiveram a função de aleitamento. A próstata é hoje um útero rudimentar, mas que, em épocas passadas, esteve em pleno funcionamento. Na mulher, o clitóris é atualmente um pênis atrofiado que em primitivas eras cumpriu totalmente as funções deste órgão. Vemos, pois, que os órgãos rudimentares de que somos portadores são lembranças de eras avoengas. Isto leva os estudiosos a supor que a glândula pineal, situada profundamente no cérebro, em sua parte mediana anterior e que desempenha importantíssima função no equilíbrio do sistema glandular, apresentando ainda hoje, muitos mistérios não explicados em suas funções, leva a supor, dizíamos, que esta glândula pineal seja o resquício daquele primitivo olho dos ciclopes que se atrofiou com o aparecimento dos olhos faciais!

Tudo o que acima foi dito, foi para explicar a existência deste olho único, então existente no homem e que tinha, segundo se supõe, propriedades outras, além de enxergar as coisas materiais. Este olho podia "enxergar" o mundo Espiritual. Era a terceira visão, que deixou de existir quando do aparecimento dos olhos que hoje temos no rosto. A Teologia afirma, em várias ocasiões, a existência de seres invisíveis aos nossos olhos, seres estes que ela denomina genericamente de anjos; admite, mais, a existência das almas das pessoas que morreram, habitando outras paragens que não o nosso mundo físico; a Mitologia nos fala de gnomos e espíritos da terra e ainda outras criaturas, invisíveis para nós, mas que, às vezes, se revelam para alguns mortais! Se, pois, há estas entidades espirituais e estas criaturas normalmente invisíveis, a sua invisibilidade decorre antes da impossibilidade que têm os nossos olhos materiais de vê-las, do que mesmo da sua existência. Acredita-se que os primitivos ciclopes podiam ver, com seu único olho, estas entidades invisíveis aos nossos olhos de hoje!

A explicação disto decorre do fato de que os nossos olhos, que nada mais são que órgãos captores das vibrações luminosas que as recebem e as enviam ao cérebro para sua apreciação, só podem enxergar ondas luminosas de determinado comprimento.

As cores que conhecemos, em número de sete, chamadas cores fundamentais, são vibrações da luz com comprimentos de ondas diferentes que, por isso, sensibilizam de formas diversas a nossa retina e, enviadas ao cérebro, através do nervo ótico, se revelam como vermelho, amarelo; laranja, verde, azul, anil e violeta. Está, no entanto, cientificamente comprovado que além destas ondas percebidas por nossos olhos há outras que são incapazes de impressionar a nossa retina porque o seu comprimento de onda não sensibiliza os fótons, que são células da retina. Assim, as ondas ditas infravermelhas ou as chamadas ultravioletas, não são percebidas pelo olho humano, mas podem ser operadas por determinadas técnicas em certos aparelhos, que podem então fazer fotografias, com estes tipos de ondas, de objetos colocados em plena escuridão e, portanto, invisíveis para nós. Há insetos, como as abelhas, que enxergam com a luz ultravioleta, que não é percebida pelos olhos humanos. Existem, pois, qualidades de matéria que emitem raios luminosos com freqüência vibratória inferior ao infravermelho e superior ao ultravioleta. Este tipo de matéria não pode ser percebido pelos olhos humanos. Quem poderia contestar, peremptoriamente, o fato de serem as entidades espirituais, invisíveis aos nossos olhos, constituída por este tipo de matéria?

Anjos, Arcanjos, Serafins, Querubins, Tronos, Potestades, Dominações, Espíritos, Almas, Gnomos, etc. e ele, são, pois, entidades "materiais" constituídas de matéria muito mais sutil, muito mais fina do que o tipo de matéria que conhecemos e que afeta ao estado sólido, líquido e gasoso. Por esta razão, não são por nós percebidos, não obstante estarem junto de nós, trabalhando conosco, orientando-nos, ensinando-nos a todo o momento!

Com uma comparação grosseira, podemos dar uma idéia de como este mundo invisível, apesar de presente junto a nós, não consegue impressionar as células fóticas de nosso aparelho visual. Suponhamos que nos encontremos em um salão de cinema onde está sendo projetado na tela um filme qualquer. As imagens ali projetadas se movimentam e este movimento é perfeitamente acompanhado pelos nossos olhos. Suponhamos ainda que, em dado momento, sem que seja interrompida a projeção do filme, acendam-se todas as luzes do salão. O que acontece? Deixamos, imediatamente de ver as figuras que continuam a ser projetadas na tela, não obstante elas ali continuem a se movimentar como antes. Por que não as enxergamos mais? Porque uma causa exterior, ou seja, a luz, impediu que os nossos olhos captassem aquelas imagens agora de intensidade menor. Isto é o que acontece com relação ao mundo Espiritual que nos cerca. Ele existe, está aqui mesmo em torno de nós, mas, nossos olhos são incapazes de reagir às suas vibrações luminosas porque elas ou são menores do que as ondas infravermelhas ou maiores do que as ondas ultravioletas. Em resumo, porque nós não possuímos a terceira visão!

Esta terceira visão era, segundo se acredita, um atributo normal ao homem primitivo, isto é, nos ciclopes. Parece, segundo relatos bíblicos, que os homens do tempo de Moisés, apesar de não serem mais ciclopes, tinham ainda, com certa facilidade, o poder de enxergar os entes do mundo espiritual. A Bíblia é cheia de relatos de "aparições" de anjos e outras entidades do mundo Espiritual que mantinham palestras, davam conselhos ou exprobravam aos homens. Ainda hoje os espiritistas afirmam que os "médiuns" entram em contato visual com as entidades do mundo espiritual. Não são todos os "médiuns" que têm esta capacidade. Apenas alguns, ditos "médiuns videntes" é que podem fazê-lo. Talvez se possa explicar cientificamente esta possibilidade que têm algumas pessoas de "verem" os espíritos e outras entidades, por uma transitória alteração na química dos fluidos corporais que possa predispor a retina a vibrar de forma a perceber as vibrações abaixo ou acima da escala luminosa normal à percepção dos olhos da maioria dos humanos.

A possibilidade da terceira visão, em nós, o comum dos mortais, deve persistir em estado latente e é isto que nos faz perceber a existência de uma entidade superior por trás da figura do "olho" desenhada no centro do **DELTA SAGRADO**. Este "olho" é, sem dúvida, um elemento de vigilância, uma afirmação da "vigilância divina" que tudo observa, tudo sabe é tudo vê e que por isso mesmo obriga ao homem a seguir a sua vontade, vontade esta que emana no Templo Maçônico, envolvendo a tudo e a todos, fazendo-se respeitada por ser a própria vontade de Deus!

O pensamento filosófico nos ensina que a "luz espiritual" é mais real do que a "luz material" mas aquela luz só pode ser percebida pela nossa atrofiada terceira visão que, não obstante o seu atrofiamento, inconscientemente a "enxerga" e obedece. Assim, dentro do Templo, cada Maçom é um ponto de captação desta misteriosa "luz espiritual" e, por isto, forma, com os outros Maçons que ali se encontram, uma verdadeira "Cadeia de União" na qual todos vibram sob os influxos de uma mesma Vontade Superior e refletem, em conjunto, esta Divina Vontade produzindo os benefícios do amor, da harmonia e da fraternidade que une todos os obreiros da Oficina.

Sabemos que os trabalhos de uma Oficina Maçônica não têm nenhum valor se antes deles não for aberto o "Livro da Lei", porque nele está a "palavra" Divina. Da mesma forma, no "olho" do **DELTA SAGRADO** está a "presença" Divina. Esta "presença" observa o Maçom não só em seu aspecto exterior, mas, ainda em todo o seu íntimo, no recôndito de seu coração e no âmago de sua alma!

YOD, "**G**" ou "Olho", o símbolo é o mesmo, a sua interpretação é a mesma, o seu significado é o mesmo! Ele lembra a presença de Deus dentro do Templo Maçônico, em toda a plenitude de Seus atributos divinos de perfeição, igualdade e justiça, representados nos fados perfeitamente iguais do Triângulo e, ainda, a Sua onisciência representada no seu símbolo central!

Terminamos aqui as nossas considerações sobre o significado simbólico do **DELTA SAGRADO** e estamos certos de que não erramos quando nos recusamos a fazê-las para os Aprendizes porque, como se viu, estas considerações se restringem, quase que exclusivamente, ao campo da Filosofa Maçônica, do hermetismo da Cabala e do transcendentalismo do Plano Espiritual, o que era então, defeso ao Aprendiz, ligado como estava ainda unicamente aos fenômenos e às manifestações do Plano Material, incapaz, por isto mesmo, de compreender a beleza e a grandiosidade do Símbolo Sagrado.

Estamos certos de que não erramos!

O Número Quatro

A manifestação do Absoluto, traduzida naquilo que chamamos de "Criação", procedeu do interior para o exterior daquele Absoluto, para exteriorizar-se, de maneira objetiva, em tudo o que se compõe o Universo.

Vimos nos estudos anteriores, a existência do **ZERO**, simbolizando o Espaço ilimitado, sobre o qual, ou no qual, "pairava" o Espírito de Deus, ou seja a potencialidade ainda não manifestada. Tal potencialidade é a representação do Pai, no qual se encontram todas as possibilidades criadoras.

A presença do Pai, representada pelo ponto **YOD** situado no centro do círculo (**ZERO**), é a primeira diferenciação do Absoluto, preparando-se para iniciar o trabalho da Criação. Do ponto parte um Raio de Luz Cósmica, que é a manifestação do Pai, simbolizada pelo número **UM**. Vimos, ainda que este Raio de Luz Cósmica se dissocia em **DOIS** raios angulares "contrários" que se afastam progressivamente na involução. Estes **DOIS** raios representam a Mãe, ou seja, a Natureza, onde operará a Vontade do Pai. A ação desta Vontade do Pai sobre a Mãe resultará, simbolicamente. na união dos números **UM** e **DOIS**, para formarem o **TRÊS**, representante simbólico da **TRINDADE** que é a manifestação perfeita e total.

Importante é saber-se que e manifestação destes três primeiros Princípios se verificou apenas no campo metafísico e, assim, não obstante sua verificação, nada existia ainda de material. Para que o trabalho da Criação passasse do terreno da manifestação metafísica para o terreno físico da materialidade, a **TRINDADE** emanou de Si, através de vibrações diferentes, **QUATRO** elementos básicos à formação do mundo material.

Estes **QUATRO** elementos, a que a Bíblia se refere como **Elohim**, são divindades para a Teologia. **Elohim** é o plural de Eloá, palavra hebraica que significa Deus. Esta palavra é empregada na Bíblia de duas maneiras diferentes: acompanhada de um verbo no singular, designa o verdadeiro Deus. Neste caso, o plural da palavra é um plural por excelência. Ao mesmo tempo, o singular que o verbo conserva, denota a unidade de Deus. Acompanhada de um verbo ou qualificativo no plural, a palavra **Elohim** aplica-se, ora aos deuses estrangeiros, ora aos anjos ou aos homens fortes e poderosos. No campo da Física, no entanto, podemos conceber estes **Elohim** como sendo os elétrons que se combinam de diferentes formas constituindo os átomos materiais da grande variedade de corpos químicos de que se compõe o Universo. E interessante verificar-se que os elétrons nada mais são que manifestações imateriais de força que se "materializa" para formar os átomos, A Química Filosófica de há muito chamava a atenção para o fenômeno da "desmaterialização" quando os átomos materiais eram divididos dando origem a elétrons imateriais.

Assim, temos hoje comprovada nos laboratórios científicos aquilo que, ate aqui, tinha sido objeto de nossas cogitações filosóficas. Mas, prossigamos no nosso estudo sobre o numero **QUATRO**. Os **Elohim** emanados da **TRINDADE** foram aqueles a que os antigos denominavam de **QUATRO** elementos, ou sejam A Água, o Fogo, a Terra e o Ar. Os conhecimentos que hoje possuímos nos informam de que a Água nada mais e do que a combinação do Hidrogênio com o oxigênio; a Terra, uma combustão do Hidrogênio com o Oxigênio; o Fogo, uma combustão de Hidrogênio em presença do Oxigênio; a Terra, um complexo de rochas formado das mais variadas combinações e misturas de sais minerais e o Ar, é uma mistura do Oxigênio com o Nitrogênio. Assim, hoje, não podemos, segundo os conceitos modernos de Química, considerar aqueles corpos como "elementos". Mas, sob o ponto de vista filosófico, esta conceituação é perfeitamente normal para indicar que tais elementos são Forças da Natureza e não componentes dos corpos. É sob este aspecto que os temos de considerar em nosso estudo.

Infelizmente não podemos hoje aceitar os termos filosóficos dos conhecimentos antigos com a mesma conceituação que lhes era atribuída. Por isto seremos forçados a esclarecimentos e comparações que possamos justapor estes conceitos - antigos e modernos - afim de que não seja prejudicada a nossa interpretação. É necessário, porém, que, ainda que às vezes possam parecer absurdos certos conceitos, não devemos perder de vista o fato de que as nossas cogitações são filosóficas e não materiais.

Diz a Física moderna que “*Força é tudo aquilo capaz de produzir ou modificar o movimento*”. Já a Filosofia nos ensina que “*Força é o Espírito que penetra na matéria causando nela vibrações*”. A Energia **UNA**, procedente do Absoluto, se diversifica e toma aspectos diferentes sendo assim o Espírito, a Vida, etc.

A numerologia prefere não ver nos **QUATRO** elementos os **Elohim**, isto é, não os reconhece como Divindade pois estas são apenas as **TRÊS** que formam a **TRINDADE** em seus **TRÊS** aspectos. Dá-lhes - aos **QUATRO** elementos - a classificação de “Princípios” formadores de todos os elementos materiais.

Os versículos 26 e 27 do Capítulo 1, do Gênesis nos informam que:

> Gen. 1, 26 - “*Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança: tenha ele*, etc., etc.
>
> 27 - *Criou, Deus, pois o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou*”.

Segundo o texto bíblico o homem é a imagem de Deus conforme a Sua semelhança. Isto nos leva a concluir que o homem veio diretamente de Deus e, na Filosofia Maçônica, como na Cabala, o número **QUATRO** é o que simbolicamente traduz esta separação aparente em que o homem “sai” de Deus. Aliás, na Natureza todos os seres vivos provêm de outro ser vivo que lhe é igual ou semelhante. É o “*ovo ab ovo*” dos filósofos! Na reprodução agâmica vemos uma célula dividir o seu núcleo (cariocinese) e contrair a sua membrana dividindo assim o seu citoplasma para dar lugar ao aparecimento de duas novas células iguais. Nos vegetais, assistimos à reprodução pelo simples destacar de um de seus galhos que, plantado, dará lugar a um outro vegetal semelhante ao primeiro. Assim, o homem “saiu” de Deus à Sua imagem e conforme a Sua semelhança.

Enquanto os números **UM**, **DOIS** e **TRÊS**, se relacionam com as manifestações da Vontade Divina no campo da Metafísica, o **QUATRO** realiza, no mundo material, aquelas manifestações. O sentimento de Amor que leva o Pai e a Mãe a conceberem a idéia de um Filho, pode ficar apenas no campo das pretensões enquanto a estes três elementos - Pai, Mãe e Filho - não se juntar um **QUARTO**, ou seja, o elemento capaz de tornar material aquela ideação.

A Doutrina Secreta nos ensina que o disco simples é a primeira figura representativa do espaço absoluto, a segunda é o disco com um ponto em seu centro, significando a primeira diferenciação da Vontade Divina; a terceira é a fase em que o ponto se transforma em diâmetro, simbolizando a Mãe-Natureza, divina e imaculada, no Infinito Absoluto que abrange todas as coisas. A **QUARTA** fase se verifica quando uma linha vertical, dentro do disco, corta ao meio o seu diâmetro e forma uma Cruz que simboliza que a humanidade alcançou a Terra. A Cruz não deve ser encarada, pois, como um símbolo de morte, mas, antes, como o signo do Começo da vida humana - o desaparecimento do círculo, ficando apenas a cruz, representa a queda do homem na matéria!

A Cruz, símbolo da Vida, tem seus **QUATRO** braços representando os **QUATRO** elementos formadores da matéria. O dualismo da Divindade em seus aspectos imanifestado e manifestado está encerrado nos “contrários” presentes nos **QUATRO** elementos.

Assim, a Água, por sua passividade, por sua placidez e por sua umidade, se antepõe ao Fogo, com a sua ebulição, com a sua secura; a Terra, pela sua dureza, pela sua complexidade e por sua extrema densidade, se contrapõe ao Ar, com a sua leveza, com a simplicidade de seus componentes e por sua mínima densidade. Os ocultistas vêem as Três Unidades Primárias se manifestando na Natureza através dos **QUATRO** elementos e fazem o Fogo, do Ar pelo calor, reação esta que traz a condensação em forma de Água e esta, em presença do Fogo, dá lugar à formação da Terra. Esta era, ou é, a explicação mais razoável que eles encontram para, a formação dos elementos através de sua própria interação!

Mais interessante, porém, é a consideração filosófica que conduz o problema para a esfera moral onde dá ao Fogo os atributos da "vontade" do ser que se associa ao Ar, representante do "pensamento", para darem origem à Água, símbolo do "desejo" e das "emoções" que se manifestam na Terra como "ação" e "dinamismo".

Adentrando-se no pensamento filosófico temos de ver os **QUATRO** elementos como simples envoltórios físicos dos **Elohim** da Água, do Fogo, do Ar e da Terra, entidades imateriais que os governam. Assim há que se fazer urna nítida a diferenciação entre o elemento e a entidade que o comanda. No homem, estas entidades dos **QUATRO** elementos exercem grande influência conforme a dominância que sobre ele exerçam. Quando a entidade do Fogo domina o homem ele se torna violento e irascível, seu temperamento é conhecido na Psicologia como sendo "bilioso"; se são as entidades do Ar que o comandam, ele se mostra com atributos de inteligência e reflexão, um temperamento dito "sangüíneo"; as entidades da Água influem no sentido de tomá-lo sensitivo e impressionável, com um temperamento tipicamente "linfático"; finalmente, as entidades da Terra outorgam-lhe características de grande atividade e constância em suas determinações. Seu temperamento é, então, "nervoso".

A luta do homem consigo mesmo deve ser no sentido de dominar os **QUATRO** elementos inferiores a fim de poder usufruir os benefícios das entidades puras que os governam e transformá-los em princípios superiores, de vibrações benéficas e harmoniosas que o elevarão, espiritualmente, até aos páramos da **UNIDADE** onde ele, integrando-se novamente no círculo de onde foi originado, possa dizer, como o disse o Mestre Jesus: "*Eu Sou*"!

Recomendam os ocultistas que o homem deva exercer a sua inteligência, simbolizada pelo ponto central do círculo onde se intersectam as duas linhas - horizontal e vertical - que formam os braços da Cruz, a fim de dominar os **QUATRO** elementos inferiores. Indicam o caminho a ser seguido para esta dominância como sendo a da extirpação de todas as paixões possessivas e grosseiras até chegar-se à impersonalidade, como o meio de se dominar os elementos inferiores da Água; os instintos animais deverão ser vencidos para que sejam dominados os elementos do Fogo; uma concentração perfeita é recomendada para a vitória sobre os elementos do Ar e, finalmente, uma vida física racional, onde os princípios de higiene do corpo, um comedimento na alimentação e uma respiração adequada, o capacitarão a sobrepor-se aos elementos inferiores da Terra!

Simbolicamente, temos o Triângulo como a representação do mundo Divino e o Quadrado é a representação do Templo de Deus no homem.

Muito mais se poderia falar acerca do simbolismo do número **QUATRO**. Ao Companheiro, contudo, parece-nos que basta o que até aqui ficou dito para ter ele uma idéia sobre a importância filosófica do número.

O Número Cinco

Vimos que os **QUATRO** elementos, envoltórios das quatro Essências que os animam, constituem os princípios materiais básicos de que se formam todas as coisas no nosso mundo físico. Vimos, ainda, que aquelas Essências, atuando sobre cada um dos **QUATRO** elementos podem, no homem, agir de forma a moldar-lhe os tipos não só físico, mas, também seu comportamento temperamental.

Quando estudamos o número **DOIS**, verificamos que ele preside os "contrários" que buscam, até encontrar, o equilíbrio. Equilíbrio é inércia, inércia é a, negação da Vida que é, por si mesma, vibrante e agitada. Os **QUATRO** elementos, antepondo-se **DOIS** a **DOIS**, conduzem a matéria por eles formada, invariavelmente, para o equilíbrio, ou seja, para a morte! Em uma conceituação biológica já foi dito que: "*A morte é o equilíbrio entre o anabolismo e catabolismo*"!

Assim, para que um corpo se mantenha vivo não bastam as **QUATRO** Essências que presidem os elementos que o formam. É necessária a presença de uma **QUINTA-ESSÊNCIA** capaz de evitar que os **QUATRO** elementos se equilibrem, se neutralizem e "morram", enfim!

É o número **CINCO** que preside a esta Energia capaz de manter em vibração os elementos primários. A Bíblia nos implica, simbolicamente, no Capítulo segundo do Gênesis, o aparecimento desta **QUINTA-ESSÊNCIA**. Diz ela:

> Gen. 11, 6 - "*Mas uma neblina (AR e ÁGUA) subia da TERRA (pela ação do calor, ou seja FOGO) e regava toda a superfície do solo*
>
> 7 - "*Então formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego da vida, e o homem passou a ser uma alma vivente*". (Os parêntesis são nossos)

Vemos, então, que o homem foi formado com os **QUATRO** elementos já nossos conhecidos, mas ainda assim, continuava matéria inerte, sem vibração, sem vida. Soprou-lhe, então, o Senhor, "nas narinas, o alego da vida". O Senhor adicionou às **QUATRO** essências contidas nos elementos, mais uma, a **QUINTA** essência e, então, ele (o homem) "passou a ser uma alma vivente".

A Essência número **CINCO** é o Espírito de Deus, capaz de não permitir que os **QUATRO** elementos se equilibrem. Assim, enquanto com eles coexistir a **QUINTA** essência, a vida estará nele presente e suas forças não serão capazes de se neutralizar **DUAS** a **DUAS**.

Esta Quinta Essência é o hálito, a respiração que mantêm a Vida, que permite ao ser manifestar-se como um ser vivo e que une o Espírito de Deus que, simbolicamente, conforme narra a Bíblia, lhe foi transmitido através de um "soro" em suas narinas, "sopro" este que constitui o "fôlego da vida". Feito de barro ele era matéria inerte. Recebido o "soro" do "fôlego da vida", tornou-se uma "alma vivente".

O simbolismo desta passagem bíblica é muito grande. Ao afirmar, o texto bíblico, que "*Então formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra*", está, simbolicamente, afirmando que o corpo material do homem é composto dos **QUATRO** elementos primários que presidem a formação dos corpos físicos. Com efeito, sabemos hoje que o corpo humano é constituído de quase 90% de Água. Os 10% restantes são formados de substâncias sólidas representadas por sais minerais e substâncias orgânicas sendo estas, em última análise, constituídas, também, por elementos químicos. Sais minerais e elementos químicos são, precisamente, os componentes que, em proporções adequadas, formam a Terra. Além disto, a função orgânica não se realiza sem o fenômeno da oxidação, ou seja, sem a presença do calor, um dos atributos do Fogo e, finalmente, a oxidação necessária só se faz em presença do Ar. Sabemos, também, que não basta a simples reunião destes **QUATRO** elementos para comunicar ao corpo a característica de "ser vivo". Com efeito, uma pessoa que acaba de morrer, possui todos os elementos acima enumerados, mas, agora, já não é mais ser vivo!

Há, então, que se considerar a existência de um **QUINTO** elemento capaz de permitir que os **QUATRO** outros adquiram a condição de vitalidade. Este **QUINTO** elemento é a Energia **UNA**, o "sopro" que causa o "fôlego da vida", e que, retirado do homem o transforma em um cadáver!

Vemos, então, que o homem vivo é formado de **CINCO** elementos e a sua representação simbólica, na Filosofia Maçônica, é o Pentagrama ou Estrela Flamígera, o símbolo do Companheiro Maçom.

Ela indica que o Companheiro atingiu, em seus estudos, o conhecimento do Plano Astral ou Espiritual. Para alcançar a este Plano teve ele de empreender **CINCO** viagens e agora consegue apreciar a "Verdadeira Luz", a "Luz Espiritual" e com ela pode perceber novos horizontes de generosos sentimentos que devem ser exaltados e, por isto, despreza o egoísmo como um sentimento abominável A Estrela Flamejante, ainda que não seja tão brilhante quanto o Sol, é a principal Luz de uma Loja. Sua luz é suave e sem irradiações resplandecentes. Por isto mesmo, não ofusca os olhos do Companheiro que pode trabalhar tranqüilo na conquista do novo Plano Espiritual. Ela representa a virtude da Caridade, pois, espalhando luz (ensino) e calor (conforto) nos ensina a praticar o **BEM** em todos os lugares a que esta Caridade possa alcançar. O simbolismo da Estrela Flamejante, que é a representação do homem, tem importância capital na posição em que a Estrela está disposta. Assim, quando colocada com uma ponta para cima, representa o homem espiritualizado. Nesta posição, as duas pontas inferiores da Estrela representam as pernas afastadas do homem; as duas pontas laterais representam seus braços abertos e a ponta superior representa a cabeça.

Os **QUATRO** membros do homem estão assim simbolizados e, também, a cabeça que os governa como centro das faculdades intelectuais, e que é sede da inteligência, atributo espiritual, e que domina o quaternário de elementos materiais. Colocada entre as figuras do Sol e da Lua, significa que a inteligência e a compreensão por ela indicadas procedem da Razão e da Imaginação.

Representando o homem, considerado como uma miniatura do mundo, ela corresponde ao Microcosmo. Símbolo do Companheiro Maçom, ela, com sua ponta voltada para o alto, lembra-o ereto, de cabeça erguida para o céu de onde lhe vem a Verdadeira Luz que, encontrará nele vibrações adequadas, preparadas por estudos e meditações apropriadas, oferece-lhe faculdades especiais, armando-o de novos sentimentos que em contato com as vibrações sutis de um novo mundo espiritual, dantes inteiramente desconhecido para ele, o fazem sentir um novo ser perfeitamente integrado na harmonia do Macrocosmo!

A Estrela Flamejante "**é o emblema do gênio que eleva as grandes causas. É a imagem do fogo sagrado que abrasa a alma de todo homem que, resolutamente, sem vaidade, sem baixa ambição, vota a sua vida à glória e à felicidade da Humanidade**"! Seu simbolismo iniciático se refere ao homem evoluído, possuidor de poderes psíquicos, coroado de brilhante inteligência e cujos trabalhos estão voltados para a especulação de campos superiores. É por isto que ela se mostra como uma Estrela Flamejante. O pentagrama simples (não flamejante) é, também, uma representação do homem, mas de um homem não iniciado que não pode retirar do reservatório eterno aquelas forças novas que o auxiliem em sua elevação para as esferas mais altas da espiritualidade!

O verdadeiro Iniciado acha-se em íntima comunhão com as luzes superiores e eternas, pode penetrar, espiritualmente, em outros mundos e possuir, assim, os dons da clarividência.

Colocada com a ponta voltada para baixo, a significação simbólica da estrela é completamente diferente. Começa por não ser flamejante, pois não distribui luz e nem dispensa dotes de inteligência. A sua ponta voltada para baixo representa os órgãos sexuais do homem, o que vale dizer que se trata de um homem inteiramente materializado, com predominância do sexo. Voltado para as preocupações do mundo da matéria, esquece-se do mundo do Espírito. É um ente atrasado, facilmente corruptível, egoísta, incapaz de praticar ações nobres!

Vimos, então, que o homem é formado de **CINCO** componentes, sendo quatro elementos inertes e um Espírito que vivifica todo o conjunto. Este **QUINTO** elemento espiritual, que vivifica o homem é a representação do poder Criador nos mundos divino, intelectual e material. O corpo físico do homem colhe informações do mundo exterior onde ele vive através de **CINCO** sentidos que exercem, cada um deles, influência sobre pontos essenciais para o conhecimento do Espírito. Assim, o tato influi nas relações do corpo físico; o paladar liga-se aos instintos, o olfato relaciona-se com o corpo dos desejos; a audição afeta o corpo mental e a visão estimula a vontade.

Estes **CINCO SENTIDOS** interligam-se às **CINCO FUNÇÕES** da vida vegetativa, ou sejam: respiração, digestão, circulação, excreção e reprodução.

O **CINCO** é o número que comanda a vida animal em todas as suas manifestações ficando todo o conjunto vital dominado pela expressão máxima do desenvolvimento do "*Eu sou*"!

O Companheiro Maçom está, pelo seu grau, pela sua idade maçônica e pelo número de pancadas dadas, pelo Venerável, sobre a espada, quando de seu juramento, no ato da Elevação, capacitado a estudar e entender o simbolismo do número **CINCO**.

O Evangelho de São João, em seu Capítulo XXV, relata a parábola do "Servo fiel" que recebeu de seu patrão a importância de cinco talentos para com eles operar durante a viagem que faria o amo. Homem trabalhador e diligente aplicou os talentos em transações várias e conseguiu com isto duplicar o seu número. Em sua volta, o amo pediu-lhe conta do dinheiro e ele entregou-lhe os dez talentos dizendo-lhe que havia diligenciado para que crescesse o capital que lhe fora confiado. O amo agradeceu-lhe e premiou-lhe chamando-o de servo fiel.

Os **CINCO** talentos da parábola podem ser aplicados, pelo Maçom, como sendo os **CINCO** sentidos que lhe foram confiados pelo Absoluto. Resta diligenciar, através de estudos e meditações, para que eles cresçam e rendam cem por cem, conforme fez o servo com os talentos. Ao Companheiro compete este serviço. Entregar-se, afanosamente ao estudo de todos os mistérios do grau. Diligenciar, através da meditação, para que compreenda o simbolismo da Filosofia Maçônica a fim de que não seja um simples "freqüentador de Loja".

Os tempos modernos têm feito com que os homens, entregues a um sem número de afazeres, se esqueçam de sentar-se para meditar um pouco todos os dias. Assim, ele vai-se brutalizando, materializando e esquecendo-se das coisas Superiores. É mister diligenciar no sentido de se entregar um pouco ao transcendental afim de que possa burilar o seu espírito e aprimorar os seus costumes. A Maçonaria é uma escola onde todos têm de aprender alguma coisa todos os dias. Nela, o obreiro diligente tem oportunidade de desenvolver os seus conhecimentos no sentido de poder responder a inúmeras questões que se lhe apresentam e que, muitas vezes, exigem-lhe uma resposta imediata.

O campo de trabalho do Companheiro Maçom é o Plano Espiritual. Nele não há mais oportunidade para lavrar a Pedra Bruta, pois que o seu trabalho agora é o de cinzelar a Pedra Cúbica afim de que ela se apresente sem arestas e perfeitamente capaz de servir à grande construção do Templo simbólico que a Maçonaria, através de seus adeptos, se propõe a construir em honra do Grande Arquiteto do Universo. Estudo e meditação são as metas que devem nortear o trabalho do Companheiro durante todo o seu tempo de serviço!

O Número Seis

A um observador já experimentado, como deve ser o Companheiro Maçom, ressalta, à simples vista do número **SEIS** (**6**), um importante aspecto de seu simbolismo. Com efeito, lembrando-se de que o **ZERO** representa o Espaço Absoluto e, mais, de que o círculo é a representação material desse Espaço, temos, no **SEIS** a representação simbólica do Microcosmo, ou seja, o homem, cujas limitações estão representadas no círculo.

Ser dotado de inteligência, o homem é um reflexo da Sabedoria do Absoluto. Sua inteligência tem o dom de mostrar-lhe sua origem e de lembrar-lhe, sempre, de que ele é uma criatura de Deus, vindo de paragens elevadas para as quais deverá voltar um dia, quando conseguir um desenvolvimento espiritual adequado!

Tal desenvolvimento, capaz de proporcionar-lhe a ventura de ascender a um Plano Superior, livre de todos os percalços do Plano Material, cria, em sua consciência um insopitável desejo de melhorar sua norma de vida, de desenvolver seus sentimentos altruísticos e de ansiar pela ascensão rápida em busca de páramos mais altos!

Todos estes propósitos elevados, todo este desejo de ascensão estão, simbolicamente, representados pelo apêndice que se vê à esquerda do círculo que forma o **SEIS** (**6**) e que tem o sentido de baixo para cima procurando alcançar o Plano Superior. Esta é uma das sutilezas que passam despercebidas para os profanos mas que não deve deixar de chamar a atenção do Iniciado tão logo alcance ele a Elevação e se dedique, como é exigido aos Companheiros Maçons, ao estudo da simbologia dos números.

Há, ainda, um aspecto simbólico muito mais elevado a ser estudado no número **SEIS**. É a Estrela de David, emblema do Poder Divino e da fraqueza humana. O Hexagrama, que se encontra suspenso no dossel do Trono do Venerável Mestre de uma oficina Maçônica, é formado por dois triângulos que se entrelaçam, tendo um o seu vértice voltado para cima, enquanto o outro está com o vértice voltado para baixo. Isto forma uma Estrela de **SEIS** pontas conhecida como Estrela de David.

O triângulo, como se sabe, é a representação simbólica da Trindade Divina em seus três aspectos. É o Triângulo que está com o vértice voltado para cima que representa esta Trindade Absoluta.

O homem é regido por sete Princípios que, na Maçonaria, são representados pelos sete componentes de uma Oficina. Destes seis Princípios, três representam o Ego (a natureza superior do homem) e que é conhecido normalmente como alma. Estes três Princípios são, também, representados pelo triângulo de vértice para cima e correspondem: o Primeiro Princípio, à Vontade Espiritual, que ocupa o Plano Espiritual e é simbolizada, na Loja Maçônica, pelo Venerável Mestre; o Segundo Princípio é o Amor Intuicional, situado no Plano da Intuição e é simbolizado pelo Primeiro Vigilante; o Terceiro Princípio é a Inteligência Superior, ocupa o Plano Mental Superior e tem seu simbolismo no Segundo Vigilante.

Estes três Princípios, conforme ficou dito, são representados pelo Triângulo Superior e simbolizam o Macrocosmo, que é o Universo como um todo orgânico, em oposição ao Microcosmo que é Ser humano. O homem é o reflexo de Deus e, por isto, podemos dizer que o Microcosmo é o reflexo do Macrocosmo. Vimos os Princípios que constituem aqueles aspectos superiores que também se encontram no homem, representados, simbolicamente, no Triângulo de vértice para cima e, ainda, nas três Luzes da Oficina. Vejamos agora os Princípios que agem no homem em seu aspecto microcósmico e as respectivas representações simbólicas pelos Oficiais da Loja: o Quarto Princípio é a Mente Inferior, que se desenvolve no Plano Mental Inferior e é, na Loja, representado pelo Primeiro Diácono; o Quinto Princípio é o das Emoções Inferiores, que se localizam no Plano Astral e é representado pelo Segundo Diácono; o Sexto Princípio é, finalmente, o correspondente ao Duplo Etérico e situa-se no Cobridor Interno do Templo.

Estes aspectos do Microcosmo são representados pelo Triângulo que tem o seu vértice voltado para baixo. Dissemos, linhas atrás, que os dois Triângulos se entrelaçam para formar a Estrela de **SEIS** pontas.

A representação simbólica desta Estrela é muito importante, pois ela representa as das faces da existência e conhecidas pelo homem, ou seja: o Mundo Físico e o Mundo Espiritual. Assim, ela simboliza, com seus dois triângulos entrelaçados, a unidade do Espírito e da Matéria. É, ainda, o símbolo de Deus que reina sobre o Macrocosmo e o Microcosmo.

O Hexagrama tem, no seu triângulo de vértice para cima, a representação do **BEM**, enquanto que o que tem o seu vértice para baixo simboliza o Mal. O entrelaçamento dos dois triângulos, no entanto, traz o equilíbrio e reafirma a sentença de Hermes: "*O que está embaixo é como o que está em cima*".

Outras representações são atribuídas ainda aos dois triângulos: as forças ascendentes e descendentes; os princípios masculino e feminino e, ainda, a atividade e a passividade. No centro da Estrela formada pelos dois triângulos, que representam os mundos Espiritual e Material, há um campo, poligonal que representa o mundo subjetivo do homem, onde ele se coloca como o veículo das manifestações dos dois mundos: o Superior e o Inferior. Esta será, então, a interpretação completa do simbolismo da Estrela de **SEIS** Pontas.

Toda Loja Maçônica possui, entre seus emblemas, uma "Pedra Bruta", que fica ao lado do Altar do Primeiro Vigilante e uma "Pedra Cúbica", junto ao Altar do Segundo Vigilante. A primeira, cheia de arestas e reentrâncias, não possuindo uma forma definida, representa as agruras e asperezas do mundo profano que com suas incompreensões e dificuldades nada concorre para construir de útil e harmonioso e isto porque os ideais do mundo profano, simbolizados na Pedra Bruta, não se justapõem, não se coaptam, não se ajustam aos ideais de outras Pedras Brutas!

A segunda, situada junto ao Altar do Segundo Vigilante, é uma Pedra Cúbica, de faces perfeitamente lisas e iguais que simboliza o paciente trabalho dos Companheiros Maçons que se ocuparam no seu esquadrejamento e em seu polimento, com esmero, evitando que ela se apresentasse com quaisquer arestas contundentes Com Pedras Cúbicas, perfeitamente ajustáveis umas às outras, toma-se possível qualquer construção. A Pedra Bruta simboliza o homem profano, cheio de preocupações, de interesses, de egoísmo, que labuta na sociedade, num dia, a dia de esforços e frustrações, de glórias e Universo, Templo este a que todos nós, os Maçons nos propusemos! Quando se considera apenas o homem, tomando-o como um mundo em miniatura - o Microcosmo - seu símbolo é a Estrela Flamejante. Quando, porém, se quer simbolizar o mundo em toda a sua extensão infinita, a Estrela de **SEIS** pontas - o Hexagrama - formada pelos dois triângulos entrelaçados e invertidos será o seu símbolo.

Mas não se pode perder de vista que o Hexagrama representa, em seus dois triângulos, os aspectos espiritual e material do homem, e o seu entrelaçamento simboliza a interligação destes dois aspectos, prevalecendo a tendência natural de anseio de elevar-se. A este respeito convém lembrar aqui o que diz Leadbeater:

> "*A evolução do homem é realmente o desenvolvimento do Ego ou Eu superior, mas na imensa maioria das pessoas da atual etapa do progresso humano, o Ego está ainda na infância, pois ainda não se despertou para a verdadeira e deliberada vida do homem em seu próprio plano, nem se apercebeu do que pode aprender mediante sua encarnação nos planos inferiores. No transcurso do tempo e depois de muitas encarnações, os três princípios superiores se desenvolvem gradualmente, e o homem vai conhecendo cada vez mais sua essencial natureza divina*".

Lavrar a Pedra Bruta e trabalhar na Pedra Cúbica são expressões simbólicas usadas na Maçonaria para indicar que o Aprendiz e o Companheiro Maçons devem se dedicar ao estudo de toda a simbologia maçônica, porque é nela que se encontra a verdadeira razão do Ideal Maçônico que deve ser cultuado com dedicação pelos Maçons a fim de que se possa conseguir o progresso espiritual da humanidade!

Sete, Oito e Nove

> "*O Aprendiz inicia suas meditações pela Unidade e pelo Binário para demorar no Temário, antes de conhecer o Quaternário, cujo estudo é reservado ao Companheiro. Este parte do número quatro para deter-se no cinco, antes de abordar o seis e preparar-se para o estudo do Sete. Pertence ao Mestre o estudo detalhado do Setenário aplicando o método Pitagórico aos números mais elevados.*"

(Do Ritual Moderno)

O Número Sete

Chegamos agora a um número verdadeiramente sagrado e misterioso, o "número dos números" número perfeito a que "Deus abençoou e amou mais do que todas as coisas sob o Seu trono", conforme ensina a doutrina hebraica e que a Cabala e o Ocultismo consideram como o maior e o mais importante de todos os números.

O verdadeiro Mestre Maçom deve ser senhor de todas as sutilezas contidas no simbolismo do número **SETE**, a fim de que possa aplicar o seu simbolismo transformando-o em realidade. Há, assim, necessidade de estudo e, principalmente, de meditação para que cada um possa tirar suas próprias ilações e aplicá-las em proveito próprio, de seus Irmãos e da Sociedade profana, elevando destarte o bom nome da Maçonaria e desfazendo os equívocos e esclarecendo as insinuações maldosas que contra ela assacam seus inimigos gratuitos e irresponsáveis!

O Ritual do Mestre Maçom conclama, no final da Segunda Instrução, a necessidade deste estudo e indica qual é o objetivo dos Mestres:

> **"Ven**.·. - *Meus Veneráveis Irmãos, eis o nosso objetivo: Esforçai-vos, como Mestres simbólicos, em transformar o símbolo em realidade*".

E adverte:

> "*Nunca desejeis ser apenas titulares de diplomas nem portadores de insígnias. Metamorfoseai-vos em VERDADEIROS Mestres, isto é, naqueles que, pelo pensamento e pela ação se encontram no caminho da Verdade*".

O caminho da Verdade é, pois, o verdadeiro objetivo do Mestre Maçom. Para se alcançar este caminho há que se perseguir, através de um estudo sério, consciencioso e perseverante onde está a Verdade, qual é a Verdade, o que é a Verdade.

Houve uma ocasião em que o homem esteve a pique de saber exatamente o que é a Verdade, mas, esta ocasião foi perdida pela insensatez e pelo desinteresse próprios dos homens. A Bíblia nos relata assim o fato:

> Joa. XVIII, 37 - "*Então, disse Pilatos: Logo tu és rei? Respondeu-lhe Jesus: Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz*".
>
> 38 - "*Perguntou-lhe Pilatos: Que é a Verdade? Tendo dito isto, voltou aos judeus e lhes disse: Eu não acho nele crime algum*".

Hoje sabemos que, talvez, o momento mais importante da vida do Mestre Jesus tenha sido aquele instante que se seguiu à célebre pergunta que, ainda hoje, preocupa a humanidade: Que é a Verdade? Impensadamente, desinteressadamente, estupidamente, volta-se Pilatos para o povo, logo após ter feito a mais importante de todas as perguntas e a fez para aquele que era o único capaz de respondê-la, mas, lamentavelmente, não esperou pela resposta! Este seu gesto fez a humanidade continuar a inquirir: "*O que é a Verdade?*" E até hoje não conseguiu uma resposta satisfatória que só o Mestre Jesus poderia ter dado!

Por isto, a Maçonaria e muitas outras Sociedades filosóficas andam, através de estudos, pretendendo descobrir o que é a Verdade.

O estudo do número **SETE**, pelo Mestre Maçom, deve iniciar-se na lenda da morte do Mestre Hiram Abiff. Seu assassinato já comporta em composição numérica para profundas cogitações. Dois elementos primordiais da Sociedade Maçônica - a Virtude e a Sabedoria - estão sempre em constante perigo, ameaçadas que são por Três inimigos perigosos ou sejam: o fanatismo, a ignorância e a ambição "dos Maçons que não sabem compreender a finalidade da Maçonaria, nem se devotam à sua Sublime Obra"!

Já estudamos as contradições do número **DOIS** e as excelências do número **TRÊS** e vimos que elas se podem equilibrar no número **CINCO**, pois, como veremos, consolidam-se no número **SETE**.

TRÊS, **CINCO** e **SETE** são os números sagrados propostos à meditação dos Aprendizes, Companheiros e Mestres. Estes números estão, simbolicamente, ligados às dimensões do túmulo do Mestre Hiram, que tinha **TRÊS** pés de largura, **CINCO** de profundidade e **SETE** de comprimento. Ali, segundo ensina o nosso Ritual, "encerra o segredo da Grande iniciação, que só é desvendado pelos pensadores capazes de conciliar os antagonismos pelo ternário, conceder a quintessência disseminada pelas exterioridades sensíveis e de aplicar a lei do setenário ao domínio da realização".

Já nos referimos, quando estudamos o número **TRÊS**, aos antagonismos por ele equilibrados até tornarem-se perfeição. Vimos, também, ao estudarmos o número **CINCO**, que a Energia do Absoluto, ou seja, a Quintessência, preside aos **QUATRO** elementos dando-lhes as características de vida. Veremos, no presente estudo, como aplicar a lei do **SETENÁRIO** ao domínio da realização.

Vejamos, pois, as propriedades intrínsecas do número **SETE**. Este estudo, para sua melhor compreensão, implica em aspectos históricos que deverão ser focalizados e para isto vamos seguindo o nosso Ritual e nos valendo dos ensinamentos de Jorge Adoum, em sua magnífica obra. Partindo-se das **SETE** silharias (enxilharias) construídas pelos caldeus na torre de Babel, temos, de imediato, um simbolismo a ser considerado. Silharia é uma obra feita com silhar, ou seja, pedra lavrada e aparelhada usada na formação e revestimento de paredes. O silhar é, geralmente, quadrado, mas pode ser cúbico, como nos diz o Ritual. Assim, vemos que, no relato, se faz referência, ainda que simbólica, ao trabalho dos Companheiros que são, na Maçonaria, os encarregados de lavrar e polir as pedras para a construção do Templo Ideal que se pretende construir à Glória do Grande Arquiteto do Universo.

Informa ainda, o Ritual, que as enxilhanas eram cúbicas e em número de **SETE**. É uma alusão ao **SETENÁRIO**, número perfeito, que aproxima o homem esclarecido por sua inteligência e pela pureza, de sua consciência, do Absluto. Tendo **SETE** enxilharias, a Torre de Babel se propunha a ligar a Terra ao Céu, ou seja, o Plano Material ao Plano Espiritual, o homem a Deus!

O propósito dos caldeus, em construindo esta torre, era o de não serem espalhados por toda a terra:

> Gen. XI, 4 - "*Disseram: Vinde, edifiquemos para nós uma cidade, e uma torre cujo topo chegue até aos céus, e tomemo-nos célebre o nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda a terra*".

O simbolismo da Torre de Babel é guardado, na Maçonaria, no emblema existente no Painel do Aprendiz, na figura da Escada, de Jacob. O significado é o mesmo, eis que os propósitos dos construtores da Torre era o mesmo que foi visto, em sonhos, por Jacob, ou seja, a ligação da Terra e o Céu. Diz a Bíblia:

Gen. XXVIII, 12 - "*E sonhou* (Jacob)*: Eis posta na terra uma escada cujo topo atingia o céu e os anjos de Deus subiam e desciam por ela*".

De qualquer modo, em ambos os textos, nota-se o desejo de ligação entre os homens e Deus. No primeiro, são os homens que sobem aos céus, no segundo, são os anjos de Deus que descem à Terra! O grande propósito do Mestre Maçom deve ser exatamente o de estabelecer, através da compreensão, da fraternidade, da igualdade, da perfeição enfim, a ligação entre os homens e Deus. Esta ligação se fará com a interação dos **DOIS** triângulos invertidos e entrelaçados que formam a Estrela de David e a força que movimentará esta união será a da energia do mundo subjetivo do homem, simbolizado no polígono interior daquela Estrela!

As **SETE** enxilharias estavam, cada uma delas, dedicada a um dos luzeiros celestes principais até então conhecidos: Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno, que, segundo acreditavam os Magos, constituíam os **SETE** Ministérios que compartilhavam do governo do mundo.

A importância destes luzeiros (preferimos este termo a "astros", porque hoje sabemos que deles, apenas o Sol é um astro, sendo os outros cinco, planetas e a Lua um satélite) se assentava no fato de que eles eram móveis, enquanto que as outras estrelas quedavam-se fixas no firmamento.

O simbolismo da Torre de Babel e dos Luzeiros nela representados pelas **SETE** enxilharias, ou cômodos cúbicos, pode ser interpretado como sendo: a torre, a "causa primeira", de onde tudo provém e os seus planos (cômodos superpostos), as "causas secundárias" que organizam o Universo.

Os versículos de número 5 a 31, do Capítulo I, e versículo 2, do Capítulo II, do Gênesis, nos informam que a criação do mundo foi feita em seis dias, tendo sido reservado o **SÉTIMO** dia para o descanso do Criador. Estes **SETE** dias, correspondem a **SETE** épocas de duração indeterminada, durante as quais a Energia do Absoluto agiu sobre os quatro elementos para construir toda a matéria que hoje conhecemos.

Quando de nosso estudo sobre o número **SEIS**, tivemos oportunidade de dizer que o homem é regido por **SETE** Princípios que, na Maçonaria, são representados pelos **SETE** componentes de uma Oficina. Depois disto falamos de **SEIS** Princípios, em ordem descendente de sua importância, começando pela Vontade Espiritual e terminando no Duplo Etérico. Naquela ocasião silenciamos sobre o **SÉTIMO** Princípio porque não era chegada a hora de se fazer sobre ele uma explanação. Agora, podemos revelar este **SÉTIMO** Princípio como sendo o Corpo Físico, que age no Plano Físico Inferior e é simbolicamente representado pelo Cobridor Externo do Templo. É o Princípio que comanda o homem com todas as suas deficiências, as suas falhas e as suas aparentes imperfeições. A função do Cobridor Externo do Templo simboliza muito bem este homem material do Plano Físico, pois que aquele Oficial tem a obrigação precípua de vigiar a entrada do Templo para evitar que dele se aproximem os profanos que podem, com a sua presença, perturbar os trabalhos e conspurcar o recinto Sagrado. Também o homem físico, que pretende se livrar de suas imperfeições, de seus vícios e de suas paixões, tem de constantemente vigiar para não ser assaltado pelos naturais inimigos do Espírito e que procuram impedir o seu progresso e a sua ascensão para Planos mais elevados!

O Senhor Jesus exortou, muitas vezes, a necessidade de uma constante vigília:

Mat. XXV, 13 - "*Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora*".

XXVI, 41 - "*Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca*".

O corpo físico do homem está, pois, inteiramente vulnerável às coisas más e é por isto que ele necessita de estarem permanente vigília! O número **SETE** é um número sagrado porque representa a reunião da Trindade Superior que age sobre o Quaternário elemental. Assim, ele simboliza o homem com todas as suas possibilidades de evolução. O Iniciado pode e deve persistir para que se desenvolvam nele os **SETE** centros magnéticos que lhe permitirão atuar nos **SETE** mundos. Estes **SETE** centros magnéticos correspondem à idade maçônica do Mestre e eles são chamados no Apocalipse de **SETE** igrejas sob a proteção dos **SETE** anjos do Senhor.

O campo poligonal que se vê na Estrela de David, completa com os **SEIS** campos constituídos por suas seis pontas, os **SETE** Princípios que regem o Mundo Macroscópico. É interessante notar-se que este número **SETE** representa a harmonia que resulta do equilíbrio estabelecido por elementos dessemelhantes. Na Estrela de David, a ponta superior recebe, cabalisticamente, o número **QUATRO**. A ponta superior direita, tem o número **DOIS**; a ponta inferior direita recebe o número **SEIS**; o vértice do triângulo que está voltado para baixo, tem o número **TRÊS**; a ponta inferior esquerda, recebe o número **CINCO** e, finalmente, a ponta superior esquerda, tem o número **UM**. O **SETE**, situado no polígono central, equilibra todos eles elementos dessemelhantes, que se opõem dois a dois, formando, sempre, aquele número. Assim, **1 + 6** (pontos superiores esquerda e inferior direita) **= 7; 2 + 5** (ponta superior direita e ponta inferior esquerda) **= 7; 3 + 4** (vértices superior e inferior dos triângulos) **= 7**.

A última destas somas implica em duas importantes formas simbólicas da Maçonaria: o Triângulo e o Tetragrama. Já vimos, quando estudamos o Delta Sagrado, que ele é constituído por um triângulo eqüilátero, que tem em seu centro o **YOD,** o tetragrama **IEVE**! "Com o **SETE**, o Iniciado (**UM**) domina as **DUAS** forças da alma do mundo, afirma-se em sua Trindade (**TRÊS**) equilibra-se nos dois triângulos (**SEIS**) e por último faz a função de Deus Criador com o número **SETE**".

Jorge Adoum escreve, em "O Mestre Maçom e seus Mistérios" que:

"O número **SETE** entra em todas as circunstâncias da vida, rege o desenvolvimento do homem e os acontecimentos do mundo, material e moralmente:

1° A mulher tem, todo mês, um período de 14 dias (duplo de **SETE**) em que pode ser fecundada e outro estéril;

2° Até **SETE** horas, depois, de nascido, não se sabe se o novo ser é apto para a vida;

3° Aos 14 dias (duas vezes **SETE**) os olhos da criatura podem seguir a luz;

4° Aos 21 dias (triplo de **SETE**), volta a cabeça impelido pela curiosidade;

5° Aos **SETE** meses saem-lhe os primeiros dentes;

6° Aos 14 meses (duas vezes **SETE**) exprime seus pensamentos por meio da voz e o gesto; anda;

7° Aos 21 meses (três vezes **SETE**), tem mais precisão na expressão de seus pensamentos e gestos;

8° Aos **SETE** anos rompem-lhe os segundos dentes (segunda dentição);

9° Aos 14 anos (duas vezes **SETE**), desperta-se nele a energia sexual;

10° Aos 21 anos (três vezes **SETE**), chega à puberdade e está fisicamente formado;

11° Aos 28 anos (quatro vezes **SETE**), cessa o desenvolvimento físico e começa o espiritual;

12° Aos 35 anos (cinco vezes **SETE**), chega ao máximo de sua força e atividade;

13° Aos 42 anos (seis vezes **SETE**), chega ao máximo de sua aspiração ambiciosa;

14° Aos 49 anos (sete vezes **SETE**), chega ao máximo da discrição e começa a decadência física;

15° Aos 56 anos (oito vezes **SETE**) atinge a plenitude do intelecto;

16° Aos 63 anos (nove vezes **SETE**) prevalece a espiritualidade sobre a matéria;

17° Aos 70 anos (dez vezes **SETE**), inicia-se a inversão mental e sexual, e o homem se toma, como se diz vulgarmente, “criança”.

Eis algumas ligações extraordinárias do número **SETE** com o desenvolvimento do ser humano! Como se pode deduzir, não são meras coincidências, mas, etapas reais e gerais que não permitem considerações outras que não aceitar-se como intervenção misteriosa de forças superiores que presidem o processo vital da espécie humana.

Um fato biologicamente provado é aquele porque passam todas as células de nosso corpo que, a cada **SETE** anos, se renovam inteiramente de modo tal que somos, na realidade, um indivíduo inteiramente novo em cada **SETE** anos de vida. Esta renovação estrutural de todos os elementos materiais do corpo é uma oportunidade que tem o homem de, a cada período de **SETE** anos, eliminar todos os átomos negativos, substituindo-os por átomos positivos. Isto é o caminho que nos é oferecido para uma elevação moral e espiritual que nos encaminhará para Planos mais elevados, através de encarnações sucessivas. Esta renovação **SETENÁRIA** do homem, é que fornece ao Mestre Maçom a sua idade maçônica. Ele sempre terá **SETE** anos ou mais, uma vez que, a cada uma destas renovações físicas e periódicas de sua estrutura material, ele deve estar mais adaptado aos aspectos espirituais e o seu desenvolvimento mental o levará a cogitações de ordem filosófica mais precisas e elevadas! É por isto que o Mestre Maçom se torna capaz de discernir o **BEM** do MAL, o justo do injusto, é por isto que ele, se revela como um ser compreensivo e bom, um verdadeiro cultor da Fraternidade!

O Universo, com seus infinitos mundos, está em perpétuo movimento e os corpos celestes se deslocam, com precisão matemática, em órbitas preestabelecidas, sem atropelos e em plena harmonia. Esta é uma lei da natureza que determina uma vibração perfeita e harmônica, correspondente às vibrações das **SETE** notas musicais e que é conhecida como harmonia universal! Pitágoras disse ter conseguido “ouvir” esta música das esferas cósmicas, onde as vibrações, com variadas freqüências, compunham uma verdadeira orquestra divina que traduzia, com os seus sons maviosos, a alegria do trabalho constante e ininterrupto de Deus!

Um estudo importante que compete ao Mestre Maçom realizar é sobre a Lei da Trindade **SETENÁRIA**. Simbolicamente esta lei está representada nas **TRÊS** rosetas que ornam o Avental do Mestre Maçom. Elas representam três anéis que se entrelaçam e formam, assim, o **SETENÁRIO**. Para um melhor entendimento desta lei torna-se necessária uma figura pela qual possamos guiar o nosso raciocínio. (Ver a figura no fim deste estudo).

Os três anéis se intersectam e formam, desta maneira, **SETE** campos distintos, presididos pelos luzeiros de que já falamos. Vejamos a interpretação filosófica deste símbolo, seguindo o que ensina o Ritual:

O primeiro disco é de ouro e é presidido pelas influências do Sol; ele representa a fonte de toda a energia que movimenta todas as coisas. Os alquimistas identificavam-no com o Enxofre, símbolo do Fogo interior de cada um e que dá origem à cor vermelha, representando o sangue, o calor, a luz e a ação. É o espírito que anima a matéria. A Energia **UNA**, que governa os Princípios animadores dos quatro elementos fundamentais que são a base de todas as coisas materiais. O segundo disco é de Prata, e está sob a égide da Lua, receptara por excelência de várias influências moldadoras da forma. Os hermetistas identificam-na com o Mercúrio, porque, como portadora de atividade espiritual, insinuava-se no âmago de todas as coisas materiais animando-as e vivificando-as. Este disco simboliza as coisas sutis, o espaço e o ar, a sensibilidade e o sentimento. Sua cor é azul prateada e ela, com seu aspecto passivo, está ligada às coisas espirituais. O terceiro disco é de Chumbo, o Saturno dos alquimistas que representa tudo o que é material e denso. É o símbolo da terra com suas rochas de onde se retiram as Pedras Brutas que servirão, depois de trabalhadas, para a construção do Templo Ideal. Sua cor é cinza e revela a densidade dos corpos pesados. É o símbolo da matéria informe.

Estes são os discos que representam a Trindade, onde se encerram todos os elementos necessários à formação do Universo com todos os seus aspectos. Aí se encontram os quatro elementos primordiais que constituirão a base da matéria. Encontra-se o Espírito, que vivificará esta matéria sob o comando da Energia **UNA**, fonte inesgotável do Universo infinito!

As interseções destes três discos darão os quatro aspectos outros, necessários à obra Divina. Os discos **UM** e **DOIS** (Sol e Lua) intersectam-se formando o campo **QUATRO**, sob o domínio de Júpiter. É o Filho, que procede do Pai e da Mãe. Diz a Mitologia que Júpiter sofreu oposição de Saturno, e destronou-o, precipitando-o do Olimpo para as regiões inferiores. Assim, sendo Saturno o representante da materialidade, Júpiter é o símbolo da Espiritualidade. É dele que procede a Vontade, formadora da consciência, do idealismo e da responsabilidade. Sua cor violeta se relaciona com a constância e a perseverança de propósitos. A interseção dos três discos, no espaço central, somam as três cores de cada um deles e, por serem cores primárias, sua reunião resulta na cor branca que reflete na Estrela Flamejante, guia e símbolo do Companheiro Maçom.

Ele representa o Plano Etérico onde as vibrações emitidas por todas as coisas têm o seu Duplo que exerce acentuado magnetismo sobre o seu aspecto material, atraindo-o para o alto no sentido da Evolução. Este espaço, no centro dos discos, é a Quintessência que atua sobre os quatro elementos para dar-lhes a característica de vida, conforme foi estudado. Simboliza as determinações corretas e perfeitas, por isto, era apresentado, pelos alquimistas, como o "Mercúrio dos Sábios".

A interseção dos discos **DOIS** e **TRÊS** tem a cor verde e representa Vênus, o planeta dedicado ao amor, à ternura, à sensibilidade. É o símbolo feminino da geração e da vitalidade de todos os seres. A interseção dos discos **UM** e **TRÊS**, é dedicada a Marte, o planeta belicoso, de cor vermelha, que revela a atividade motriz da matéria, revelando ainda o instinto de conservação que procura evitar a perda de energia vital pelo esforço da ação. Representa, ainda, o potencial inesgotável das realizações conseguidas através de lutas ferozes e egoístas que, muitas vezes, levam o corpo a se consumir no Fogo devorador das refregas ardentes e vibrantes.

O apóstolo João, inicia o seu Apocalipse com uma dedicatória às **SETE** Igrejas da Ásia:

> Aps. I, 4 - "*João, às **SETE** igrejas que se encontram na Ásia: Graça e paz a vós outros, da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos **SETE** espíritos que se acham diante de seu trono*".

As **SETE** igrejas da Ásia eram: Éfeso, Pérgamo, Filadélfia, Tiatira, Esmima, Sardo e Laodicéa. Na Cabala estas **SETE** igrejas correspondem aos **SETE** centros magnéticos cujo desenvolvimento é o objeto da Iniciação interna e que irá permitir que a Energia Criadora, rompendo os **SETE** selos, referidos no Apocalipse, permita ao Iniciado, quando ciente e consciente de seus atos, possa converter-se na Cidade Santa onde operará o Absoluto, "que é, que era e que há de vir".

O desenvolvimento destes **SETE** centros magnéticos deverá ser feito em consonância vibratória, com os corpos celestes que giram em torno do Sol e são identificados, na Cabala, como sendo os **SETE** Espíritos que se acham diante do Trono de Deus. Estes Planetas recebem quantidades de luz proporcionais à distância que se encontram do Sol e, assim vibram de maneira, diferente, absorvendo uma ou mais cores e, anda, produzindo por suas vibrações, sons diferentes que se refletem pelo Espaço infinito produzindo a "música das esferas" que Pitágoras afirmou ter "ouvido" em uma constante e perfeita harmonia! Importante é ressaltar-se aqui que as ondas vibratórias que refletem dos vários planetas, exercem sobre os demais, quando os atingem, impulsos de natureza idêntica à do planeta que as refletiu. Isto explica a "influência dos outros" sobre nossa Terra e tudo o que nela se encontra Os horóscopos têm, assim, a sua explicação lógica, e as influências planetárias, em que eles se baseiam, são uma realidade patente. Há que se ressaltar, no entanto, que, atualmente, uma grande maioria de "entendidos", se propõe a fazer horóscopos, dos quais saem as mais disparatadas idéias, sem corresponder, de maneira nenhuma, à verdadeira influência dos astros.

Sobre o homem tudo se passa de forma idênticas, eis que conforme já foi dito "*o que está em cima é igual ao que está em baixo*". Temos que o Absoluto, Deus, que encerra em Si todas as vibrações, é fonte inesgotável delas que assim reunidas se comportam como a luz branca do Sol. Manifestando-se na Trindade Superior nas cores primárias, Azul, Amarelo e Vermelho, elas se refletem sobre cada um dos **SETE** Centros magnéticos do homem que se comportam aqui como os **SETE** anjos diante do Trono do Senhor e imprime-lhe a iluminação espiritual, segundo o grau de evolução já atingido por cada um dos centros magnéticos possibilitando, ao homem, a aquisição de consciências e desenvolvimento moral. Cor e som, das vibrações da Trindade, projetados sobre os centros magnéticos do homem, dão-lhe a energia necessária para seu desenvolvimento e evolução. Tal como os planetas os centros magnéticos recebe uma carga vibratória completa de luz e som, absorvem as que lhes são propícias e refletem as outras que pouco lhes aproveitam. Estas vibrações refletidas vão atuar sobre os centros magnéticos vizinhos proporcionando um mais rápido movimento neste corpo.

As **SETE** cores primitivas têm, conforme nos ensina Jorge Adoun, valores próprios que são os seguintes:

Vermelho -indica pensamento potente, sentimentos apaixonados e virilidade física. A debilidade desta cor, se representa pelo tom roxo;

Alaranjado -mostra gozo, sentimento alegre e saúde robusta. A debilidade desta cor indica o predomínio do azul celeste;

Amarelo -delata lógica, intuição, anelo de saber, sabedoria, sensibilidade. Sua debilidade assinala o predomínio do anil;

Verde -Indica otimismo, confiança e sistema nervoso equilibrado. Na debilidade manifesta-se como alaranjado;

Anil -Indica pensamentos concentrados, tranqüilidade. Na debilidade desta cor predomina o amarelo;

Roxo -Denota misticismo, devoção, boa digestão e assimilação. Na debilidade acentua-se o vermelho".

Como é fácil ver, a debilidade de uma cor ressalta as vibrações da cor que lhe é oposta. Daí os temperamentos variados, as personalidades diferentes, etc..

É importante considerar-se que as vibrações da Energia cósmica são de natureza infinitamente sutil em face à grosseira matéria de que é formado o corpo humano. Assim, para este, absolutamente imperceptível a ação daquela força de natureza espiritual. Há no corpo humano, segundo nos ensina a Anatomia, vários entrelaçamentos de muitas ramificações de nervos ou de filetes musculares, vasculares, etc., que são chamados de Plexos. O que os espiritualistas denominam de Perispírito, ou os teosofistas chamam de Corpo Astral, é um envoltório fluídico que envolve o corpo físico do homem e que, capaz de receber as vibrações mais sutis, o põe em contato com o Plano Espiritual ou Astral. Este perispírito é, então, uma espécie de elemento de transição entre as vibrações extremamente grosseiras do corpo físico do homem e as vibrações extremamente sutis da energia do Plano Espiritual.

O Perispírito tem, pois, a propriedade de vibrar em uníssono tanto com a gama de vibrações espirituais quanto com a gama de vibrações materiais. Há, no Perispírito, centros receptores e transmissores especiais de vibrações que recebem a denominação de "Chacras". Cada Chacra, do Perispírito, corresponde a um Plexo, do Corpo Físico. As vibrações espirituais impressionam os Chacras e estes as transmitem, través dos Plexos, aos **SETE** centros magnéticos do corpo. Em contrapartida, as reações dos centros magnéticos são transmitidas, pelos Plexos, aos Chacras que as levam ao conhecimento das Entidades Superiores.

É interessante saber-se que no homem pouco desenvolvido os Chacras se mostram como círculos de, aproximadamente, cinco centímetros de diâmetro e são quase sem brilho, enquanto que no homem de sentimentos espirituais elevados, os Chacras são luminosos e coloridos.

Eis a relação dos Plexos e dos Chacras, com as suas respectivas localizações:

Localização	**Chacras**	**Plexos**
Hipogástrio	Genésico	Baixo ventre
Mesentérico	Esplênico	Região do umbigo
Solar	Gástrico	Estômago
Cardíaco	Cardíaco	Região pré-cordial
Laríngeo	Laríngeo	Garganta
Frontal	Frontal	Fronte
Coronário	Coronário	Alto da cabeça

As Chacras desenvolvem as seguintes funções:

O ***Coronário*** é o órgão de ligação com o mundo espiritual superior. Comanda todos os outros;

O ***Frontal*** relaciona-se com a inteligência;

O ***Laríngeo*** tem influência sobre a palavra;

O ***Cardíaco*** comanda as emoções e os sentimentos;

O ***Esplênico*** regula a circulação dos elementos vitais, tais como: os fluidos magnéticos;

O ***Gástrico*** se relaciona com a assimilação dos alimentos;

O ***Genésico*** conduz as atividades sexuais.

Finalmente podemos dizer que estes **SETE** chacras correspondentes aos **SETE** Plexos estão divididos em **TRÊS** categorias ou sejam: Chacras fisiológicos (Genésico e Gástrico); Chacras passionais (Esplênico, Cardíaco e Laríngeo); Chacras Espirituais (Frontal e Coronário).

Lembra o Ritual de Mestre que o **SETENÁRIO** se manifesta, segundo dados iniciáticos, até nos **SETE** pecados capitais e, assim os descreve:

a) ***Orgulho*** -prejudicial quando oriundo de uma vaidade frívola, ligado ao Sol, porque, como ele, ofusca os fracos;

b) ***Preguiça*** -proveniente da passividade lunar, enlanguescida em inércia abusiva;

c) ***Avareza*** -vício essencial dos "saturninos", previdentes e prudentes em excesso;

d) ***Gula*** -próprio dos "jupiterianos", indivíduos hospitaleiros e generosos, que cuidam muito do próprio "eu";

e) ***Inveja*** -tormento dos "mercurianos" agitados, que jamais se satisfazem e não podem deixar de ambicionar aquilo que não possuem;

f) ***Luxúria*** - proveniente do exagero das qualidades de Vênus;

g) ***Cólera*** -enfim, que é o defeito de Marte, exaltador da violência e dos transportes.

Note-se, prossegue o Ritual, que o **1** se opõe a **6**, **2** a **5** e **3** a **4**, enquanto **7** a nada se opõe, assegurando o equilíbrio geral. Se fosse, suprimido um só desses pecados capitais, o equilíbrio do mundo material romper-se-ia. Nada demonstra melhor a importância do **SETENÁRIO**, tal como o concebem os Iniciados.

Para finalizar ilustremos este estudo, a título de curiosidade com alguns exemplos de **SETENÁRIOS** geralmente conhecidos:

SETE planetas: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter Saturno, Sol, (astro considerado, pelos antigos, como planeta), Lua (satélite, considerado, também como planeta);

SETE dias da semana: Segunda, Terça, Quarta, Quinta, Sexta, Sábado e Domingo;

SETE Anjos Superiores dos Planetas: Gabriel, Rafael, Anael, Michael, Samuel, Zadkiel, Zafkiel;

SETE Espíritos Inferiores dos Planetas: Gabriel, Rafael, Anael, Michael, Samuel, Tachel, Cassiel;

SETE Virtudes: Esperança, Temperança, Amor, Fé, Fortaleza, Justiça, Caridade;

SETE Metais: Prata, Mercúrio, Cobre, Ouro, Ferro, Estanho, Chumbo;

SETE Vícios: Avareza, Inveja, Luxúria, Vaidade, Violência, Gula, Egoísmo;

SETE Cores: Verde, Amarelo, Roxo, Alaranjado, Vermelho, Azul, Anil;

SETE Notas Musicais: Fá, Mi, Lá, Ré, Dó, Sol, Si;

SETE Igrejas do Apocalipse: Éfeso, Pérgamo, Filadélfia, Tiatira, Esmirna, Sardo, Laodicéa;

SETE Centros Magnéticos: Fundamental, Umbilical, Frontal, Cardíaco, Esplênico, Laríngeo, Coronário;

SETE Sacramentos: Batismo, Confirmação, Matrimônio, Sacerdócio, Penitência, Eucaristia, Extrema-unção;

SETE Perfumes: Âmbar, Benjoim, Almíscar, Laurel, Ajenjo, Açafrão, Mirra;

SETE Pecados Mortais: Soberba, Avareza, Luxúria, Ira, Gula, Inveja, Preguiça;

SETE Plexos: Hipogástrico, Mesentérico, Solar, Cardíaco, Laríngeo, Frontal, Coronário;

SETE Céus dos Maometanos: Esmeraldas, Prata, Pérolas, Rubis, Ouro, Jaspe, Luz intensa;

SETE Chacras: Genésico, Esplênico, Gástrico, Cardíaco, Laríngeo, Frontal, Coronário;

SETE Anos de Fertilidade no Egito;

SETE Anos de Esterilidade no Egito;

SETE Pragas no Egito - A água transforma-se em sangue, a invasão das rãs, o aparecimento dos piolhos, o surto de úlceras, o enxame de moscas, a peste nos animais, os gafanhotos. (Citam-se aqui só sete, mas elas foram dez);

SETE Ciências Antigas Gramática, Retórica, Lógica, Aritmética, Geometria, Música, Astronomia;

SETE Sábios da Grécia: Tales de Mileto, Quilon de Esparta, Pitaco de Mitilene, Bias de Priene, Sólon de Atenas, Cleóbulo de Lindo e Periandro de Corinto;

SETE Maravilhas do Mundo: Jardins Suspensos da Babilônia, Colosso de Rodes, Túmulo de Mausolo, Pirâmides do Egito, Farol de Alexandia, Colunas de Hércules, Estátua do Zeus;

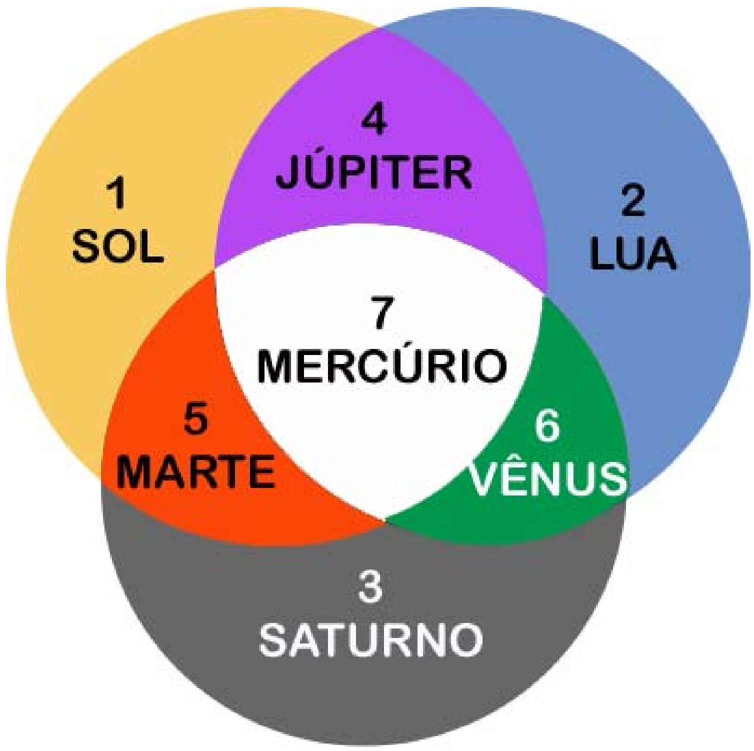
SETE Brindes Obrigatórios nos Banquetes Maçônicos: Ao Chefe da Nação e sua família, à Sereníssima Grande Loja (seu Grão-Mestre e sua família), ao Venerável da Loja, aos Irmãos Vigilantes da Loja, aos Irmãos Visitantes da Loja, aos Irmãos Visitantes e Lojas co-Irmãs, aos Oficiais e demais membros da Loja e os novos Iniciados, a todos os Maçons espalhados pelo Universo.

A lista iria quase ao infinito e a nossa intenção é apenas o estudo e a importância do número **SETE**. O Mestre Maçom não deve se ater apenas ao Ritual, mas, antes, deve procurar estudar nas inúmeras obras que versam sobre o assunto porque, sua condição de Mestre implica na plenitude da Sabedoria. Fora disto, ele não passará daquele colecionador de graus, diplomas e medalhas de que nos fala o Ritual, sem nada produzir de útil para os Aprendizes, os Companheiros. e para a Sociedade Maçônica.

Na escada mostrada no Painel de Companheiro verifica-se o simbolismo dos números principais - **TRÊS**, **CINCO** e **SETE** - pelos degraus com que ela se apresenta.

A partir de baixo para cima, vemos, antes do primeiro patamar, três degraus com os símbolos do Prumo, do Nível e do Esquadro; depois deste patamar, sobem mais cinco degraus correspondentes às cinco “portas” representadas pelos aparelhos sensoriais do homem, que o habilitam a tomar conhecimento do mundo. São elas: Audição, Visão Tato, Olfato, Paladar. Finalmente, depois de mais um patamar, sobem-se sete degraus que representam as Ciências que devem ser do conhecimento do Maçom: Gramática, Retórica, Lógica, Aritmética, Geometria, Música e Astronomia.

Representação Simbólica para o Estudo do Ternário no Setenário



1. **Sol** - Ouro.
2. **Lua** - Azul prateado.
3. **Saturno** - Chumbo.
4. **Júpiter** - Violeta.
5. **Marte** - Vermelho.
6. **Vênus** - Verde.
7. **Mercúrio** - Branco.

O Número Oito

Instruído sobre o número sete, o Mestre Maçom, mediante estudo rigoroso, meditação profunda e compreensão absoluta, já pode ser considerado um homem perfeito!

Mas, de pouco lhe valeriam os conhecimentos adquiridos se ele os guardasse só para si. A necessidade de aplicação daqueles ensinamentos que lhe foram transmitidos pelo conhecimento do simbolismo do número sete é um imperativo que deve ser seguido pelo Mestre Maçom, para que ele possa ajudar a erguer a humanidade a elevar o homem até colocá-lo no lugar que lhe é devido tão próximo quanto possível do Absoluto e, ainda, para que ele possa com a sua elevação e com o que aprendeu, dizer também um dia, com consciência, amor e humildade o ansiado EU SOU!

O estudo do número **OITO** está situado, quase que exclusivamente, no campo da Filosofia Maçônica e, por isto, ele se desenvolve entre a cogitação, as deduções e conclusões que exigem concentração absoluta da inteligência para um perfeito entendimento do simbolismo.

O número **OITO** está no limiar do caminho para a cognição dos mistérios do Plano Espiritual e, por isto mesmo, o campo de trabalho do estudante está ligado á esfera da Moral, onde ele terá de perscrutar, com paciência, todos os aspectos da vida superior, onde o homem, por seu desenvolvimento espiritual e intelectual, se situa a cavaleiro das questões menos elevadas que se apresentam no Plano Material.

Como ficou dito, o número **OITO** está ligado, estritamente, ao procedimento moral do homem e seu simbolismo foi muito bem caracterizado por Buda através dos ensinamentos que ele legou à humanidade e que são perfeitamente adaptáveis às necessidades do conhecimento que o Mestre Maçom, que se conscientizou sobre o número **SETE**, precisa ter.

Siddhartha Gautama, cognominado "Saquia Múni", ou seja, o "Sábio de Sakyas" (o Buda), nasceu, aproximadamente, no ano 563 a.C. e morreu, também aproximadamente, no ano 483 a.C. Estes números, por si, já são interessantes, pois, segundo eles, o Iluminado viveu 80 anos (**10** x **8**)! Mais curioso, ainda, é saber-se que, **OITO** dias depois de sua morte, seu corpo foi cremado e as cinzas foram depositadas em **OITO** urnas que foram mandadas para **OITO** diferentes cidades da Índia!

Na vida de Buda encontramos estranhas relações com a Numerologia: Ele era nobre e rico, casado com uma mulher virtuosa e pai de um filho. Sai um dia para uma viagem durante a qual encontra um velho, um doente e um cadáver. Estes três encontros modificaram inteiramente a vida de Siddartha e levaram-no a abandonar sua riqueza e a própria família para, de cabeça raspada e pobremente vestido, entregar-se a uma vida ascética durante seis anos, no fim dos quais, meditou durante quatro e depois, sete dias, sob uma árvore - a árvore Bó - que se tomou sagrada para os budistas e, sob ela, recebeu a "iluminação". E em virtude disto, aquela árvore, tomou-se conhecida como "árvore da Sabedoria".

Partindo para iniciar suas pregações, Buda profere, na cidade de Benares, um discurso que aponta para a humanidade o que ele denominou de "Quatro Virtudes e Verdades Nobres". São elas:

PRIMEIRA: A vida, humana, é angústia e sofrimento;

SEGUNDA: O sofrimento humano é causado pelo desejo de coisas que não podem satisfazer ao egoísmo;

TERCEIRA: O sofrimento pode findar e o homem tomar-se livre pela renúncia a estes desejos, que têm raízes na ignorância;

QUARTA: O homem pode libertar-se, seguindo a "Senda das **OITO** trilhas".

Como vemos, as "Quatro Verdades Nobres", focalizam um aspecto geral de toda a humanidade, cheia de angústia, e sofrimentos, que deles não se sabe libertar porque é-lhe difícil combater, em si mesma, o egoísmo, renunciar aos desejos impossíveis que são frutos da ignorância, onde deitam suas, raízes!

O remédio indicado pelo Sábio de Sakyas, para a pretendida liberdade é exposto na "Senda das **OITO** Trilhas" e são estas "trilhas" que, especialmente, interessam de perto ao Mestre Maçom, que se iniciou no **TRÊS**, integrou-se no **CINCO** e, finalmente, alcançou no **SETE**, a perfeição!

Ao atingir o estágio em que o Mestre Maçom deve preocupar-se com o simbolismo do número **OITO**, é de supor-se que ele já está senhor absoluto dos mistérios do número sete e, assim, possa interpretar e executar as oito trilhas da Senda, reveladas ao Gautama Buda, à sombra da "Árvore da Sabedoria".

Convidamos, ao Verdadeiro Mestre Maçom, a estudar, compreender e integrar-se nas **OITO** trilhas, para com isto, tornar-se realmente útil a seus irmãos e constituir-se em um farol guia para a humanidade. Eis as "trilhas":

PRIMEIRA: *Visão correta* - A visão correta é aquela que nos permite ter conhecimento sobre o Mal. Este conhecimento, de que deve ser senhor o Mestre Maçom, se estende desde o instante em que se caracteriza o "princípio" do Mal, até à "cessação" do mesmo Mal. Conhecendo estes dois instantes, o Mestre deverá procurar o caminho que, mais rapidamente, o conduza a cessação do Mal, uma vez que este seja instalado. É saber, então, o que é o Mal, quando começa o Mal e qual é o caminho a seguir para se alcançar, mais rapidamente, a cessação do Mal, o que caracteriza a visão correta de que o Mestre Maçom deve ser possuidor;

SEGUNDA: *Aspiração correta* - Que é o desejo da renúncia integral a respeito de tudo aquilo que nos dita o egoísmo. O Mestre perfeito deve cuidar, antes mesmo que de si, dos interesses e do bem-estar de seus irmãos. Deve-se saber renunciar a seus desejos, uma vez que eles possam prejudicar a humanidade. É, ainda, a aspiração de benevolência que deverá presidir os pensamentos do Mestre que se aprofunda nos mistérios do número **OITO**, para poder compreender as falhas humanas de seus irmãos e os defeitos diversos da sociedade em que ele vive. É, finalmente, o desejo da bondade, do amor para com seus semelhantes, a fim de trazer-lhes um pouco de lenitivo em seus sofrimentos e nas suas dores físicas e morais;

TERCEIRA: *Fala correta* - É uma das mais importantes trilhas ensinadas por Buda. A fala correta implica antes de tudo, em evitarem-se palavras vãs, inúteis, sem sentido, vazias. Depois, deve-se evitar para se ter uma fala correta, a mentira, a calúnia e o vilipêndio. Estes três atos são, na boca de um Mestre Maçom, a negação de tudo aquilo a que ele se propôs! Mentir é destruir a verdade e o Maçom, na sua Iniciação, se propôs a ser um defensor da Verdade; a calúnia é, também, inadmissível a um Filho da Viúva, porque ela é um ato contrário ao exercício da Caridade, que é. um dos apanágios da Maçonaria; o vilipêndio. Finalmente, é inteiramente impróprio ao Maçom, eis que o vilipêndio é contrário à Fraternidade de que tanto se orgulham os Maçons;

QUARTA: *Ação correta* - Deve ser um principio básico do Mestre Maçom. A ação revela, pela sua qualidade, o estofo moral de quem a pratica. Agir bem e corretamente, evitando o Mal e suas conseqüências, ter, antes de tudo, elevadas as coisas do Espírito, desprezar os ímpios caminhos que levam à degradação e ao vício. Exercitar bons propósitos e dar, com exemplos, uma estrutura sólida a todos os atos dignos, eis a ação correta que deve ser praticada, sempre pelo Mestre Maçom perfeito;

QUINTA: *Vida correta* - Digna, honrada e exemplar deve ser a vida do Mestre Maçom perfeito, porque ela será o espelho em que se irão mirar, não só os Companheiros e os Aprendizes, mas, também, todos aqueles que vivem na Sociedade profana e que, desta forma, acostumar-se-ão a ver, na Maçonaria, através do exemplo dos Maçons, uma Sociedade elevada, sadia e duna de respeito. O Mestre Maçom não pode, por força de seu Grau, pertencer a grupos, na Sociedade profana, menos dignos e nem exercitar meios de vida que não condigam com os princípios morais da Sociedade em que ele vive! Sua vida tem de ser um exemplo de honradez e de trabalho, de dignidade e de respeito afim de que ele, como Maçom, se torne um exemplo para qualquer profano;

SEXTA: *Esforço correto* - É aquele que o Mestre Maçom deve exercer a fim de evitar que os instintos maus prevaleçam sobre a sua inteligência. Ele deve esforçar-se a fim de que, caso reconheça em si estes instintos ruins, sejam eles extirpados o quanto antes. Por outro lado, seu esforço deve ser no sentido de adquirir bons hábitos, assimilar as coisas boas e, mais, reter em si todos estes hábitos, estas coisas boas, sentimentos elevados e altruístas a fim de que possa, na ocasião própria, esparzir sobre seus Irmãos e sobre a humanidade os benefícios destas benesses de que ele se apoderou com o seu esforço correto. Tudo isto ele conseguirá com o aumento de sua energia, através do exercício da vontade, prendendo e forçando a sua mente, no sentido de produzir o Bem e afastar o Mal;

SÉTIMA: *Atenção correta* - É o exercício necessário para manter ardente, controlada e atenta a sua inteligência, depois de haver aprendido a vencer as ânsias e os desânimos que lhe assaltaram. O Mestre Maçom perfeito deve, pelo controle de seus sentimentos, de suas idéias e seus pensamentos, permanecer sempre e corretamente em estado de atenção a fim de que não caia em erros ou contradições que possam levá-lo ao descrédito e à ignomínia;

OITAVA: *Concentração correta* - É a condição exigida ao Mestre Maçom perfeito, para alcançar os mais elevados páramos que o aproximam do Absoluto! A concentração da mente conduz a um estado de espírito elevado onde não têm lugar as coisas mundanas.

Apetites sensoriais, idéias más, instintos baixos, são condições que não devem existir no Mestre Maçom que se entrega à concentração que o levará ao êxtase!

Sem apetites grosseiros, isento de idéias maléficas, livre das baixas ele penetra no campo da cogitação e da decisão, que lhe comunicam alegria e tranqüilidade. Sua mente se torna clara e segura e já em grande elevação. O estado contemplativo o faz tranqüilo, atento e controlado para penetrar, finalmente, no êxtase de pureza completa onde não existe nenhum mal e nenhuma intranqüilidade.

Indicamos, de acordo com os ensinamentos de Buda, o **OCTONÁRIO** da perfeição e, como se depreende logo, adaptamos seus ensinamentos ao Mestre Maçom perfeito, tal é a semelhança que aproxima os princípios do "Iluminado Sábio de Sakyas" com os excelsos princípios da Sociedade Maçônica!

O Estudo dos números na Maçonaria nos tem levado a uma concepção inteiramente nova sobre a Sociedade Maçônica. Sabemos já, que ser Maçom é, na realidade, algo muito importante e, sabemos mais que, infelizmente, pode-se afirmar que, na realidade, há muito poucos Maçons!

Agora, depois do estudo das Influências do Número **OITO** sobre a estrutura Moral do homem, examinemos as influências que ele exerce sobre a sua estrutura física:

Os sete centros magnéticos, de que já falamos, são, como vimos, evolvidos pela ação da Energia Criadora e, então, o Iniciado está próximo a abandonar as coisas materiais para preocupar-se com o caminho que mais facilmente o conduzirá à Divindade, transformando-o em um exponencial de Amor.

Para isto ele deverá atentar para **OITO** faculdades que trabalham em seu corpo físico procurando aproximá-lo, o tanto quanto possível, da perfeição para cumprir o preceito de Hermes que diz que "*o que está em baixo é igual ao que está em cima*".

A ação criadora no número **SETE**, que, como vimos, produz, fecunda e organiza, é equilibrada pelo número **OITO**, "símbolo natural do equilíbrio", que preserva e consolida aquela ação de tal forma que o **SETENÁRIO** irá, naturalmente, manifestar-se no **OCTANÁRIO** luminoso e equilibrado.

A Criação, obra da Divindade, tem por finalidade, partindo das substâncias mais densas, chegar até o homem e, em seguida, continuando a perpétua Evolução, elevar espiritualmente este homem até atingir à condição de "Homem Deus", próximo do Absoluto e senhor de toda a Sabedoria.

A Divindade **UNA** manifesta-se sob a forma de **OITO** Grandes Entidades, que o mundo material denomina de "formas de Energia". Estas Grandes Divindades, ou formas de energia, trabalham sobre os átomos materiais comunicando-lhes diferentes atividades que, aplicadas ao corpo humano, dão-lhe a chamada capacidade vital e permitem o seu funcionamento perfeito e equilibrado.

Há, no corpo humano, **OITO** centros materiais denominados “Glândulas endócrinas” e de secreção mista, que constituem a sede do trabalho das Grandes Entidades. Em cada uma destas glândulas, a Entidade Energética fabrica, com elementos que lhe são fornecidos pelo sangue, substâncias orgânicas denominadas hormônios que são posteriormente, levadas ao organismo, pela corrente circulatória e, uma vez ali, agem no sentido de acelerar ou retardar as funções orgânicas, equilibrando, desta forma o processo vital e dando ao corpo os caracteres de vida e perfeição. Os hormônios agem em quantidades mínimas, mas eles são os responsáveis pelas mais surpreendentes manifestações biológicas do homem. Alguns miligramas de determinado hormônio transforma uma menina em mulher, com formas harmoniosas, perfeitas, dá-lhe beleza, viço e encantos. Um ligeiro desequilíbrio, no entanto, na quantidade deste hormônio, ou a intromissão indébita de um outro, pode transformar esta beldade em uma virago, de músculos salientes, voz grossa e pêlos no rosto! Hormônios há que presidem ao crescimento normal. Seu excesso, ou sua falta, produzem o gigantismo ou o nanismo.

As glândulas endócrinas produzem o seu hormônio e lançam-no diretamente no sangue, que o distribui por todo o corpo. Algumas glândulas entregam apenas parte de seus hormônios ao sangue, lançando a outra parte para dentro das cavidades corporais. Estas são conhecidas como glândulas de secreção mista. Outras, finalmente, lançam seu hormônio para fora do corpo ou para dentro das cavidades corporais, mas nunca para o sangue. São as glândulas exócrinas.

As Entidades Divinas, traduzidas como Energia que atua sobre os átomos, trabalham sobre as glândulas endócrinas e mistas, atuando da seguinte maneira:

PRIMEIRA: A primeira Entidade atua sobre a glândula Pineal, localizada entre os hemisférios cerebrais. O hormônio desta glândula tem ação reguladora sobre o equilíbrio físico e mental do indivíduo. Atua, ainda, sobre as manifestações da função sexual e seu desenvolvimento. Durante a infância, até à época da puberdade, a ação hormonal desta glândula é predominante e, assim, sua ação frenadora não permite, até àquela época, maiores manifestações de caráter sexual no adolescente. Atingida a época da puberdade, a produção de hormônio da glândula diminui e, no jovem, iniciam-se as manifestações do sexo. Falta ou excesso do funcionamento desta glândula causa distúrbios de ordem física na constituição do esqueleto e desenvolvimento muscular e de desempenho sexual. A Entidade que a ela assiste é responsável por seu perfeito funcionamento e conseqüente equilíbrio do desenvolvimento normal do corpo.

SEGUNDA: A segunda Entidade Divina é responsável pelo funcionamento regular da Hipófise, glândula situada na base do cérebro, dentro de uma cavidade chamada cela túrsica e é de importância capital. Esta glândula comanda o funcionamento regular de todas as outras. Seu hormônio relaciona-se com o desenvolvimento da inteligência e mesmo com a formação do caráter do indivíduo. O mau funcionamento desta glândula pode causar vários distúrbios em várias funções, principalmente naquelas ligadas à inteligência e à função sexual.

TERCEIRA: A sede onde atua a terceira Divindade Energética está situada na laringe e chama-se Tireóide. Ela é responsável pelo ritmo normal das funções ligadas ao metabolismo basal. A falta de seu hormônio causa o retardamento de todo o processo fisiológico do corpo, acontecendo isto também quando algum distúrbio a faça produzir hormônio em demasia.

QUARTA: A Entidade Energética que preside às glândulas Paratireóides, situadas no pescoço, é responsável pela dentição perfeita, pelo bom funcionamento do aparelho da visão e pelo funcionamento normal do derma e da epiderme. O desequilíbrio de suas funções traz alterações no esmalte, dos dentes, produz, freqüentemente, a catarata e torna a pele rugosa, quebradiça e sem vitalidade.

QUINTA: A quinta Entidade Energética atua sobre o Timo. É uma glândula de importância primacial no crescimento do indivíduo. Sua função se exerce, no máximo de sua capacidade, até os 14 anos. É a fase do desenvolvimento acentuado do corpo. Depois desta idade a carga energética da glândula começa a diminuir e esta, por sua vez regride até tornar-se, no adulto, de tamanho insignificante. Durante o tempo normal de seu funcionamento ela garante o crescimento e o peso normais, a dentição perfeita, a ossificação esquelética completamente proporcional.

SEXTA: A energia da sexta Entidade está situada nas cápsulas supra-renais e é responsável pelo aceleramento das funções corporais. Seu hormônio é a adrenalina, que atua sobre todos os órgãos musculares obrigando-os a manter o seu comportamento regular. Tem ação vaso-constritora e, assim, pode causar a diminuição do comprimento e do calibre dos vasos obrigando ao coração a um aumento de trabalho capaz de manter a pressão sangüínea em condições ideais.

SÉTIMA: O Pâncreas, glândula de secreção mista, tem seu trabalho presidido pela sétima Entidade Energética. Fabricando a insulina, ele garante, com este hormônio, o equilíbrio dos hidratos de carbono e, conseqüentemente, a normalidade das funções da nutrição.

OITAVA: A Entidade Energética que ocupa o **OITAVO** lugar é responsável pelo trabalho das glândulas procriativas: testículos, no homem e ovários, na mulher. Estas glândulas são de secreção mista e, enquanto uma parte de seu hormônio - espermatozóide e óvulo - providencia o processo da geração humana, outra parte - foliculina e progesterona - cuidam dos aspectos externos de masculinidade ou feminilidade do indivíduo.

É importante esclarecer-se, aqui, a denominação de Entidade Energética várias vezes empregada. O nosso estudo tem de abranger a Maçons com graus de cultura diferentes e, assim, há que se procurar termos que não se tornem obscuros para alguns.

O Estudo abrange não só a parte espiritual, mas, também a parte material do homem. Por isto, há que se relacionar uma e outra para que a harmonia do seu conjunto possa ser alcançada pela inteligência. Sabemos que, no mundo Espiritual, a Vontade Divina é **UNA**. Ela, no entanto, se manifesta sob vários aspectos, sem perder, contudo, a sua unicidade. No mundo Material, a Ciência dos homens, cheia ainda de preconceitos, não quer aceitar, como Divinas, certas forças que lhe são conhecidas sem que consigam dar a ela uma explicação científica! Então prefere o homem denominar de Energia aquilo que o Iniciado conhece como sendo a Vontade Divina. Sabe-se que a Energia, segundo os cientistas, se apresenta sob várias formas. O Mestre Maçom tem a obrigação de estudar as coisas do mundo Espiritual mesmo achando-se no mundo Material. Não deve, porém, cultivar a vaidade do cientista e, por isso, temos de usar termos equivalentes para nos expressarmos sobre um mesmo assunto e sermos entendidos. Então, quando falamos em Entidade Energética, queremos dizer uma mesma coisa, ou seja; Entidade é uma forma de manifestação da Divindade **UNA**; Energética, se refere a uma forma de apresentação da Energia **ÚNICA**. Ora, como sabemos que a Energia é a manifestação da própria Divindade, temos que, Entidade Energética, significa a ação da própria Divindade **UNA**. Tudo não passa de um simples artifício de linguagem para designar a mesma coisa, ora no Plano Espiritual, ora no Plano Material.

O Ritual do Mestre Maçom prefere ultrapassar a sua explicação além do ponto de vista cabalístico do número **OITO**. Informa que ele pertencia, entre os semitas, aos Kabirins (uma categoria sacerdotal(?)) e lembra o seu aparecimento no símbolo babilônico do Sol. A "cruz" babilônica era um símbolo, mas, não ao que parece, o emblema babilônico do Sol. Este símbolo foi adotado por Nabucodonosor depois que ele construiu um novo palácio, ou melhor, aumentou o antigo palácio construído por Hamurábi. A estrela de quatro pontas que se destaca, representava o novo palácio (império) de Nabucodonosor e a "cruz", formada de raios nascidos dos vértices internos da estrela representava o antigo esplendor da Babilônia no reinado de Hamurábi. Estes raios tríplices recordavam os capítulos do Código de Hamurábi, formado, cada qual, de três sub-capítulos, a saber:

1° repressão ao roubo;

2° relativo às questões de perda ou transmissão da propriedade;

3° relativo às locações.

O segundo capítulo (o outro braço da "cruz" também dividido em três sub-capítulos que se referiam a:

1° da família;

2° das ofensas corporais;

3° do tratamento do trabalho dos libertos ou escravos.

É provável que a interpretação dada ao símbolo como sendo a representação do Sol, tenha vindo de uma figura, em forma de estrela (uma estrela de diorito) descoberta por Morgan, em Susa, no ano de 1901, e que mostra, no vértice de estrela o deus Xamaxe (o deus Sol dos babilônios) sentado no trono, entregando a um rei, em atitude de oração, as leis do império. É, pois, evidente que o símbolo não se refere ao Sol, mas a uma cena que descreve a origem da lei.

Não parece, pois (opinião nossa) que haja qualquer relação entre o emblema de Nabucodonosor e a **ÓCTADA** simbólica da Maçonaria. Diz o Ritual que o deus-luz favorece o raciocínio, coordena as idéias, modera as paixões e intervém no organismo. É a ação, como já se viu, da Entidade Energética. Pouco simbolismo pode ser encontrado no fato de que o número **OITO** corresponda ao nosso "**H**", **OITAVA** letra do alfabeto, mas atente-se ao fato de ter sido ele formado de dois quadrados que formam o quadrilongo do Templo. A idéia de perfeição dada pelo cubo de dois, é simbólica.

O Número Nove

Convidamos ao leitor, no limiar do estudo do número **NOVE**, a se preparar mental e intelectualmente, para pesquisar um campo inteiramente filosófico onde só a concentração, a meditação e o profundo pensamento filosófico poderão levar a uma perfeita compreensão.

Para maior facilidade, vamos nos reportar e ter como base de nosso estudo, ao Ritual do Mestre Maçom, cuja instrução procuraremos desenvolver, conforme nossa capacidade, escudando-nos nos conhecimentos de mestres como Jorge Adoum, Helena Blavatsky, Papus e outros.

O Ritual inicia o estudo do número **NOVE** chamando a atenção para a obrigação do Secretário, que é o "*encarregado do traçado que assegura a continuidade da Obra*". Vemos, de início, que o Secretário de uma Oficina, simbolicamente, não é o funcionário que redige as atas e lê o expediente. Ele é, diz a Instrução, "*o encarregado do traçado que assegura a continuidade da Obra*"! O simbolismo deste traçado está expresso na figura de um quadrado, dividido em **NOVE** partes numeradas de **UM** a **NOVE**, seguindo-se a ordem natural dos números.

A primeira coluna horizontal encerra os números correspondente dos três graus da Maçonaria Operativa - Aprendiz, Companheiro e Mestre. As três colunas verticais representam os três termos que se apresentam nas manifestações unitárias. Assim, cada manifestação unitária pode ser decomposta em:

SUJEITO, que é o animador e a causa primeira de qualquer ação. De sua vontade, que é o centro, emana a ação para daí sofrer as várias fases do desenvolvimento;

VERBO, que é aquela emanação inicial, brotada da vontade do sujeito, que se irradia e se manifesta para pôr em movimento o trabalho construtivo a fim de que possa ser realizada a vontade do mesmo sujeito;

OBJETO,que é a obra concluída e perfeita, trabalhada pelo verbo e de acordo com a vontade do sujeito.

Temos, no traçado da Obra, a representação tríplice deste ternário, e uma vez entendida a sua significação básica, que nos dá, para os diversos números que nela se apresentam, motivos para as seguintes considerações de ordem filosófica:

NÚMERO UM - "*O princípio presente, centro de emissão do pensamento*".

Esta representação se refere ao Homem Deus, de onde tudo se origina e principia. É a própria ação do centro do pensamento ou seja, a imaginação que estabelece os princípios da obra a ser realizada;

NÚMERO DOIS - "*Pensamento, ato, ação de pensar*".

O pensamento implica no projeto da obra e nele há que se estabelecerem os prós e os contras (característica específica do número dois) verificando-se cada ato e suas conseqüências, superando-se as vantagens e as desvantagens do projeto, verificando-se, enfim, o que nele há de bom ou de mau para se avaliar das vantagens ou desvantagens para a sua realização;

NÚMERO TRÊS - "*A idéia, pensamento formulado ou emitido*".

A fase seguinte é a que estabelece definitivamente a estrutura do projeto. É o equilíbrio que resulta do exame dos dois contrários (característica do número três) e que, desta forma conseguiu realizar a dualidade que se antepunha no campo teórico para transformá-la em forma de vibração a ser seguida pelo Ritmo Criador do pensamento já agora com a idéia definitivamente pensada;

NÚMERO QUATRO - "*O princípio votivo, o centro de emissão da vontade*".

Até aqui, toda a obra se encontrava, ainda no projeto, no campo vibratório, mas, agora, a vontade do **EU** se manifesta e expõe o seu querer a fim de que a idéia se realize;

NÚMERO CINCO - "*A energia volitiva, a ação de querer*". Passando ao campo da efetiva realização, a idéia elaborada amadurecida no Íntimo ou Inteligência Divina, se utiliza dos instrumentos da Razão, ou seja, os sentidos, para, por meio deles, se expressar externamente no plano material;

NÚMERO SEIS - "*O voto, o desejo, a volição desejada*".

Agora a idéia se realiza e isto quer dizer que aquilo que foi pensado está-se transformando naquilo que se quis. O plano espiritual está, então, ligado ao plano físico. O que foi desejado está sendo realizado;

NÚMERO SETE - "*O princípio ativo, dispondo do poder executivo, dirigente e realizador*".

Aqui, se instala o centro da ação, fruto do pensamento inteligente e da vontade consciente. O Poder da Unidade se converte em conquista do corpo físico pela perfeição de todos os seus atos;

NÚMERO OITO - "*A atividade operante*".

A atividade operante se realiza em função da ação perfeitamente acorde com o desejo pensado. É o uso correto da razão manifestada, tanto no plano espiritual quanto no plano material. É o equilíbrio entre o ato de pensar e o ato de realizar;

NÚMERO NOVE - "*O ato realizado e sua repercussão permanente. A experiência do passado, semente do futu*ro".

Com a obra concluída, o poder da Divindade se manifesta em todo o seu esplendor! Desejo, pensamento, ação e realização foram constantemente iluminamos pela Luz Divina, a eterna Criadora de mundos, a Experiência incansável que se aproveita das experiências do realizado para transformá-las em semente de futuras realizações! A perfeição da obra realizada constitui-se em permanente repercussão sobre a grandeza do Absoluto!

Este é o caminho básico para a inteligência do número **NOVE**. Segundo o Ritual, "*Não há palavras capazes de traduzir o que esse agrupamento de números sugere ao Iniciado*". "*Não há palavra*" diz o Ritual, mas isto não impede que o pensamento e a cogitação possam levantar uma pontinha do véu que encobre este simbolismo que ele classifica como "segredos incomunicáveis"!

A elevação de espírito, a concentração do pensamento podem nos levar ao entendimento de que o número **NOVE**. O tríplice ternário, representa a materialização perfeita da **UNIDADE**. Enquanto esta, por sua pureza e perfeição, atua no mais alto do Plano Espiritual, o **NONO** "céu", aquele ocupa o lugar mais baixo no Plano Material, ou seja a matéria densa do Plano Físico. Mas é necessário também, ver-se aqui, mais uma vez, realizado o princípio de Hermes que afirma que "*o que está em baixo é igual ao que está em cima*". As realizações do Macrocosmo, através da representação simbólica dos **NOVE** primeiros números, se repetem no Microcosmo, de maneira idêntica. O homem, tal como Deus, elabora mentalmente os seus planos de trabalho, frutos da idéia, discute-os com inteligência e os executa, através de seus cinco sentidos até conseguir a obra realizada! O homem repete; pois, o trabalho de Deus. Cria, como o faz o Criador e procura imprimir, em cada uma de suas novas criações a experiência adquirida nas criações anteriores.

O Plano Espiritual se divide em **NOVE** sub-planos conhecidos como **NOVE** "céus". Estes "céus" são "habitados" por entidades "angélicas" citadas na Bíblia como os **NOVE** coros de anjos e que nada mais são que focos atômicos de energia diversificada da Energia **UNA**.

Estes "céus" são simbolicamente representados pelos planetas do sistema solar, com exclusão da Terra e do planeta Plutão, só recentemente descoberto, e com a inclusão do Sol e da Lua. São assim distribuídos os "céus" cabalísticos e seus respectivos focos "angélicos" de energia:

PRIMEIRO "CÉU" - A Lua, o mais próximo do mundo físico. Nele se localiza o Elemental dos desejos, também conhecidos pelos teosofistas como Plano Astral. Nele encontram-se as aspirações que são o resultado dos pensamentos elevados. Os átomos energéticos deste plano denominam-se "Anjos";

SEGUNDO "CÉU" - Mercúrio, o mundo dos átomos energéticos chamados "Arcanjos". Ele constitui, para a Teosofia, o Plano Mental onde a inteligência humana em seu aspecto mais elevado, traduzindo as inspirações morais do homem, é considerada como a concretização da própria inteligência;

TERCEIRO "CÉU" - Vênus, o Plano Espiritual dos teósofos. Residência da mente abstrata onde pululam as inspirações elevadas que comunicam vida à matéria. Seus átomos energéticos são os "Principados". Estes átomos energéticos são os que comandam os fenômenos vitais de cada homem agindo sobre eles com sua força de atração;

QUARTO "CÉU" - O Sol, "residência" dos átomos energéticos que tomam o nome de "Potestades" ou sejam os Espíritos Puros que dispensam os fluidos vitais que vão constituir a energia individual para a consecução dos fenômenos vitais;

QUINTO "CÉU" - Marte, o planeta dos átomos energéticos, cognominados "Virtudes". Eles são os responsáveis pela expansão individual originária do fogo sagrado do Criador que se comunica com o Espírito Divino;

SEXTO "CÉU" - Júpiter, "habitado" pelas "Dominações", que são átomos energéticos que cuidam da gravitação universal e que equilibram as forças de retração que se opõem à força de expansão. No campo da Moral eles responsabilizam-se pela retidão e pela justiça;

SÉTIMO "CÉU" - Saturno, seus átomos energéticos são os "Tronos". Este "céu" é o responsável pelo Tempo Espaço e seus constantes movimentos produzem a sucessão do tempo através do espaço;

OITAVO "CÉU" - Urano, considerado "a porta do Éden", é "residência" dos "Querubins" que possuem manifestação dupla pela Consciência individualizada e da Divindade no Espaço;

NONO "CÉU" - Páramo celeste onde todas as manifestações de tempo, espaço, vida, pensamento, energia e forma se encontram, reunidas pelo amor que lhes inspiram os "Serafins", vindos da própria essência do Criador. É neste **NONO "CÉU"** que assiste o Absoluto.

O homem, criatura de Deus, o Microcosmo, encerra em si mesmo todos os "céus" e, por isto, tem capacidade para erguer-se de seu Plano Material até ao Páramo Celeste, residência de Deus. Para isso ele conta com as emanações e vibrações dos átomos energéticos, oriundos dos "céus" por eles "habitados". Estas vibrações conduzem-no à criatividade, à razão, ao amor, às manifestações de vida, à ação, à benevolência, à ventura, ao altruísmo, à crença. Todas estas virtudes lhe são inerentes e com o cultivo delas ele garante para si a constante Evolução que é o imperativo da vida e que o conduz às regiões mais altas do Infinito!

A Mitologia grega tentou explicar esta ascensão espiritual do homem através da senda das Artes. Para os gregos, o artista era um ser privilegiado, evoluído e digno da maior consideração e do maior respeito. As Musas, representantes, ou mesmo a própria Inspiração Divina, eram as protetoras do artista e as incentivadoras das Artes.

Filhas de Júpiter, o Pai da Vida e de Mnemósine, a Memória, elas relacionavam os problemas atuais e os passados. Eram a semente que trazia em si o fruto das experiências anteriores e, por isto mesmo, davam ao seu protegido a oportunidade, sempre crescente, de melhorar e aprimorar a sua arte.

Os poetas da antiga Grécia não eram acordes quanto ao campo de atividade das diferentes Musas. Muitas vezes um mesmo campo de atividades era atribuído a Musas diversas. A classificação mais comum e conhecida das Musas e seus campos de atividades é a seguinte:

1) **Calíope** - Poesia épica ou tragédia;
2) **Clio** - História ou a arte de tocar harpa;
3) **Melpômene** - Tragédia ou ainda a arte de executar a harpa;
4) **Euterpe** - Tragédia, arte da harpa e da poesia lírica;
5) **Erato** - Poesia de Amor, hinos, arte da lira e pantomima;
6) T**erpsícore** - Dança e canto nos coros e artes de flauta;
7) **Urânia** - Astronomia como cosmologia poética;
8) **Tália** - Comédia ou idílio;
9) **Polimnía** - Hinos , pantomima ou hinos e dança religiosa.

As Musas, segundo a Mitologia, habitavam os montes Hélicon e Parnaso e as fontes de Hipocrene e Castália, todos situados na Pieria, próximo do Olimpo.

Jorge Adoum prefere, talvez para uma melhor adaptação ao estudo da simbologia do número **NOVE**, atribuir às Musas os seguintes campos de atividade:

1) **Clio** - Aspiração do ouvido; é a musa da história;
2) **Urânia** - A inspiração divina, musa da verdade;
3) **Calíope** - A da voz, musa da poesia épica e da eloqüência;
4) **Erato** - A do amor, musa das canções dos amantes;
5) **Euterpe** - A encantadora, gênio da música melodiosa;
6) **Polimnia** - A inspiração religiosa, musa da tradição;
7) **Melpômene** - A da tragédia, que penetra no mistério da morte;
8) **Tália** - A inspiração jovial, musa da comédia;
9) **Terpsícore** - Musa da inspiração animadora da dança.

Como se vê, em qualquer das classificações, o resultado é sempre o mesmo: a elevação do espírito pelo auxílio das Artes ou, das elevadas concepções. A Arte é a expressão máxima do adiantamento do espírito através da inteligência e, por isto mesmo, elas indicam o caminho da ascensão e da elevação.

Não poderíamos encerrar este estudo sobre o número **NOVE** sem citarmos a maior de todas as figuras exponenciais da humanidade, o farol que esparziu sua luz através dos séculos e que até hoje, continua indicando à humanidade a senda do progresso espiritual: o Mestre Jesus.

Ele, filósofo dos filósofos, Guia dos Guia Espirituais, serviu e amou a humanidade com exemplar dedicação. Teve uma vida plena de ensinamentos e legou aos homens um acervo de conhecimentos, claros e herméticos, incomparável. Profundo conhecedor de todas as coisas, era versado no conhecimento da Numerologia e na magia dos números. Assim, sentindo e conhecendo a grandiosidade do número **NOVE**, exaltou as excelências deste número em **NOVE** Bem-aventuranças proclamadas no Sermão da Montanha. Já dissemos que os ensinamentos do Senhor Jesus se identificam plenamente com os ensinamentos da Maçonaria. Assim, vamos analisar, à luz daquelas Bem-aventuranças, o comportamento exigido ao verdadeiro Maçom:

PRIMEIRA - “*Bem aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus*”.

Quem são os “pobres de espírito” que são felizes (bem aventurados), segundo diz o Mestre Jesus?

São aqueles que, com humildade, reconhecem a sua indigência de conhecimentos e estão certos de depender de outrem para as necessidades da vida espiritual. A humildade é a característica dos pobres de espírito. O: Maçom tem o dever precípuo de cultivar a humildade. Esta virtude é das mais importantes no Maçom porque ela o ajuda a praticar, entender e aceitar a Fraternidade Maçônica.

O Mestre Maçom ama a seus irmãos sem se importar qual seja a sua posição social ou financeira. Ainda, ele se reconhece, em si mesmo, um constante carecedor de conhecimentos, principalmente daqueles que se referem à simbologia na Filosofia Maçônica, por isto, ele se encontra sempre pronto a receber os ensinamentos que lhe puderem ser transmitidos. Esta humildade é a sua pobreza de espírito que, recebendo constantemente ensinamentos sobre a Filosofia Maçônica, se aperfeiçoa e instrui, a fim de que possa “entrar no reino dos céus”, isto é, adquirir os conhecimentos da Verdadeira Luz, que emana do Absoluto;

SEGUNDA - “*Bem aventurados os que choram, porque eles serão consolados”.*

O Maçom que compreende a pobreza de seu espírito, o pouco conhecimento nas coisas da causa Maçônica, o seu desinteresse pelo estudo da Filosofia, chora por estas suas falhas. Seu pranto, entretanto, é movido pela sinceridade do reconhecimento destas suas deficiências e é desta sinceridade e com estas sinceridades que lhe advirá o consolo de que ele necessita. Seus irmãos, por outro lado, estão sempre prontos a socorrê-lo, orientá-lo e encaminhá-lo na senda do conhecimento, através das instruções de que ele carece. Trar-lhe-ão o prometido consolo e o ajudarão a elevar-se, cada vez mais, até tornar-se capaz de, por si mesmo, alcançar o entendimento das coisas espirituais;

TERCEIRA - "*Bem aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra".*

Herdar a terra não é, aqui, a terra que atualmente conhecemos. É aquela terra descrita na segunda Epístola de Pedro 2ª Ped III, 13): "*Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça*".

A principal característica desta "nova terra" prometida é a justiça! O Maçom deve ser, segundo os princípios da Sociedade Maçônica, um homem dedicado à justiça. Sem a justiça não pode haver Fraternidade, e este é um ponto de honra para o Maçom. O caminho para se encontrar esta "nova terra" está indicado na bem-aventurança: ser manso! O Maçom não deve e não pode se exaltar. Seus atos e suas palavras devem ser de comedimento, compreensão e paz! A mansidão de espírito se traduz nos gestos tranqüilos, nas atitudes calmas, nos procedimentos suaves. O Templo Maçônico é a habitação da Fraternidade Maçônica e, ali, há que se procurar meios de, realmente "habitarem juntos os irmãos" de maneira boa e agradável! Palavras bruscas, gestos desordenados, ataques verbais biliosos, atitudes falsas e desonestas não são, de nenhuma for, condizentes com aqueles que se propuseram a "erguer templos à Justiça";

QUARTA - "*Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos*".

A importância da justiça é tão grande que o Mestre Jesus a ela dedica três de suas bem-aventuranças! O Maçom, sendo como é, um construtor de templos à justiça, tem de ser, antes de tudo, um seu defensor integérrimo. Os homens, principalmente os que vivem no mundo profano, são eternos carecedores de justiça. As leis humanas não são, por si só, capazes de mitigar a fome e aplacar a sede de justiça em que todos vivem. Isto porque as leis são imperativos dos homens e a justiça não se faz com imperativos. A justiça se faz com amor. Se faz com compreensão. Se faz com entendimentos recíprocos. O Maçom deve ser perfeito, deve cultivar o amor, deve exercer a compreensão e deve ser apto para entrar sempre em entendimentos com seus semelhantes. Por si mesmo ele deve saber praticar a justiça para com ela tratar àqueles seus irmãos que dela têm sede e têm fome;

QUINTA - "*Bem aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia".*

Misericórdia é a compaixão suscitada pela miséria alheia. É dever de todo Maçom, pelos princípios da Fraternidade que lhe devem ser inertes e pelos princípios da Caridade que constituem ponto de honra para ele, compadecer-se da miséria alheia. Aqui não se trata, apenas, da miséria material que pode, facilmente, ser satisfeita com algumas moedas. Trata-se, também, da miséria moral, esta terrível "doença" que, muitas vezes, ataca ao homem, tornando-o vil entre os mais vis! Quer se trate do campo material, quer se refira ao campo da Moral, o Maçom deve saber como prestar o seu socorro. Seus estudos, a sua compreensão sobre a causa maçônica, serão os instrumentos de que ele se valerá para prestar misericórdia. É o exercício desta misericórdia sobre alguém, que permite ao Maçom alcançar a misericórdia para si próprio!

De uma maneira ou de outra, todos nós somos carecedores de misericórdia. Os nossos vícios dissimulados, as nossas faltas encobertas, os nossos secretos sentimentos menos dignos, fazem de nós miseráveis morais necessitados de socorro! Se, porém, nos agregarmos àqueles que necessitam de nossos auxílios, se formos misericordiosos, compreenderemos a miséria e atentaremos para a nossa própria miséria podendo corrigir-nos, melhorando nossos atos, burilando nosso caráter e alcançando, por nossa vez, a misericórdia;

SEXTA - "*Bem aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus*".

O coração é a parte mais importante do Templo de Deus que é o corpo humano. Nele residem, ou devem residir, todos os sentimentos nobres, todas as ações altruístas, todas as emoções puras. É necessária uma constante vigilância afim de que ele não seja conspurcado pelos maus instintos, pelos maus pensamentos e pelas más ações. O sangue é o distribuidor, em todo o corpo, da Energia vital e ele passa, a cada minuto, pelo coração. Por isto, o coração deve ser limpo e puro para que a impureza não seja levada a corromper o corpo!

O verdadeiro Maçom tem a obrigação de manter o seu coração em estado de absoluta pureza. Ele é um homem cuja nobreza não pode deixar nenhuma dúvida. É um exemplo a ser seguido por toda a humanidade. É um espelho onde seus irmãos verão refletidas todas as coisas perfeitas. É finalmente, um farol que ilumina com a inteligência, com o saber e com a cultura, o caminho a ser seguido por aqueles menos afortunados que se debatem nas trevas! Só um coração limpo poderá cumprir esse desiderato. A pureza de coração é uma forma de manifestação de sua própria Divindade porque a pureza "*é como a Luz que ilumina as trevas internas e nos põe frente com Deus em seu coração, o vê em todas as coisas*".

SÉTIMA - "*Bem aventurados os pacificadores porque eles serão chamados filhos de Deus*".

Ser filho de Deus, no sentido que o Mestre Jesus deu nesta bem-aventurança é ser puro. Só os puros podem ser pacificadores porque só eles vêem o equilíbrio e a harmonia das coisas. O pacificador vê, nas religiões, nos credos políticos, nos sistemas sociais, a possibilidade de uma harmonização, de um equilíbrio que atendam às "verdades" de que cada um se julga o único detentor e procura equilibrar estas "verdades" dentro de um conceito único a fim de que, de todas elas, ressalte a Verdade positiva.

É dever do Maçom ser pacificador, perceber a Unidade na diversidade trazendo com isto a paz e a harmonia entre os homens;

OITAVA - "*Bem aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus".*

Saber o que é "causa da justiça" é conhecer o que é Deus. A justiça é um atributo divino e, assim, aquele que é perseguido por se colocar ao lado das coisas divinas já se encontra identificado com elas!

O Maçom tem de ser um homem equilibrado. O seu sentimento de justiça deve ir além dos Conceitos que os profanos fazem dela. Ele não deve se cingir apenas aos textos frios da Lei. Tem de saber levar um pouco do calor de seu coração humano para aquecer a frialdade legal! Desta forma, procurando fazer a justa justiça, ele mesmo sendo por isto perseguido, já se encontra, antecipadamente, no reino da justiça ou seja, no reino dos Céus.

NONA - "*Bem aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa*".

A Maçonaria tem contra ela inimigos gratuitos e ferrenhos. Estes, com algumas exceções, fingem desconhecer os elevados propósitos da Sociedade Maçônica, procuram diminuir os seus méritos, menosprezar as suas ações e, por todos os modos, procuram tomá-la, aos olhos dos menos avisados, uma sociedade atéia, puramente materialista.

Esta é uma forma disfarçada de combater a Deus. É uma maneira de negá-Lo sob falsas alegações. Os Maçons têm sido, e ainda hoje o são, perseguidos por professarem a sua crença no Grande Arquiteto! São injuriados porque têm a sua forma própria de amar e glorificar a Deus! São freqüentemente vítimas de mentiras, as mais escabrosas, que carreiam o mal contra eles, trazem-lhes a desmoralização, induzem a sociedade profana a repudiá-los!

O Maçom, nobre, altaneiro e impávido, a tudo resiste. Aceita os apodos sobranceiro. Enfrenta, desassombrado, a maldade humana, porque está certo de que, não obstante isto, e mesmo por isto, ele é um bem aventurado do Senhor!

Dez, Onze e Doze

"*Jamais farás imagens talhadas em pedra, à semelhança das coisas que estão no céu, para adorá-las.*

Não faças teus deuses de metal. Quando ergueres teus olhos para abóbada celeste e nela vires o Sol, a Lua e as Estrelas, não lhes dirijas nenhum culto, como faziam gentes d'antanho!"

(Do Ritual do Mestre Secreto)

O Número Dez

O **DEZ** é o número sagrado do Universal Secreto e esotérico em relação à Unidade quanto ao Zero. Os números pitagóricos tinham no "**1**" e no "**0**" o primeiro e o último algarismo:

Ele é o número do Mestre Secreto e não atinamos porque o Ritual do Mestre Maçom, da Maçonaria Operativa (simbólica), faz, em suas Instruções, estas incursões pelo campo da Maçonaria Filosófica!

De qualquer modo, em lá estando - no Ritual -, procuraremos, dentro de nossas possibilidades, fazer o comentário sobre este número secreto e sagrado, a fim de que não fique incompleto o nosso estudo.

No princípio deste trabalho fizemos referências ao Zero e ao Um. Podemos, agora, complementar aquelas considerações, eis que o leitor já possui maiores conhecimentos sobre os números, segundo o que tem sido por nós comentado.

O número **DEZ** representa todas as manifestações que se encontram no Infinito e isto porque, como vimos, o Zero simboliza o Infinito e o Um, que dele se origina, é a manifestação deste mesmo Infinito.

O número Um simboliza o Poder Positivo, masculino enquanto que o Zero, o Poder Passivo, feminino. É no Zero que está o simbolismo do Caos e do Tempo (Cronos). Ele representa a Divindade Passiva, ou o estado latente da Energia. Esta Energia latente só se manifesta com o aparecimento do número Um. O estado de latência do Zero, no entanto, quando ativado, permite-lhe atuar junto às demais cifras multiplicando-lhes o valor.

A gênesis de toda a criação se representa pelo Zero, que é o Círculo que representa o Absoluto e pelo **UM**, que é a manifestação deste mesmo Absoluto. Todas as manifestações que se produzem em nosso sistema solar se passam entre o Céu e a Terra, as duas polaridades antagônicas.

A Teosofia ensina que o corpo físico do homem está envolvido por seu "corpo astral", uma aura que o envolve e que se apresta, aos videntes, com a forma de um ovóide. O homem é representado pelo número Um encerrado dentro da aura ovóide (círculo). Este conjunto é o simbolismo do número **DEZ**.

O círculo - a serpente que morde a própria cauda, simbolizando a eternidade do movimento - é a representação da força criadora, passiva, no estado latente, aguardando o aparecimento do ponto gerador da linha (UM) que é o portador do germe da vida, para manifestar a sua potencialidade.

O número UM no centro do círculo (o Caos Infinito) ilumina o Caos e espanca as trevas que nele existem. O aparecimento deste Ponto do qual sairá a Linha (UM), no centro do Círculo (Zero), dando origem ao despertar da potencialidade latente para o trabalho da Criação do Universo, é o "*Fiat lux*" que simboliza o princípio de toda a Criação!

A Bíblia, descrevendo a criação do mundo, destaca o Inicio de toda a obra de Deus pelo aparecimento desta luz. É dela que parte todo o movimento no sentido da construção do Universo: "*Primo dia fexit lucem*".

Antes do "Princípio" já existia o Zero (**0**). No "Princípio", surgiu o Um (**1**). A representação simbólica deste fato, nos é dada pela colocação do Um à direita do Zero (**0**), assim: "**01**". É a manifestação do Absoluto, acionando a força latente no Círculo, através do raio (Um) que é a projeção do Ponto central de onde brota a Energia e este raio desce para criar todas as formas materiais e mentais simbolizadas nos diversos números, até o Nove, depois do qual, tendo o raio completado a sua trajetória descendente (Involução), retoma (Evolução) ao Circulo e, agora, se coloca à sua direita "**10**" ("*à direita do Pai*" segundo a expressão bíblica) simbolizando que a obra foi acabada.

No que tange particularmente à criação do homem, o simbolismo nos revela que o ponto central do circulo dá origem à Mônada, que é a parte imortal do homem, que se involui, no fenômeno da encarnação, para formar o ser humano, inicialmente imperfeito, constituído de matéria carnal densa que envolve a centelha Divina. Através do processo da Evolução ele se vai aprimorando, corrigindo seus erros, amoldando os seus defeitos, burilando seu caráter, exercitando a sua inteligência, elevando o seu espírito até atingir a pureza que o levará de novo para junto do Criador, de onde partira.

O simbolismo do círculo (Zero) e o seu raio (UM) é extenso, pois eles constituem a chave de todos os mistérios. Sob o aspecto Divino o círculo é o Imanifestado e a linha o Manifestado. Sob o aspecto humano, a linha dentro do círculo (Aara), é o homem colocado no centro de toda a matéria constituída pelos veículos inferiores. Vemos, então, que estas duas figuras geométricas representam, ao mesma tempo, Deus e o Homem!

O trabalho da Involução e da Evolução é representada pelos **DEZ** Sephirot (números cabalísticos) que são os seguintes:

1 - **KETHER** - a coroa, emblema da Unidade, princípio originado da manifestação do Absoluto que trabalha sobre a matéria informe e cria todo o Universo. Representa o Pai, criador da vida presente em todas as coisas. Sua ação, no homem, localiza-se em um Átomo Central, situado entre os hemisférios cerebrais;

2 -**CHOCOMAH** - é a Sabedoria desenvolvida pela inteligência. Representa a Mãe, passiva, mas orientadora e organizadora. Sua localização é no hemisfério cerebral esquerdo influindo também sobre o fígado;

3 -**BINAH** - é a Inteligência sob a influência da Sabedoria, traduzindo-se na Consciência. Representa o Filho e localiza-se no hemisfério cerebral direito e influi no coração;

4 -**CHESED** - é um aspecto, da Sabedoria que traduz bondade e misericórdia representando, a graça do Espírito Santo. Atua sobre o lado esquerdo do corpo, sendo a mão esquerda o seu principal instrumento de ação;

5 -**GEBURAH** - Princípio da força e do vigor de que carece a Sabedoria para exercer sua bondade e misericórdia. A mão direita é seu instrumento de trabalho, eis que ele age sobre o lado direito do corpo;

6 -**TIPHERETH** - é a Beleza dos sentimentos originários do coração; o equilíbrio das formas; o Ideal que inspira o Amor que liga o Criador à criatura e estas entre si;

7 -**NETSTH** - é a manifestação da Inteligência e da Justiça em sua mais alta expressão. Inteligência e Justiça são, no homem, a afirmação de que ele encontrou o caminho da Evolução pelo qual caminha, apoiando-se no pé esquerdo onde estão os reflexos deste alento do Íntimo;

8 -**HOD** - é a expressão dos contrários. A vitória de lado direito sobre o esquerdo, do ativo sobre o passivo da vida sobre a morte. O triunfo do Espírito sobre a Matéria;

9 -**YESOD** - atua na base do corpo e caracteriza a base de toda manifestação, crença e verdade;

10 -**MALAKUT** - o Reino. A obra se completou no ciclo do setenário e da década perfeitos. O Absoluto contempla, de Seu Reino, a sua obra imaculada, pura e sem defeitos. O homem queda-se satisfeito pelo dever cumprido pela iminência de sua ascensão aos páramos infinitos! Malakut age sobre os órgãos genitais que manifestam, no homem, a Força Criadora!

A interpretação correta destes Sephirot leva ao conhecimento de todo o movimento cósmico da Criação, principalmente no que se refere ao Homem, a obra-prima de Deus. O desenvolvimento do período involutivo e, principalmente o processo da Evolução ficam registrados nas várias ações que exercem os números sobre a vida humana. A Ciência dos Números (Numerologia) é complexa, mas é nela que se encontraram as explicações para os vários fenômenos que se passam no Universo e para as diferentes fases que atravessa o homem em seu constante progresso em direção ao infinito.

Um outro aspecto a ser analisado sobre a importância do número **DEZ** se ressalta, na Bíblia, pela manifestação do Criador quando, no Monte Sinai, oferece a Moisés as tábuas do Decálogo!

O Senhor Deus, na Sua onipotência, exprime Sua lei em **DEZ** Mandamentos ou artigos que resumem todo um código de Moral, insuperável! Nele estão incluídos os preceitos concernentes aos deveres do homem para com Deus e para com o seu semelhante.

A Maçonaria, fraternidade áurea, exige, de seus associados, uma conduta ilibada, exemplar e perfeitamente correta. O Maçom perfeito se enquadra, exatamente, nos preceitos do Decálogo. Vamos examinar este Código de Moral para que o Maçom possa compreendê-lo em toda a sua grandiosidade:

PRIMEIRO - "*Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão*".

Há, na proclamação acima, uma afirmação peremptória a respeito da autoridade de Deus. Este Mandamento não só exorta a crença na existência de Deus, mas, ainda, afirma uma autoridade sobre a qual irão repousar todos os outros Mandamentos. A soberania de Deus sobre seu povo sanciona a exigência da obediência exigida.

O Maçom não tergiversa quanto à crença na existência e no domínio do Ente Superior a quem ele chama de Grande Arquiteto do Universo. Aceita, com humildade, suas determinações e reverencia-O com o mais profundo respeito.

SEGUNDO - "*Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o Senhor teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniqüidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem; e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos".*

O mandamento é claro quanto à condição ímpar de Deus e não admite a concomitância de seu culto e outros cultos idólatras porque a unidade de Deus exige devoção total. O Grande Arquiteto do Universo é a autoridade suprema a quem os Maçons rendem as homenagens de seu culto. A Maçonaria não admite a existência de duas Entidades Supremas. Consulta, ao candidato, durante o cerimonial da Iniciação, se ele crê em um Principio Criador. Não lhe admite pluralidade nesta crença.

O Capítulo IV versículo 24, do Evangelho de São João, diz: "*Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade*". Como Espírito ele não pode ser adorado sob uma forma qualquer. Imagens e pinturas desviam a mente da espiritualidade e, em pouco tempo, se transformam em objeto de veneração. Deus é Espírito e só como Espírito deve ser adorado.

Nas Lojas Maçônicas encontra-se o Estandarte do Padroeiro que, geralmente é ornamentado por uma pintura do retrato de São João. Isto não quebra o preceito Divino, porque não se trata, ali, de uma figuração direta de Deus, mas, antes, é uma homenagem a uma figura exemplar que deve ser seguida nos seus atos e nos exemplos que nos legou como homem justo e perfeito que ele foi, amante da verdade, correto no proceder e firme na sua devoção. Desta maneira se explica a presença daquele Santo no interior dos Templos Maçônicos. A estampa é, antes, uma invocação, mas nunca um motivo de culto ou de adoração!

Ademais, o Mandamento que ora se comenta não encerra uma proibição de se fazerem esculturas ou pinturas nos Templos dedicados ao culto. O próprio Deus recomendou a feitura de esculturas e outros adornos como a da Serpente de Bronze (Num. XXI, 8), a construção dos Querubins (Ex. XXV, 18 a 22). A proibição é específica, quanto ao propósito de se fazerem imagens ou pinturas que tivessem à finalidade representar ou sugerir o Senhor Deus.

A parte final deste Mandamento exige certa cautela ao examiná-la afim de que ela não nos deixe a impressão de ser injusto o Mandamento. A afirmação "*eu sou um Deus zeloso*" significa que Ele é o único que tem o direito de ser amado por seu povo. Assim, a idolatria não podia ter lugar entre o povo de Deus. Também a afirmativa de que Ele visita a iniqüidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta gerações, não pode ser tomada ao pé da letra. Em Deuteronômio, Capítulo XXIV, versículo 16, lemos: "*Os pais não morrerão em lugar dos filhos, nem os filhos em lugar dos pais; cada qual será morto pelo seu pecado*".

A leitura deste capítulo e versículo nos dá a certeza de que Deus não pune os filhos por causa das ofensas dos pais. Se, contudo, os filhos continuarem a ofender a Deus, como O ofendem os pais, sofrerão por isto a mesma punição. Isto é ressaltado na frase: "*daqueles que me aborrecem*". Só os que aborrecem a Deus serão castigados.

TERCEIRO - "*Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão".*

A proibição contida no Mandamento se refere ao juramento falso, ou seja, chamar o nome de Deus para testemunha de atos ou palavras falsos, mentirosos ou frívolos. O Mandamento, porém, não exclui o uso do nome de Deus em juramentos justos, verdadeiros e solenes.

Ao Maçom é exigida, quando de seu ingresso na Ordem, a prestação de um "juramento solene". Este é dos que não estão incluídos na proibição do Terceiro Mandamento, pois ele é um compromisso sério, verdadeiro e real. Todas as sociedades, todas as religiões, todos os postos de responsabilidade, exigem a prestação de um juramento. Este juramento, a par de constituir uma garantia para os componentes da sociedade de que o seu novo membro será fiel aos compromissos assumidos, funciona, ainda, como uma "assinatura" moral dada sobre aqueles compromissos.

Infelizmente a humanidade ainda não atingiu aquele estágio de adiantamento moral pretendido pelo Senhor Jesus, de ser "o sim, sim"! Enquanto isto não acontece, há que se exigir dos homens, um "solene juramento" para se permitir o seu ingresso na agremiação maçônica.

QUARTO - "*Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus. Não farás nenhum trabalho. Nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro porque em seis dias fez o Senhor os Céus e Terra, o mar e tudo o que neles há, o no sétimo dia descansou; por isso o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou".*

Sábado (do hebreu **Shabbath**, do verbo *sabath*, significando "cessar" ou "descansar") era para ser um dia de descanso, evitando-se todo o trabalho exceto aquele que o tornava imprescindível. É interessante verificar-se a cautela encerrada no Mandamento que se preocupa em especificar todos os que não deviam trabalhar, incluindo nesta especificação até os animais. No Deuteronômio, na repetição dos Mandamentos, os animais são citados individualmente segundo sua raça! Isto distinguia a Lei de Deus das leis dos homens, pois que, enquanto estas eram falhas e cheias de privilégios, aquela se preocupava e nivelava os direitos de todos, inclusive o dos irracionais. A santificação daquele dia, em que se deveria adorar ao Criador, deu-lhe a denominação de "sábado do Senhor".

A guarda do dia de sábado teve como motivo o próprio exemplo do Criador, durante o trabalho da criação. A importância desta santificação se depreende por sua inclusão no Decálogo.

A Maçonaria celebra a glória do Grande Arquiteto do Universo e louva-se no exemplo do Seu trabalho. Por isto é recomendado ao Maçom uma vida laboriosa, honrada e perfeita. A Maçonaria, que se emprega a fundo no combate ao vício, é das primeiras a reconhecer os malefícios da ociosidade e da preguiça e procura evitá-los conscientizando seus adeptos de que "*a ociosidade é a mãe de todos os vícios*". Mas, por outro lado, ela reconhece o trabalho de maneira inteligente e, por isto, recomenda que ele não deve ser contínuo. Deve ser interrompido, algumas vezes, para o refazimento das energias corporais. Recomenda então, a observância do preceito do descanso semanal e, mais, seus Rituais falam mesmo em "horas de recreação" durante suas sessões. É a obediência à determinação de Deus. É uma afirmação de seu caráter eminentemente deísta que pretende ser negado por seus gratuitos detratores:

QUINTO - "*Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor Deus te dá".*

Quando se lê o número 3 do Livro dos Provérbios e, ainda, a Epístola aos Efésios, no Capítulo VI, versículos 1 a 4, vemos a exortação aos filhos à obediência aos pais. Esta Obediência não se limita ao acatamento de suas ordens, mas o Mandamento exige "honrarias" para os pais e estas incluem, além da obediência, o cuidado por suas necessidades e, mais, exige a relegação de suas faltas. Não há que se ver na promessa de prolongamento dos dias de vida uma garantia de que a vida individual dos filhos seja prolongada ou diminuída em virtude da observância ou inobservância do preceito. Ela deve ser entendida como um conselho para que, na família, seja preservada a ordem e a prosperidade daí advinda trará para todos dilatados dias de felicidade.

O Ritual Maçônico recomenda e as "Sindicâncias" exigem a condição de "bom filho, bom pai, bom irmão e bom esposo" como condição para o ingresso na Ordem Maçônica. Assim, está a Maçonaria integrada na obediência do Quinto Mandamento.

SEXTO - "*Não matarás".*

O Mandamento é uma salvaguarda que impõe o respeito pela vida humana. A vida é o mais precioso de todos os bens que o Senhor nos legou e, por isto mesmo, a ninguém é permitido tirá-la. Ela pertence a Deus. O Mandamento é taxativo e conciso. Não permite subterfúgios. O rigor do preceito poderia trazer Injustiça eis que há casos de homicídios acidentais e justificáveis que não poderiam, sem injustiça, ser enquadrados na sanção do homicídio voluntário. Para isto o próprio Senhor Deus providenciou os reparos necessários. Lemos no Capítulo XXI, versículo 13, deste Livro do Êxodo, que estamos examinando: "*Porém, se não lhe armou ciladas, mas Deus lhe permitiu caísse em suas mãos, então designarei um lugar para onde ele fugirá*", e em Números, Capítulo XXXV, versículo 23: "*ou não o vendo deixar cair sobre ele alguma pedra que possa causar-lhe a morte e ele morrer, não sendo ele seu inimigo, nem o tendo procurado para o mal*" etc., são casos típicos de homicídios desculpáveis ou involuntários cuja sanção não é a mesma do preceito geral.

Ao Maçom não é nem cabível passar-lhe pela cabeça a idéia de tirar a vida a quem quer que seja! Ele é, antes de tudo um cultor da vida, um defensor da vida, um respeitador da vida! Mas, há que se considerar ainda, que, matar não implica apenas em suprimir a vida do corpo material. O homicídio pode ser feito no campo da Moral e, aí, os resultados são idênticos ou piores do que os do homicídio material! Mata-se com a mentira, com a calúnia, com a desmoralização, com o descrédito, com o vitupério, com a infâmia, com a vergonha e com a desonra! O Maçom tem de precatar-se contra estes atentados à moral que aniquilam a vida e se comparam ao homicídio material. Qualquer deles é contrário à Caridade e a Fraternidade de que se orgulha o Maçom!

SÉTIMO - "*Não adulterarás*".

É um preceito garantidor da estabilidade da família e, com ela, da sociedade. Ele é válido tanto para o homem, quanto para a mulher, e isto porque a ordem é geral. Posteriormente, a imperfeição dos homens fez leis protecionistas que descarregaram na mulher a maior parte de responsabilidade, em casos de adultério, deixando para o homem quase nenhuma ou mesmo nenhuma sanção!

A Maçonaria é um dos esteios da família. Ela procura mesmo consolidar e santificar o matrimônio com o cerimonial de "Reconhecimento Conjugal" onde os nubentes, perante uma assembléia de Maçons, assumem os compromissos de amor, lealdade e fidelidade recíprocos. Desta forma, fica proscrito o adultério na Filosofia Maçônica.

Tal como o homicídio, o adultério também pode atingir ao campo da Moral. As insinuações, as trocas de expressões, as falsificações do pensamento, são formas de adultério que podem causar extremo mal. O falso testemunho é uma adulteração da verdade que pode acarretar sérias conseqüências para o homem!

O Maçom não pode praticar estes atos indignos, pois eles, como acontece nas formas de homicídio material ou moral, atentam contra a Fraternidade e contra a Caridade.

OITAVO - "*Não furtarás*".

É um Mandamento que reconhece e garante a propriedade privada.

Ele não se refere, apenas, à subtração do bem material. Atinge aos atos de apropriação aleivosas em que se aproveita do desconhecimento ou da ignorância do próximo.

O Maçom, defensor integérrimo do Direito e da Justiça é o menos indicado para se locupletar à custa da Inocência alheia! É ato contrário à honradez e à probidade, que nenhum Maçom tem o direito de praticar sem violar flagrantemente o direito de seu próximo!

NONO- "*Não dirás falso testemunho contra o teu próximo*".

É um preceito que procura salvaguardar o bom nome do próximo, evitando que ele seja objeto de difamação ou de falsas declarações. Dissemos que o falso testemunho é uma adulteração da verdade, por isto mesmo, ao Maçom, é defeso, pelos compromissos que ele tem com a Verdade, proferir falso testemunho contra seus semelhantes. Seria isto trair os compromissos por ele assumidos com a Caridade.

DÉCIMO - "*Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo nem a sua serva, nem o seu boi, nem seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo".*

A cobiça é o fermento dos interesseiros. Este mandamento se relaciona com os quatro últimos, porque qualquer deles implica, de certa forma, na cobiça.

O Maçom deve ser um desprendido por princípio. Seus sentimentos de humildade lhe ensinarão a acostumar-se com aquilo que Deus lhe deu e a satisfazer-se com as suas posses. Importar-se com a situação privilegiada de seu semelhante é torturar-se em vão. Há que trabalhar diligentemente para se igualar às posses e às posições de outrem. Nunca, porém, cobiçar-lhe os haveres ou as posições pois isto, a par de ser atentatório contra a Caridade é vexatório para os sentimentos de Humildade!

Terminam aqui os comentários para o estudo do número **DEZ**. Como se viu, ele implica em considerações de ordem filosófica que demandam atenção, estudo, compreensão e meditação.

A escolha do Todo Poderoso para classificar em **DEZ** os Seus Mandamentos, quando com a Sua onisciência Ele poderia tê-lo feito com qualquer número ressalta a importância deste número.

Outras considerações poderiam ter sido feitas a respeito deste número, mas elas iriam incursionar no campo do Mestre Secreto, que é o guardião deste número. Assim, resolvemos fazer digressões outras sem entrarem maiores detalhes que o leitor poderá ter conhecimento quando atingir àquele Grau.

Aliás, como já dissemos é curioso como o Ritual do Mestre Maçom oferece Instruções sobre os números...

O Número Onze

Diz o Ritual do Mestre que o número **ONZE** sempre foi considerado um número misterioso.

Realmente, o estudo deste número nos leva a considerações várias de ordem filosófica com o auxílio das quais podemos penetrar nos misteriosos meandros que o número oferece. Estas considerações só poderão ser levadas a efeito com o auxílio do conhecimento da chamada "Árvore dos Números" (Sephirot), que exterioriza as **DEZ** expressões da Divindade Interna e serve de intérprete do mundo das formas ou da aparência visível com os Princípios Absolutos e essenciais do Ser.

É aí que iremos, procurar o, simbolismo deste número misterioso. Este simbolismo está nas várias combinações possíveis na constituição do número **ONZE**.

Inicialmente vamos verificar que ele é resultante da soma dos números Cinco e Seis.

Segundo o que já foi estudado, o número Cinco representa, simbolicamente, o homem. É a união dos Quatro elementos materiais animados pela Quinta essência, o sopro Divino que lhes dá a vida. Como se viu, é a Matéria inerte que se transforma, movimenta e trabalha sob o impulso da Energia. Estes Cinco elementos formadores do homem são, nos Templos Maçônicos, representados pela Estrela Flamígera, símbolo do Companheiro Maçom.

Na árvore do Sephirot, aprendemos que o número Cinco - **GEBURAH** - é o princípio da força e do rigor necessitados pela Sabedoria; é o princípio que sofre a Sabedoria, sempre bondosa e benfeitora, porque é forte. Ele representa o rigor, a severidade, a punição, o temor e o julgamento. Estes elementos levam o homem a governar com sabedoria e com autodomínio moderador e repressor dos instintos, usando da necessária discrição, todos os fenômenos da vida.

Por outro lado, o número Seis é o representante simbólico de Deus, refletindo no homem, simbolizado no Triângulo do vértice voltado para baixo de que se compõe a Estrela de David, símbolo do Mestre Maçom.

No Sephirot, o Seis é **TIPHERETH**, o princípio que representa a Beleza que reside e emana do coração. Concepção luminosa do equilíbrio das formas, a Beleza é o intermediário entre o Criador e a criação. É o ideal que inspira o Amor como força atrativa que une os seres. O número Seis representa, ainda, o sentimento, o desejo, a aspiração e a vontade. Todas as coisas se constituem segundo este ideal.

O ideal está representado no entrelaçamento dos Triângulos do Hexagrama, traduzindo-se pelos anseios do homem em igualar-se a Deus, de quem é ele o reflexo.

Soma destes dois números, o **ONZE** pode ser analisado como sendo o símbolo do Ideal humano sempre voltado para Deus na ânsia de pureza e perfeição! É este Ideal que o Ritual se refere quando diz que o verdadeiro iniciado deve concentrar sobre si as energias espalhadas e difusas no ambiente. Estas energias são as que emanam do Absoluto e descem até aos homens e, ainda, as destes, quando imbuídos de bons propósitos, de bons sentimentos e de pureza. As duas Energias - Divina e humana - se fundem imbuídos de bons propósitos, de bons sentimentos e de pureza. As duas Energias - Divina e humana - se fundem e se entrelaçam, como os dois Triângulos da Estrela de David e se espalham e difundem no ambiente, principalmente no Templo, onde o Iniciado deverá procurar haurir estes influxos regeneradores para seu melhor, aperfeiçoamento, para purificar os sentimentos de seu coração e para elevar a sua mente até poder, com ela, alcançar as paragens infinitas onde habita o "inexprimível".

O número **ONZE** deve ser, ainda, examinado segundo outras combinações formadas pelos vários Sephirot.

A reunião do Quatro e do Sete constitui uma destas combinações. O Quatro é o **CHESED**, na árvore dos números e representa a misericórdia e a graça do Espírito Santo; é a segunda concepção da Sabedoria, sempre bondosa e benfeitora, porque é forte. É o poder que dá e espelha a vida, recebendo a graça, a mercê, a grandeza e a magnificência. Ele representa os Quatro elementos materiais que possibilitam a formação do mundo material, que é a realização da manifestação da vontade Divina.

O número Sete é, como sabemos, o número perfeito que representa a ação da Trindade Superior sobre o Quaternário, simbolizando o homem com todas as suas possibilidades de evolução. O Setenário é que permite ao homem discernir entre o Bem e o Mal, entre o Justo e o Injusto.

No Sephirot, o sete é **NETSTH**, que representa o triunfo da Inteligência e da Justiça que asseguram a evolução da manifestação. É a vitória, o triunfo, a firmeza que permitem o discernimento e espantam as trevas, iluminando o Caos, coordenando as forças construtoras do mundo e assegurando o progresso da criação.

O número **ONZE**, analisado sob o aspecto da reunião do Quatro e do Sete, simboliza o dirigente perfeito atuando com poder inquebrantável sobre os elementos materiais para assegurar a construção perfeita e estruturar, no Plano Físico, a materialização da vontade Divina! A principal característica deste poder de comando é o estabelecimento da ordem, evitando a desarmonia, o que só se consegue com um perfeito discernimento, com um agudo tino e uma predisposição de mando com equilíbrio e com Justiça.

O número **ONZE** pode ser decomposto nos números Três e Oito. O primeiro - o Três - é, conforme a Instrução do nosso Ritual, o número da Luz. É o símbolo do terceiro elemento que dá a forma. Ele é considerado número perfeito porque resulta da soma da Unidade e da Dualidade, conduzindo ao equilíbrio os "contrários". A Perfeição, em seu mais alto grau está simbolizada no Triângulo, com os seus três lados e os seus três ângulos. Nele, vê o Maçom, os pilares básicos para a perfeita compreensão da Maçonaria: Vontade, Sabedoria e Inteligência.

É **BINAH**, no Sephirot, a Inteligência ativa e equilibrada pela Sabedoria; é a consciência individual. É o filho nascido do Pai e da Mãe. Este é a Idéia, concebida e gerada de modo a constituir a imagem original de todas as coisas.

O Oito é o número que simboliza o procedimento moral do homem que se encontra no limiar da cognição dos mistérios do Plano Espiritual. Ele favorece o raciocínio; coordena as idéias, modera as paixões.

No Sephirot, é **HOD**, a eternidade da vitória do Espírito sobre a Matéria, do ativo sobre o passivo, da vida sobre a morte, do positivo sobre o negativo. Simboliza o encadeamento neste sentido, necessário entre as causas e os efeitos, dentro de um aspecto lógico e coordenado sob a égide da Lei e da Justiça.

O número **ONZE**, visto sob o aspecto da reunião do Três e do Oito, simboliza uma administração correta não só das coisas materiais, mas também do estudo das coisas espirituais, ambas orientadas e dirigidas por uma clara e perfeita inteligência.

Podemos verificar, ainda, a combinação dos números Dois e Nove na estruturação do número **ONZE**.

O Dois, número dos "contrários", terrível e fatídico conforme os ensinamentos do Ritual, mas que como vimos, pode ser analisado sob aspectos mais brandos onde vemos o seu simbolismo significando a trajetória do raio imanente da Divindade pelos caminhos da Involução e da Evolução, até encontrar de novo a mesma Divindade.

É o **CHOCOMAH**, do Sephirot e, como o segundo princípio manifesta a Sabedoria equilibrada pela iniciativa da Inteligência; é a Mãe e a Lei, o conhecimento do Ser. É, ainda, o pensamento criador diretamente emanado do Pai, a palavra, o verbo, a Razão Suprema.

O Nove simboliza o ato realizado e sua repercussão permanente. A experiência do passado e a semente do futuro. É a manifestação do esplendor da Divindade na conclusão de sua obra, construída pelo desejo, pelo pensamento, pela ação e realização sempre iluminados por sua Divina luz.

No Sephirot, corresponde ao **YESOD**, o fundamento e a base de toda manifestação, crença e verdade. É a representação do Plano Material onde tem lugar a construção de todas as coisas. Nele, a Energia está no estado potencial e os projetos já existem para as futuras realizações. Simboliza a Prancheta da Loja.

O número **ONZE**, como resultado da soma de Dois e Nove, simboliza, então, a irradiação da Sabedoria que se acha em projeto sobre a prancheta. É o símbolo da previsão e atuação do Iniciado sobre as coisas que acontecerão no futuro e que sobre as quais ele pode influir.

Finalmente, temos a última combinação, ou seja, a soma do Um e do Dez.

A Unidade é o princípio da projeção da vontade Divina que se exterioriza sob a forma do raio que se projeta das alturas para o início da criação. É a ação do Todo Poderoso no trabalho da constante obra da criação.

O número **UM** corresponde, no Sephirot, a **KETHER**, à coroa. É o emblema da Unidade ou o Primeiro princípio originário da manifestação; é o Pai, o Pensador, manancial da vida, essência imanente e transcendente de tudo o que existe. Unidade e centro onde se assenta o Princípio de todas as coisas que se encontram no estado potencial.

O número Dez é o número que indica o término da construção da obra. Nele, Deus assiste a realizarão de todo o deu trabalho e manifesta a Sua glória.

MALAKUT, no Sephirot, é o Reino da Trindade no Setenário perfeito. É a clausura do ciclo no cumprimento da Obra. É a pedra da perpétua transformação da matéria, fonte de todas as ilusões e de todas as imposturas.

O **ONZE** é, então, quando formado pelo Um e pelo Dez, a súmula de todos os fenômenos que se originam na década. O Um, Unidade sintetizada no todo, e este se presta à execução de todas as maravilhas que podem ser perfeitas, pelo Absoluto!

No relato que faz a Bíblia sobre os sonhos de José, há um, descrito no Gênesis, Capítulo XXXVII, versículo 9, que diz:

> Gen. XXXVII, 9 - "*Teve ainda outro sonho, e o referiu a seus irmãos, dizendo: Sonhei, também, que o Sol, a Lua e* ***ONZE*** *estrelas se inclinavam perante mim".*

O Sol e a Lua representavam o pai e a mãe de José e as **ONZE** estrelas eram os seus irmãos. No texto podemos ver como as coisas estavam se preparando, segundo os mistérios da Cabala, para o coroamento final da série numérica, ou seja, a glorificação do número Doze. O Sol e a Lua símbolos da Energia, masculina e feminina da qual a matéria foi "gerada" em doze aspectos diferentes. Eram os filhos, mas destes, um se destacaria dentre os demais e seria o seu chefe. As **ONZE** estrelas simbolizavam, desta forma, os irmãos de José, ou seja os vários e desordenados aspectos da matéria em organização que só se equilibrariam quando sobre eles uma força maior exercesse a sua ação!

O simbolismo deste estado de desarmonia dos elementos materiais, que só se harmonizariam sob o comando de um poder, é visto na constituição das Tribos organizadas entre os israelitas por Moisés, que as contou em número de doze, mas que delas separou uma - a dos Levitas - para cuidar do culto de Deus. Estes "levitas" eram os organizadores e orientadores dos componentes de todas as outras **ONZE** tribos!

O Senhor Jesus, em sua peregrinação sobre a Terra, escolheu doze auxiliares - os Apóstolos - para o seu ministério.

Os Evangelhos nos relatam que nem sempre estes doze apóstolos se encontravam de acordo e, em várias passagens vemos dissensões que se instalavam entre eles.

Esta desarmonia se explicava porque o número doze implica, sempre, na presença de um comandante sobre **ONZE** comandados. Ora, como o Senhor Jesus era o comandante geral, o equilíbrio não se estabelecia e, em razão disto sempre haviam rusgas e desentendimentos entre os apóstolos.

No episódio da "Ceia do Senhor" Judas foi desmascarado nas suas intenções homicidas e, por isto, retirou-se, abandonando os doze apóstolos e reduzindo o seu número para **ONZE**, agora comandados pelo Senhor Jesus e restabelecendo a condição necessária ao número doze para se tornar pacífico e harmônico.

A Maçonaria, estudiosa que é da Numerologia, não poderia deixar de ter algum cerimonial, rito ou outra coisa qualquer que lembrasse e cultuasse, em seus mistérios, o número **ONZE**.

Sua homenagem se faz na organização administrativa dos chamados Graus Inefáveis, na Maçonaria Capitular, quando recomenda, como condição "*sine qua non*", a necessidade da presença de, no mínimo, **ONZE** Irmãos para a constituição de um Soberano Supremo Conselho do Grau 33.

Terminam aqui as nossas considerações sobre o número **ONZE** que, apesar de ser um número misterioso, como nos diz o Ritual, pode ser entendido e compreendido em seus mistérios, desde que se faça sobre ele um estudo consciencioso e inteligente, porque o mistério, na Maçonaria, não se destina aos Maçons, mas é, tão somente, um véu que cobre certos aspectos que deverão ser guardados para, através da tradição, serem preservados através dos séculos!

O Número Doze

O estudo do número **DOZE** fecha as Instruções contidas nos Rituais dos três Graus da Maçonaria Simbólica.

Já externamos à nossa opinião pessoal de que o estudo dos números, a nosso ver não deveria; ultrapassar ao do número Nove, para os graus da Maçonaria Simbólica, ficando, o Dez e os que se lhe seguem, reservados aos estudantes integrados na Maçonaria Capitular. Assim não pensam os nossos maiores e nos acostumados a obedecer, empreendemos o estudo do Dez, do Onze e, finalmente do **DOZE**, o que faremos a seguir. É evidente que cercaremos de cuidados este nosso estudo a fim de que não ultrapassemos do limite que nos dita a prudência e, assim, o estudo cobrirá, apenas, a parte que pode ser desenvolvida segundo os conhecimentos dos Maçons de Graus Simbólicos. Vamos ao estudo:

O número **DOZE** é formado do número Um e do número Dois. Já nos estendemos bastante, no decorrer deste trabalho, sobre estes números e, por isto, não é necessário que se repitam as considerações sobre eles feitas. Basta lembrar, apenas de que, em sua representação o número Um está a esquerda, do número Dois. Isto significa que o número Um antecede, vem primeiro que o número Dois e, por isto, aquela número exerce o seu poder moderador sobre este que é o número das contradições e dos opostos. O poder, simbolizado no número Um, é o poder da própria Unidade do Absoluto e este poder controla e equilibra os efeitos do número Dois. Daí aquela afirmação que fizemos quando estudamos o número Onze, que havia uma certa preparação para o aparecimento da glória do número **DOZE**, na necessidade que se verifica no número Onze de ter sobre ele um controlador um superior, um chefe. O estudante de Numerologia tem de ser atilado e perspicaz para sentir, nos menores detalhes o simbolismo oculto que, às vezes, quando não alcançado reduz em incompreensão total. Temos aqui, uma destas sutilezas de interpretação que a muitos passa despercebida. É a afirmação que vimos fazendo de que o número onze é desarmônico e contraditório, necessitando de um outro elemento que seja o moderador do seu instinto de oposição.

A explicação está no fato de que o número Onze é formado por dois números Um e a soma de Um mais Um é igual a Dois, o número dos "contrários", um número "terrível e fatídico" como o classifica o Ritual do Aprendiz! A moderação destes contrários advém com a adição de mais uma unidade, perfazendo o **DOZE**, quando então o equilíbrio se restabelece.

Esta unidade que se adiciona é o símbolo do Poder advindo da Unidade do Absoluto. Completado o número **DOZE**, a harmonia se instala sobre os elementos (número quatro) discordantes porque nele a Trindade (número Três) está contida quatro vezes. Este é o segredo do poder de comando do número **DOZE**, de que falamos no estudo anterior.

Dentre os vários aspectos que o número **DOZE** oferece para estudo, ressalta um a que a Maçonaria dá relevo, mas que, como todos os outros relativos aos números em geral, aborda superficialmente, sem dar destaque necessário à sua compreensão. É o Zodíaco.

Cientificamente o Zodíaco é uma zona da esfera celeste cortada ao meio pela eclíptica, e em que estão contidas as **DOZE** constelações que o Sol parece percorrer durante o ano.

A eclíptica é a órbita descrita pela Terra em seu movimento de translação ao redor do Sol, no intervalo de um ano sideral; trajetória aparente do Sol sobre a esfera celeste.

O Zodíaco se estende 8 graus e 5 minutos de ambos os lados da eclíptica. Foi imaginado com esta amplitude para que nele ficassem contidas, além da do Sol, as trajetórias da Lua e de todos os planetas; a trajetória de Plutão, que foi descoberto em 1930, faz exceção a esta regra. As constelações localizadas ao longo da eclíptica e denominadas zodiacais são **DOZE**: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra (Balança), Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes.

Remonta à antigüidade a idéia da influência decisiva dos signos do Zodíaco, tanto na vida das pessoas como na história dos povos. A contemplação dos movimentos dos astros e a observação da sucessão regular dos dias e das estações impressionaram profundamente o homem primitivo e induziram-no a crer que os corpos celestes regulavam os destinos humanos. A determinação dos signos do Zodíaco resultou num incentivo a estas tendências, contribuindo para colocá-las num plano de especulação que lhes dava a aparência de fato científico. A veneração astrológica dos signos do Zodíaco refletiu-se na própria Medicina, surgindo verdadeiros mapas de localização das diferentes partes do corpo, sujeitas respectivamente à ação de determinado signo.

O princípio da influência dos astros, sobre a Terra e o homem, já foi explicado quando estudamos o número Sete. Apenas para recordar vamos dizer que as esferas celestes recebem quantidade de vibrações, luminosas e sonoras, partidas do Sol, na razão inversa das distâncias que dele guardam. Estas vibrações, partidas do Sol, compreendem uma gama extremamente grande de freqüências vibratórias e, cada esfera tem a propriedade de vibrar em uníssono com uma ou algumas destas freqüências. Como qualquer esfera recebe a gama vibratória integral, ela absorve as freqüências que lhe são harmônicas e reflete as demais que irão interferir nas outras esferas. Assim, a Terra recebe e absorve as vibrações que lhe são próprias, mas, além daquelas que lhe vêm diretamente do Sol e que com ela não se harmonizam ela recebe, das outras esferas o reflexo destas mesmas vibrações e isto influi no seu equilíbrio vibratório próprio, causando benefícios ou distúrbios que os astrólogos denominam de influências astrais.

Como sabemos que o Sol, em sua mancha aparente pela eclíptica, “visita”, durante os 365 dias do ano, por determinado tempo (30 dias), as **DOZE** constelações, ele envia para a constelação que está sendo “visitada” por ele uma quantidade maior de suas vibrações.

A constelação em foco recebe uma carga vibratória reforçada, absorve as que lhe são próprias e reflete, para a Terra e outras esferas, as vibrações que com ela não se harmonizam. Por isto, enquanto aquela constelação está recebendo a "visita" solar, exerce sobre as demais esferas, inclusive a Terra, a sua "influência", que atua, não só quanto ao indivíduo, mas, também, sobre os destinos dos povos. .

As constelações do Zodíaco são **DOZE** e o Sol, em sua marcha aparente, percorre todas elas durante o período de um ano. Acreditam os astrólogos que, no que se refere ao homem, quando, no momento da reunião do espermatozóide com o óvulo, ou seja, na concepção, a Mônada - parte imortal que animará o corpo -, "desce" do Infinito para nele se instalar. No momento de sua "descida", ela sofre a influência vibratória da constelação que está sendo "visitada" pelo Sol e reflete as vibrações que lhe são desarmônicas sobre as outras esferas. Assim, a Mônada, que é uma vibração pura, sofre a influência daquelas vibrações refletidas e, daí para frente, influi nos destinos do ser em que instalou, estando sempre pronta a vibrar em uníssono com a constelação que lhe comunicou a vibração inicial, todas as vezes, durante toda a vida do ser, que aquela constelação estiver refletindo para a Terra as suas vibrações! É o que se chama a influência do signo.

Os astrólogos não se põem muito de acordo com relação ao instante em que a Mônada individual sofre a influência astral. Enquanto uns supõem que esta influência se dá no momento da concepção, outros, e estes em maior número, acreditam que a influência se processa no momento do nascimento do indivíduo.

Para a Maçonaria os signos do Zodíaco têm influência no que se relaciona com a Iniciação. Esta é o instante em quê se dá, simbolicamente, o "nascimento" do Maçom.

É necessário esclarecer-se que as figuras apresentadas como Signos do Zodíaco são fruto da imaginação dos antigos observadores do céu que julgavam ver, no grupo de estrelas que forma cada constelação, a imagem de um animal ou de um objeto. Só com muito boa vontade se pode vislumbrar no firmamento, algo que se pareça com o animal ou coisa citadas.

Passemos a examinar agora os **DOZE** Signos do Zodíaco e o seu relacionamento com a Iniciação Maçônica:

ÁRIES - É a constelação mais conhecida por seu significado clássico do que pela espetaculosidade da sua figura ou do seu aspecto no céu. Não compreende estrelas de grande brilho, nem de características peculiares. Há dois mil anos o equinócio da Primavera foi localizado na constelação deste nome. Por isto, o símbolo para o equinócio vernal, é o próprio símbolo da referida constelação, isto é, à cabeça do aríete.

Áries corresponde ao planeta Marte e ao elemento Fogo, na simbologia maçônica e representa o fogo interior que constrói e estimula o desenvolvimento. É ele que, na Primavera, provoca a germinação das sementes e a eclosão dos rebentos. Ele representa a energia individual que, recebendo uma influência exterior, desenvolve o seu trabalho no sentido de uma realização perfeita.

Na simbologia da iniciação ele representa o ardor iniciático que impulsiona o Candidato a procurar a Iniciação.

O simbolismo de Áries, como força impulsionadora, vem da concepção inicial dada à constelação como sendo a cabeça de um aríete e que mais tarde, foi mudada para a figura de um carneiro.

TOURO - Constelação zodiacal situada entre as do Carneiro (Áries) e dos Gêmeos, ao sul da de Perseu e do Cocheiro. Nela se localizam dois cúmulos estelares abertos, conhecidos desde a antigüidade remota. O Touro é considerado, desde épocas bem remotas, símbolo de força, de bravura e de presteza. Para os gregos era a encarnação da divindade chamada Mnévis, e aparecia em vários outros ritos. No Egito, constituía o Touro ou Boi Ápis, venerado em Menfis como imagem da energia reprodutora. O Touro de Ormuz, também chamado Touro simbólico, era considerado pelos antigos persas como centralizando o princípio da vida dos homens, dos animais e das plantas. Para os hindus, o Touro era a animal próprio para os sacrifícios, o símbolo da procriação, bem como da imortalidade. Os hebreus e os helenos vertiam de preferência o sangue deste animal para aplacar a ira da divindade. Mais modernamente, o cortejo do "BoeufGras", na França, constituiu reminiscência do tempo de paganismo, era celebrado no equinócio da Primavera, quando o Sol entra no Signo de Touro; após o desfile, com um boi gordo à frente, um jovem que simbolizava a força do Sol enterrava uma espada no pescoço do animal. Certas tribos primitivas da Ásia, da América a da África ainda sacrificam, anualmente, um touro à divindade.

Na Iniciação maçônica, o Touro corresponde ao elemento Terra e ao planeta Vênus. Tanto a Terra quanto o planeta Vênus são vistos na Mitologia e na Cosmogonia como o símbolo do sexo feminino, da passividade a do amor, onde há receptividade e ambiente propício para a fecundação e elaboração interior de um novo ser. Seu papel é inteiramente feminino.

Seu simbolismo é, na Iniciação, o Recipiendário, que depois de Judiciosamente preparado, é admitido às provas da Iniciação.

GÊMEOS - Constelação zodiacal. Preside os pequenos deslocamentos e a família fora dos parentes imediatos. É o signo ativo de Mercúrio, primeiro signo mutável o primeiro do ar. É um signo de mutação, de inconstância e de poderosa atividade mental. Torna douto, engenhoso, eloqüente e sutil o seu protegido. Proporciona excessiva mobilidade para todas as coisas com relação à situação e à fortuna, com alternativas de elevação e queda.

Gêmeos corresponde, na Iniciação maçônica, ao elemento Ar e ao planeta Mercúrio. Os filhos da Terra fecundada pelo Fogo. O duplo Mercúrio dos alquimistas é simbolizado por duas Serpentes ou por uma Serpente de duas cabeças. Vitalidade construtiva e organizadora. Sublimação da matéria na flor que desabrocha. Simboliza o Neófito que recebe a Luz.

CÂNCER - Constelação representada por um caranguejo, símbolo da vida multiforme, indicando o recuo e a marcha do tempo. Esta constelação já era conhecida no Século III e Heis contou nela 99 estrelas que, observadas a olho nu, formam uma nebulosa conhecida como “Presépio”. É uma constelação de pouca importância, pois a sua estrela maior é de quarta grandeza. Na Astrologia, preside os parentes e os bens móveis. É o signo ativo da Lua, segundo signo móvel e primeiro da água. Preside à mobilidade e a atividade do ponto de vista dos sentimentos o que torna o seu protegido extremamente sensitivo, impressionável, sonhador e lunático, portador de vivíssima imaginação. Indica excelentes oportunidades de fortuna na segunda metade da vida havendo probabilidade de certa celebridade.

Na Iniciação, ele se relaciona com o elemento Água e com o satélite Lua. Lembra a organização da forma conseguida com o intumescimento da seiva, produzindo uma esplêndida vegetação em que predominam as folhas, as ervas e os legumes. Apresenta dias longos e cheios de luz. Seu simbolismo indica que o Iniciado já está instruído com os ensinamentos que lhe foram ministrados na Iniciação.

LEÃO - Constelação austral. Signo do Zodíaco ligado aos amores, aos prazeres e às crianças. É o signo ativo do Sol, segundo signo fixo e do Fogo. Preside à ambição, à nobreza, à magnanimidade. Toma seu protegido empreendedor, nobre, constante e artista, que não se deixa intimidar por ameaças e torna-se às vezes, violento. Favorece com fama e fortuna obtendo sempre êxito depois de algumas lutas.

Na Iniciação, relaciona-se com o elemento Fogo e o astro Sol. Simboliza o Iniciado quando verifica por si mesmo, e com serenidade, as idéias que puderam seduzi-lo a entrar na Ordem.

VIRGEM - Constelação austral que inclui uma estrela de primeira grandeza. É simbolizada por uma donzela, denotando a esterilidade, visto que a Terra pouco produz quando o Sol entra neste signo. É apresentada como sendo de natureza fria e seca. A este signo, tanto a Astrologia quanto a crendice popular associam uma série de presságios.

Na Iniciação, é associada ao elemento Terra e ao plana Mercúrio. Representa aqui, ao contrário da Astrologia, a esposa virginal do Fogo que dá a luz e recupera a sua virgindade. É a Terra que oferece a colheita madura para, mais tarde, receber nova semente, mostrando-se, como antes, pura e pronta para nova fecundação.

Simboliza que o Iniciado, depois de fazer a sua escolha, reúne os materiais de construção para desbastá-los e talhá-los segundo a destinação que lhes for dada.

LIBRA (Balança) - Constelação zodiacal entre a de Virgem e a do Escorpião. Preside ao matrimônio, às associações, aos processos e às guerras. É signo ativo da intelectualidade, da dedicação e da arte. Seu protegido é simpático, afetuoso, amável e, às vezes, um pouco sensual, Pode produzir dissabores e infelicidades imprevistas, mas, também, pode elevar muito, depois de muitas lutas. Oferece oportunidade de heranças e legados, de bens vindos de mulher. Há possibilidade de desentendimentos matrimoniais. Ele preside ao equilíbrio entre as forças construtivas e destrutivas.

Na Iniciação, associa-se ao elemento Ar e ao planeta Vênus. Simboliza o Companheiro em estado de desenvolver seu máximo de atividade utilmente empregado.

ESCORPIÃO - Constelação meridional, situada parcialmente na Via-Láctea e próxima à constelação da Balança. A sua estrela mais brilhante é Antares. Signo que preside a morte e as heranças. É o signo passivo de Marte, o terceiro signo fixo e o segundo da água. Violento e poderoso, no Bem ou no Mal. É signo da morte e da regeneração. Dá vontade poderosa, irresistível, sentimentos violentos e forte paixão. As violências praticadas neste signo podem ser ativas como passivas. Há possibilidade de riqueza no último quartel da vida.

Na Iniciação, associa-se ao elemento Água e ao planeta Marte. O Sol começa a descer para o hemisfério austral, causando desorganização dos elementos dissociados que procuram novas associações. Simboliza o conluio dos maus Companheiros e, ainda Hiram, ferido de morte.

SAGITÁRIO - Constelação austral representada sob a figura de um Centauro que segura um arco retesado e armado de flecha; está situada em uma das regiões mais densas da Via-Láctea, localizando-se na sua direção o centro de nosso sistema galáctico. Situa-se entre Escorpião e Capricórnio. Há nesta constelação uma estrela de primeira grandeza denominada Alfa Centauro.

É o signo do desprendimento da parte espiritual, quando deixa o corpo material. A tristeza e desolação constituem a influência deste signo.

Na Iniciação, associa-se ao elemento Fogo e ao planeta Júpiter. Hiram está morto e o seu espírito se destaca do corpo e paira nas alturas. Tudo é tristeza e pavor. A natureza toma um aspecto de desolação.

Simboliza os obreiros abandonados e sem direção que, lamentando, se dispersam à procura do Mestre assassinado.

CAPRICÓRNIO - Constelação zodiacal entre Sagitário e Aquário e representada nos antigos monumentos por uma cabra ou por uma figura com a parte anterior semelhante a uma cabra e a posterior semelhante a um peixe; era consagrada a Pã. Transportada ao céu por Zeus, tornou-se a constelação austral de Capricórnio cuja aparição anuncia o Inverno.

Segundo a tradição mais corrente, os deuses celebravam um banquete às margens do Nilo, quando, subitamente, apareceu Tifão; todos os convivas fugiram espavoridos e procuram ocultar-se sob diversas formas. Pã penetrou no rio até à cintura, transformando-se em peixe, do nível da água para baixo, e em cabra da cintura para cima. Para conservar esta memória, Zeus colocou este monstro entre as estrelas. Segundo outras tradições, Capricórnio era a cabra de Amaltéia, ama de Zeus, ou a próprio deus Pã, transformado em monstro, para combater os Titãs.

Na Astrologia ele preside à glória, às honras e ao destino. É o signo passivo de Saturno, o quarto signo móvel e o terceiro da Terra. É o signo da prudência e da ambição, sabendo aliar a astúcia à vontade. Proporciona firmeza, interesse, constância nas coisas políticas, mas torna muito versáteis a afeição e as coisas do coração.

Na Iniciação, associas-se ao elemento Terra e ao planeta Satumo. Nada mais vive; a substância terrestre está inerte, passiva, mas ainda é fecundável. Simboliza o túmulo de Hiram, descoberto graças ao ramo de Acácia, único vestígio da vida desaparecida.

AQUÁRIO - Constelação ao sul da de Pégaso. Preside aos amigos e aos eventos felizes. É o signo ativo de Saturno e o signo de Urano, quarto signo fixo e terceiro signo do Ar. É voluntarioso e muito intelectual. Seu protegido é meigo, laborioso, humilde e instruído. Atrai para o oculto, coisas misteriosas. Pequenas honrarias, mas fortuna certa. Perigo de vida em experiências perigosas. Matrimônio constante e afeiçoado.

Na Iniciação, associa-se ao elemento Ar e ao planeta Satumo. A terra descansada já tem todos os seus elementos construtivos reconstituídos. Ela se prepara para novos esforços geradores. Satura-se de dinamismo e em seu seio há abundância de forças vitalizantes.

PEIXES - Constelação da região equatorial, situada ao sul da constelação de Aquário e constituída por um pequeno grupo de estrelas, sendo a mais notável a estrela de primeira grandeza chamada Fomalhaut.

Na Iniciação, associa-se ao elemento Água e ao planeta Saturno. É o signo do ressurgimento e da revitalização. As forças criadoras se associam de novo e a terra se prepara para novas safras com seus fluidos revitalizados. Os dias tornam-se maiores, o Sol resplandece e a luz impera. Simboliza Hiram que, já levantado, torna a si, a Palavra Perdida é encontrada.

Esta é a interpretação dos signos zodiacais, feita até onde pode chegar o Maçom dos Graus Simbólicos. Como se viu, a interpretação é nebulosa e os aspectos mitológicos e astrológicos tocam, às vezes, às raias da fantasia! Tudo se resume no trabalho da natureza durante o desenvolvimento das quatro estações do ano. Tivemos que nos valer da Enciclopédia "Mérito" e do Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbolismo, dos quais se copiaram alguns trechos para poder dar uma pálida idéia aproximada da simbologia do Zodíaco.

O importante de toda esta simbologia são os aspectos da tragédia de Hiram. Mas, antes disto, o simbolismo focaliza os desejos do Candidato por seu ingresso na Ordem, os primeiros momentos de sua Iniciação, o seu trabalho como Aprendiz, depois como Companheiro para, por fim, atingir ao Mestrado, onde começa, então o desenvolvimento simbólico da lenda do Mestre Hiram.

O nosso trabalho termina aqui. Estamos cônscios de que está muito longe da perfeição, mas não deixa de ser um esforço despendido para abordar um dos assuntos mais difíceis e complicados da Filosofia Maçônica: a Simbologia dos Números!

Gostaríamos de ter maiores conhecimentos, de praticar melhores incursões pelos campos da Cabala, da Teosofia, da Astrologia, da Astronomia, da Numerologia, da História antiga e outros que se fizeram necessários para o desenvolvimento do assunto! Em todos eles bordejamos, mas faltou-nos fôlego para um maior adentramento. Os compêndios foram a nossa grande ajuda. Neles, procuramos nos abeberar com alguns conhecimentos para poder aplicá-lo nas necessidades do nosso trabalho.

De qualquer forma sentimos que oferecemos, quando nada, um princípio por onde o estudioso poderá começar.

Se alguém nos leu, o nosso muito obrigado!

Se alguém lucrou algo com a leitura de nosso trabalho, sentimo-nos inteiramente recompensados.

∴

Bibliografia

No presente trabalho foram consultadas as seguintes obras cuja leitura se recomenda:

RITUAL DO APRENDIZ MAÇOM - Grau 1.

RITUAL DO COMPANHEIRO MAÇOM - Grau 2.

RITUAL DO MESTRE MAÇOM Grau 3.

RITUAL DO MESRE SECRETO - Grau 4.

GRAU DO APRENDIZ MAÇOM E SEUS MISTÉRIOS - Jorge Adoum

GRAU DO COMPANHEIRO MAÇOM E SEUS MISTÉRIOS -Jorge Adoum.

GRAU DO MESTRE MAÇOM E SEUS MISTÉRIOS - Jorge Adoum.

GRAU DO MESTRE SECRETO E SEUS MISTÉRIOS - Jorge Adoum

MAÇONARIA SIMBÓLICA - Raul Silva.

ANTIGA MAÇONARIA MÍSTICA ORIENTAL - Swinburn Clymer.

O QUE DEVE SABER UM MESTRE MAÇOM - Papus.

PEQUENA HISTÓRIA DA MAÇONARIA - C. W. Leadbeater.

A VIDA OCULTA NA MAÇONARIA - C. W. Leadbeater.

DO APRENDIZ AO MESTRE MAÇOM - Sebastião Dodel.

O DELTA LUMINOSO - Rizzardo da Camino.

INTRODUÇÃO À MAÇONARIA - 3.0 Vol. - Rizzardo da Camino.

MANUAL DO MESTRE MAÇOM - M. Gomes.

JESUS E SUA DOUTRINA - A. Leterre.

A DOUTRINA SECRETA - H. P. Blavatsky.

PASSES E RADIAÇÕES - Edgard Armond.

A BÍBLIA SAGRADA

O NOVO COMENTÁRIO DA BÍBLIA - R. Davidson.

GRANDE DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DE MAÇONARIA E SIMBOLISMO - Nicola Aslan.

DICIONÁRIO DE MAÇONARIA - Gervásio Figueiredo.

DICIONÁRIO DA BÍBLIA - I. Davk.

ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA “MÉRITO”.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO.